

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS – PPGL
MESTRADO ACADÊMICO EM LETRAS**

VIRNA PEREIRA TEIXEIRA

VARIAÇÃO LINGUÍSTICA E FLUXOS MIGRATÓRIOS: a concordância nominal de número na fala dos moradores do bairro Campo de Belém do município de Caxias - MA

Teresina (PI), fevereiro de 2017.

VIRNA PEREIRA TEIXEIRA

VARIAÇÃO LINGUÍSTICA E FLUXOS MIGRATÓRIOS: a concordância nominal de número na fala de moradores do bairro Campo de Belém do município de Caxias - MA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da UFPI, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Letras.

Área de concentração: Linguística.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Catarina de Sena Sirqueira Mendes da Costa.

Teresina (PI), fevereiro de 2017.

FICHA CATALOGRÁFICA
Universidade Federal do Piauí
Biblioteca Setorial do Centro de Ciências Humanas e Letras
Serviço de Processamento Técnico

T266v Teixeira, Virna Pereira.

Varição linguística e fluxos migratórios: a concordância nominal de número na fala demoradores do bairro Campo de Belém do município de Caxias - MA/ Virna Pereira Teixeira. – 2017.

121 f.

Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Piauí, 2017.

Orientação: Profa. Dra. Catarina de Sena Sirqueira Mendes da Costa.

1. Varição Linguística. 2. Concordância Nominal de Número - Caxias. I. Título.

CDD 401.9

VIRNA PEREIRA TEIXEIRA

VARIAÇÃO E FLUXOS MIGRATÓRIOS: a concordância nominal de número na fala de moradores do bairro Campo Belém do município de Caxias – MA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da UFPI, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Letras.

Área de concentração: Linguística.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Catarina de Sena Sirqueira Mendes da Costa.

_____, ____/____/2017.

BANCA EXAMINADORA:

Prof.^a Dr.^a Catarina de Sena Sirqueira Mendes da Costa (UFPI)

Presidente

Prof.^a Dr.^a Iveuta de Abreu Lopes (UFPI)

Avaliadora

Dr.^a Lucirene da Silva Carvalho (UESPI)

Avaliadora

Dedico aos meus avós paternos e maternos, que me ensinaram a descobrir a beleza do campo e dos falares de nossa gente.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, em primeiro lugar, a Deus, por ser minha fonte permanente de inspiração, apoio e iluminar meu caminho na superação constante de desafios.

Aos meus pais, Iraci Pereira Teixeira e Raimundo Nonato Gomes Teixeira, por ter tido o privilégio de nascer nessa família. Sem eles, absolutamente nenhuma conquista seria possível e graças à dedicação de ambos, que me ampararam em todas as etapas da pesquisa, o trabalho pôde ser realizado.

Aos meus irmãos, Vívian, Ney Jefferson e Gustavo, que me ensinam diariamente o exercício do afeto e são meus melhores amigos.

À professora e orientadora Catarina de Sena Sirqueira Mendes da Costa, pela confiança, valiosas contribuições de estudos sociolinguísticos e oportunidade de trilhar os caminhos da variação sob um olhar mais humano e simbólico. Obrigada por tudo. Às professoras da banca de avaliação, Iveuta de Abreu Lopes e Lucirene Carvalho da Silva, pelos ensinamentos e considerações extremamente necessárias.

Aos meus colegas mestrandos, que me incentivaram e compartilharam ricas experiências acadêmicas e fraternas. Todos foram muito importantes, em particular Meryane, Rodrigo, Lucas, Jonnia e Francildo. A vocês serei sempre grata pelo carinho.

Aos professores do Mestrado em Letras da UFPI, Beatriz Gama, Marcelo dos Anjos, Chico Filho, João Benvindo e Wellington Borges, pela cordialidade e ótimas lições.

A todos os profissionais, colegas de trabalho, com quem tive o prazer de conviver ao longo desses dois anos na Secretaria de Estado da Educação do Piauí. Graças a eles pude desempenhar as atividades acadêmicas com tranquilidade e tempo necessário.

Aos informantes desta pesquisa, pela solicitude, conversa agradável e pelo manifesto orgulho de pertencerem à localidade onde vivem. A eles e à comunidade da Igreja D' Oropa registro minha permanente gratidão.

Muito obrigada a todos!

"No fim, temos, numa massa dados imensa, tomados de diversos indivíduos, em situações contextuais diversas, em tempos e lugares diferentes, enunciados que revelam certas posições enunciativas e uma luta de morte - pelo poder. O que faz a variação inerente, nesse sentido, é que a luta pelo poder não cessa nunca e fatalmente explode como pequenas erupções na montanha do vulcão, incessantemente. Se a lava se solidifica neste ou naquele ponto, mais adiante pequenas fendas se abrem. E é como se o vulcão nunca explodisse de vez, ao contrário, por algum meio misterioso, houvesse um mecanismo de retroalimentação que o fizesse expandir sem sair do lugar."

(PAGOTTO, 2004, p. 87).

RESUMO

Nesta pesquisa, cujo *corpus* é constituído por entrevistas com 20 informantes, agrupados de acordo com variáveis sociais como Escolaridade, Faixa etária e Sexo, são descritos os registros de concordância nominal de número na fala de moradores de um bairro periférico de Caxias - MA. Com base na Sociolinguística variacionista (WEINREICH *et al.*, 1968 [2006]; LABOV, 1972 [2008]) e trabalhos sobre a concordância nominal de número no Português Brasileiro (SCHERRE, 1988; NARO e SCHERRE, 2007; LUCCHESI, 2009) foram analisadas as ocorrências de variação nos sintagmas nominais das falas dos informantes, distribuídos conforme o sexo (masculino e feminino), dois níveis de escolarização – ensino médio e superior – e duas faixas etárias – dos 18 aos 34 e dos 35 aos 50 anos. Cabe destacar ainda que neste bairro houve, em décadas recentes, intensos fluxos migratórios do campo para a cidade, o que, segundo Bortoni-Ricardo (2011), influencia a incorporação ou não dos usos mais prestigiados do português, reflexão esta que também se fez presente neste trabalho. Em relação às variáveis linguísticas, com auxílio do programa Goldvarb X, os dados foram analisados segundo o princípio da Saliência Fônica (Tonicidade do núcleo), Classe morfológica do item pré-nuclear, Posição Linear e Posição Relativa dos constituintes. Os resultados desse levantamento quantitativo indicaram que os fatores mais atuantes para a realização da variante não prestigiada da concordância nominal de número são o nível médio de escolarização, a 1ª posição do item constituinte e a posição pré-nuclear do termo. As informações obtidas através das entrevistas também revelaram que a maioria dos sujeitos da pesquisa são naturais ou possuem vínculos familiares com a zona rural de Caxias, têm contato regular com os meios de comunicação de massa (televisão e Internet) e são, predominantemente, católicos, constituindo aqui a religiosidade um elemento de associação e densidade das relações sociais. Com efeito, pode-se interpretar que o *continuum* rural-urbano nos usos linguísticos desta localidade, evidenciado pelos resultados numericamente superiores da variante não prestigiada, intersecciona reflexões da abordagem funcionalista (internalista) e etnográfica da Sociolinguística, investigações que devem ser aprofundadas para verificação posterior da estabilidade/ instabilidade de tal variação, atualmente em fluxo entre a inovação e a conservação, entre o popular urbano/ rural.

Palavras-chave: Variação linguística, Concordância nominal de número, Caxias.

ABSTRACT

In this research, whose corpus is constituted by interviews with 20 informants grouped according to social variables such as Schooling, Age Range and Sex, the records of nominal number agreement in the speech of residents of a peripheral district of the city of Caxias - MA are described. Based on the variance sociolinguistics (WEINREICH *et al.*, 1968 [2006], LABOV, 1972 [2008]) and studies on nominal number agreement in Brazilian Portuguese (SCHERRE, 1988; NARO and SCHERRE, 2007; LUCCHESI, 2009), the occurrences of variation in Noun phrases of the statements of informants of the study community were taken, distributed according to gender (male and female) including two educational levels - secondary and higher education - and two age groups - from 18 to 34 and from 35 to 50 years old. It is also worth noting that in this neighborhood there has been some intense migratory flowing from the countryside to the city in the recent decades, which, according Bortoni-Ricardo (2011), it influences the incorporation or not of the most prestigious uses of Portuguese, a reflection that was also present in this work. In relation to the linguistic variables, with the aid of the Goldvarb X program, the data were analyzed according to the Principle of Phonic Emphasis (Core Tonicity), Morphological Class of the pre-nuclear item, Linear Position and Relative Position of the constituents. The results of this quantitative survey indicated that the most active factors for the realization of the non-prestigious variant of the nominal number agreement are the average schooling level, the 1st position of the constituent item and the pre-nuclear position of the term. The information obtained through the interviews also revealed that most of the individuals of the research are either originally from with the rural area of Caxias or they have family ties from this area, also having regular contact with the mass media (television and Internet), including the fact that they are predominantly Catholic, constituting here the religiosity as an element of association and density of the social relations. In fact, it can be interpreted that the rural-urban *continuum* in the linguistic uses of this locality, evidenced by the numerically superior results of the non-prestigious variant, intersects reflections of the functionalist (internalist) and ethnographic approach of Sociolinguistics, investigations that should be further investigated for later verification of the stability / instability of such variation, currently in flux between innovation and conservation, between the urban / rural popular.

Keywords: Linguistic variation, Nominal number agreement, Caxias.

LISTA DE QUADROS

Quadro 01: Características sociais dos informantes do Sexo Masculino	70
Quadro 02: Características sociais dos informantes do Sexo Feminino	71
Quadro 03: Número de informantes por perfil sociolinguístico	75

LISTA DE TABELAS

Tabela 01: Distribuição das ocorrências da variante prestigiada e não prestigiada por Sexo	78
Tabela 02: Distribuição das ocorrências da variante prestigiada e não prestigiada por Faixa Etária	80
Tabela 03: Distribuição das ocorrências da variante prestigiada e não prestigiada por Nível de Escolarização	82
Tabela 04: Análise dos grupos de fatores sociais - variante não prestigiada	88
Tabela 05: Distribuição das ocorrências da variante prestigiada e não prestigiada por Tonicidade do Item Singular - Núcleo do Sintagma Nominal	90
Tabela 06: Saliência fônica - tonicidade do item singular/ variante não prestigiada..	92
Tabela 07: Distribuição das ocorrências da variante prestigiada e não prestigiada por Posição Linear dos constituintes	93
Tabela 08: Posição linear dos constituintes/ variante não prestigiada	94
Tabela 09: Distribuição das ocorrências da variante prestigiada e não prestigiada por Classe morfológica do item plural/pluralizável pré-nuclear	96
Tabela 10: Classe morfológica do item plural/pluralizável pré-nuclear/ variante não prestigiada.....	97
Tabela 11: Distribuição das ocorrências da variante prestigiada e não prestigiada por Posição relativa	99
Tabela 12: Posição relativa/ variante não prestigiada	100
Tabela 13: Convergência entre os grupos de fatores mais influentes - variante não prestigiada.....	101
Tabela 14: Procedência dos informantes - rural/urbano.....	102
Tabela 15: Hábitos religiosos	104

LISTA DE FIGURAS

Figura 01: Cruzamentos das variáveis sociais Sexo e Faixa Etária	84
Figura 02: Cruzamento das variáveis sociais Faixa Etária e Nível de Escolarização	85
Figura 03: Cruzamento das variáveis sociais Faixa Etária e Nível de Escolarização	87
Figura 04: Contato com os meios de comunicação.....	103

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
1 FUNDAMENTOS DA SOCIOLINGUÍSTICA	17
1.1 As diferentes concepções sobre variabilidade e mudança linguística na virada do século XX	18
1.2 A hipótese de Sapir – a deriva secular	24
1.3 A Teoria da mudança e a Sociolinguística variacionista	28
2 VARIAÇÃO, FLUXOS MIGRATÓRIOS E CONCORDÂNCIA NOMINAL DE NÚMERO NO PB	36
2.1 O <i>continuum</i> rural-urbano e a análise de redes nos estudos sociolinguísticos de Bortoni-Ricardo	36
2.2 A concordância nominal em português na perspectiva de Scherre e os “traços” da deriva secular no Português Brasileiro	44
2.2.1 A concordância nominal variável no Português Brasileiro segundo a hipótese de nativização	49
2.3 Estudos recentes sobre a concordância nominal de número e migração rural-urbana nas pesquisas sociolinguísticas do Português Brasileiro	51
3 METODOLOGIA	58
3.1 Contexto sócio-histórico de Caxias	60
3.2 Dados sociodemográficos sobre o município e o bairro Campo de Belém	63
3.3 Constituição da amostra	67
3.4 Entrevista	70
3.5 Variável dependente e variáveis independentes	71
3.6 Processamento estatístico	73
3.7 Fatores relevantes para a caracterização do <i>continuum</i> rural/urbano	75
4 ANÁLISE DOS RESULTADOS	76
4.1 Grupo de fatores sociais	76
a) Sexo	76
b) Faixa Etária	78
c) Nível de Escolaridade	81
4.2 Variáveis linguísticas	88

a) Saliência fônica – Tonicidade do item singular	88
b) Posição linear dos itens constituintes	91
c) Classe morfológica do item plural/pluralizável pré-nuclear.....	94
d) Posição relativa.....	97
e) Reflexões sobre convergência e interação das variáveis sociais e linguísticas	99
4.3 Dados relativos ao <i>continuum</i> rural - urbano	100
CONSIDERAÇÕES FINAIS	105
RERÊNCIAS	111
ANEXO A – Mapa do município de Caxias - MA	116
ANEXO B – Mapa do bairro Campo de Belém	117
APÊNDICE A – Roteiro de entrevistas	118
APÊNDICE B – Modelo do Termo de Consentimento	121

1 INTRODUÇÃO

São bastante escassas as pesquisas sociolinguísticas envolvendo comunidades do município de Caxias. Apesar de figurar entre os cinco municípios mais populosos do estado do Maranhão e representar historicamente uma região economicamente próspera no século XIX, graças ao ciclo do algodão, a literatura mostra que são poucas as descrições linguísticas realizadas em Caxias e estas se limitam à investigação de variáveis fonéticas ou prestam-se aos estudos de natureza dialetológica.

A variação da concordância nominal de número no português falado no Brasil, por sua vez, é objeto amplamente pesquisado no país desde a década de 70 (SCHERRE, 1988). Estigmatizada, a variante popular da concordância nominal de número é recorrentemente associada aos baixos níveis de escolarização. Segundo Bortoni-Ricardo (2011) esse fenômeno deve ainda ser observado de acordo com os deslocamentos de grandes contingentes populacionais que migraram da zona rural de diversas regiões brasileiras para as cidades, os quais passaram então a assimilar padrões urbanos, especialmente linguísticos, a fim de se adaptarem à nova realidade social.

Nesse sentido, unem-se na proposta deste estudo duas realidades que demandam observações e análises mais sistemáticas. Inicialmente, faz-se necessário investigar o fenômeno da variação da concordância nominal de número em Caxias, tendo em vista o ineditismo de pesquisas que tratem deste objeto tomando por base a fala de seus moradores. A escolha da comunidade, o bairro Campo de Belém, destarte, diz respeito à caracterização social e geográfica da localidade. Embora situada na periferia da cidade, sua origem é predominantemente rural, o que permitiria compreendê-la também à luz das investigações sociolinguísticas de Bortoni-Ricardo (2011).

A referida autora conciliou em sua pesquisa procedimentos metodológicos quantitativos e qualitativos para obtenção de resultados. Inovou ao utilizar o paradigma de redes sociais para a análise da variação linguística nos níveis fonético e morfossintático. O *continuum* rural-urbano, assim por ela definido, pode ser melhor evidenciado com base no estudo das redes sociais dos falantes, proposta que será

discutida neste trabalho como suporte para balizar algumas considerações sobre a realidade observada.

Por outro lado, as análises de Scherre e Naro (2007), tomam a hipótese da deriva secular, formulada por Edward Sapir (1949 [1980]), como ponto de partida preferencial para explicar a gênese da variação popular da concordância nominal do português falado no Brasil. Segundo esta hipótese, variações morfossintáticas do Português Brasileiro, doravante PB, remontariam aos usos do português arcaico e, portanto, seriam extensões seculares de uma mesma variedade popular. Scherre (1988) focaliza, em particular, o papel das variáveis linguísticas para a realização da variante não prestigiada da concordância nominal de número, as quais seriam determinantes nesses usos da variedade popular.

Com efeito, o primeiro capítulo desta pesquisa, que trata da constituição da Sociolinguística e seus fundamentos, discorre sobre o surgimento dessa teoria linguística e busca evidenciar os pontos de contato entre a produção acadêmica europeia e americana, tentando estabelecer relações entre a abordagem antropológica desenvolvida nos Estados Unidos e as bases conceituais forjadas pelos círculos linguísticos da Europa. No capítulo seguinte são examinados trabalhos relevantes e contemporâneos da Sociolinguística no Brasil, com destaque para as produções acadêmicas que refletem sobre a concordância nominal de número no PB.

Sobre a metodologia utilizada, no terceiro capítulo, são apresentados os princípios sob os quais se fundamentam os procedimentos da Sociolinguística variacionista, tomada como aporte desta investigação, e a descrição de conceitos e etapas da pesquisa. A partir de um *corpus* composto por 20 entrevistas de informantes, distribuídos por sexo (feminino e masculino), duas faixas etárias (18-34 anos e 35-50 anos) e dois níveis de escolaridade (ensino médio e superior), são verificadas as ocorrências de concordância de número nos sintagmas nominais segundo as variáveis sociais mencionadas e grupos de fatores linguísticos (saliência fônica - tonicidade do item nuclear-, classe gramatical, posição linear e relativa), com o auxílio do programa Goldvarb X (SANKOFF; TAGLIAMONTE; SMITH, 2005).

Dentre os objetivos aos quais se pretende alcançar, esta investigação tem como escopo a descrição e análise das ocorrências de variação da concordância nominal de número na fala de moradores do bairro Campo de Belém de Caxias - MA. Trata-se de um estudo que busca identificar as realizações de uma variável

binária (presença formal ou informal de marcação de plural) nos casos de concordância de número entre os constituintes dos sintagmas nominais, estando estes em estruturas passivas, ora exercendo a função de sujeito da oração ou ainda atuando como predicativos do sujeito.

Os resultados desse levantamento quantitativo permitem aferir o grau de influência das variáveis linguísticas nas realizações da variante não prestigiada, assim como os grupos de fatores sociais que favorecem esta escolha dos falantes. Tendo em vista que todos os informantes selecionados foram escolarizados, ou seja, tiveram contato com as formas prestigiadas, além de outros meios que a vivência no espaço urbano possibilita, a análise traz informações sobre o tipo de representatividade que esta variável social ocupa junto a estes falantes, moradores de uma comunidade periférica e influenciada por processos migratórios da zona rural para a cidade.

Embora não tenha sido possível tratar os dados sobre migração em termos quantitativos, como uma variável social, pois isto demandaria uma amostra de informantes numericamente superior, predominam entre os falantes selecionados aqueles que possuíram ou ainda possuem vínculos com o campo, de modo que um dos propósitos desse trabalho é inferir se essa dinâmica espacial pode ser traduzida como tendência para a realização da forma não prestigiada.

A abordagem dos hábitos religiosos dos moradores do bairro Campo de Belém, assim como os dados sobre contatos dos participantes com os meios de comunicação de massa, obtidos através das entrevistas, permitem compor um quadro interpretativo que busca apresentar evidências para um posterior estudo de redes, proposto por Bortoni-Ricardo (2011), tido como relevante nesta perspectiva, para tentar apreender o fenômeno da variação da concordância nominal de número através de categorias menos fixas.

Entendendo que a hipótese crioulística, como sustenta Lucchesi (2014), não se aplica aos casos de variação morfossintática do PB, a tese da deriva secular apresentada por Scherre e Naro (2007) torna-se, no cenário da linguística brasileira, um dos modelos que ganha maior força para a explicação da mudança e variação dos casos de concordância. Não é pretensão deste trabalho discutir mudança, até porque os elementos reunidos não são suficientes para imprimir recortes diacrônicos, entretanto, os resultados da pesquisa suscitam considerações sobre os achados de Naro e Scherre (2007), lembrando que o universo de informantes aqui

colocado tem origem popular, mas teve contato com as marcas de prestígio através da escolarização.

Em síntese, através desta pesquisa é avaliada a influência dos grupos de fatores linguísticos e variáveis sociais para a realização da variante não prestigiada, levando em conta os resultados de estudos relevantes que demonstram que os fatores linguísticos são mais atuantes nos usos da concordância nominal de número. Tal constatação, em que se sobrepõe a importância das variáveis linguísticas nestas realizações, valida, nesse sentido, a hipótese da deriva secular. Contudo, os elementos sociais precisam ser melhor apreendidos nas investigações, especialmente quando estão em perspectiva noções complexas como ruralidade/urbanidade e ascensão social através da elevação dos níveis de escolaridade.

No quinto e último capítulo, a análise dos resultados traz a apresentação dos dados das ocorrências segundo a influência das variáveis, assim como a interpretação da atuação dos grupos de fatores, seja de forma isolada ou convergindo entre si. Como será visto, o contato regular com os meios de comunicação, a densidade das relações assegurada pelos hábitos religiosos católicos e a transição da moradia da cidade para o campo, ilustrada pelos antecedentes familiares da zona rural, também contribuem para a análise destes resultados.

A explicação funcionalista (internalista) da variação da concordância nominal se soma à abordagem etnográfica da Sociolinguística (*continuum* rural-urbano) para trazer à superfície estas realidades sociais e linguísticas dos falantes que aparentemente soam como díspares, mas estão em movimentação e exigirão novas pesquisas para aclarar esse porvir, que por ora pode oscilar entre a conservação e inovação.

1 FUNDAMENTOS DA SOCIOLINGUÍSTICA

Com mais de meio século de existência, a Sociolinguística tem se firmado no mundo através de uma vasta produção acadêmica. É no final dos anos 60 que ela surge, recebendo inicialmente a denominação de Teoria da Mudança Linguística, cujos principais expoentes foram Weinreich, Labov e Herzog (1968 [2006]). Os pressupostos da Sociolinguística, difundidos por estes autores nos Estados Unidos, viriam a influenciar nas décadas seguintes, em fluxo contínuo, um acentuado número de pesquisas que tomam como objeto de análise a variação e mudança linguística.

Neste capítulo, serão discutidas, de forma sucinta, as investigações linguísticas realizadas entre os séculos XIX e XX que imprimiram novos horizontes para o estudo sincrônico das línguas, assim como as bases do programa sociolinguístico, cujas origens imediatas remontam ao pós-estruturalismo e culminam com a prática analítica instaurada pela escola norte-americana.

Caberá destaque, igualmente, uma reflexão sobre a hipótese da deriva secular formulada por Sapir (1949 [1980]), proposição esta que motivou no continente americano e europeu diversos estudos sobre a mudança linguística, considerando os aspectos culturais e históricos que caracterizam dialetos e línguas em todo o mundo. O conjunto de sua obra seria também apropriado pelas teorias funcionalistas da linguagem e pela Sociolinguística, especialmente em sua vertente mais etnográfica.

O modelo proposto por Labov (1972 [2008]), que norteia este trabalho, será analisado conforme suas premissas mais gerais, destacadas, fundamentalmente, das suas investigações em Martha's Vineyard e Nova York. Antes disso, porém, são abordados os aspectos considerados mais relevantes e basilares da obra clássica da Sociolinguística, *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*, lançada pelos pioneiros Weinreich, Labov e Herzog nesta linha de pesquisa (1968 [2006]).

Encerra-se desta forma o primeiro momento desta seção e, em sequência, serão incorporadas reflexões sobre as investigações de pesquisadores brasileiros que trilharam o percurso da Sociolinguística de orientação laboviana, incorporando aos seus estudos contribuições da linguística funcionalista e da Antropologia, assim

como uma breve revisão de literatura sobre o objeto de pesquisa em análise, a variação da concordância nominal de número no PB.

1.1 As diferentes concepções sobre variabilidade e mudança linguística na virada do século XX

Os estudos sobre variação e mudança linguística são anteriores à própria instituição da linguística estruturalista, que tem como marco, no ano de 1916, a publicação da obra *Cours de Linguistique Générale*, de Ferdinand Saussure (2006). O linguista genebrino filia-se à tradição dos neogramáticos europeus que, em fins do século XIX, desenvolviam trabalhos contrários às concepções predominantes sobre a linguagem, então formuladas pelos gramáticos comparatistas.

Abandonando a busca pela reconstituição de uma língua originária, indo-europeia, cujo enfoque privilegiava o recorte diacrônico e um método de análise comparativo, os neogramáticos se dedicaram a analisar as línguas e dialetos em sua modalidade oral, ao contrário do que faziam os gramáticos comparatistas que priorizavam a escrita. Suas atenções, com efeito, voltaram-se para as mudanças pelas quais as línguas e dialetos atravessam, assim como os seus usos em vigência, de acordo com um ponto de vista sincrônico.

Dentre os neogramáticos, é importante assinalar as contribuições de Hermann Paul para uma compreensão inicial da mudança linguística, a qual viria a se tornar, mais de meio século depois, em fins da década de 60, o objeto de estudos da Sociolinguística. Conforme Weinreich, Labov e Herzog (1968 [2006]), há no tocante à obra *Prinzipien der Sprachgeschichte* (1980)¹, de Hermann Paul, muitas críticas quanto à adoção, por parte do autor, de um objeto de estudos individual, o chamado organismo psíquico, considerado inadequado, segundo os autores, para análises sobre a regularidade da mudança linguística. Paul tomou os idioletos como ponto de partida de suas pesquisas e observou, estritamente, os fatores psicofisiológicos que influíam nas mudanças fonéticas do comportamento linguístico (1968 [2006], p.39).

À soma das ocorrências identificadas em idioletos pesquisados, Paul estabelecia uma média arbitrária destes registros, o que levou o autor a construir um

¹ Tradução: Princípios Fundamentais da História da Língua

conceito denominado uso linguístico para dar conta do aspecto coletivo que até então não tinha relevância na compreensão da mudança linguística. Segundo Weinreich, Labov e Herzog (1968 [2006], p. 41),

O isolamento do indivíduo, pensava Paul, tinha a vantagem de vincular a linguística a uma ciência mais geral da psicologia. O preço deste isolamento, contudo, foi a criação de uma posição irreconciliável entre o indivíduo e a sociedade. Paul então teve de construir uma ponte teórica para passar do objeto da linguística único e individual para uma entidade transindividual.

Apesar de Hermann Paul não considerar as variáveis externas em suas análises sobre a questão da mudança e priorizar um modelo idealizado de falante, sem desenvolver as possíveis causas deste processo, suas pesquisas foram referência em Linguística Histórica até as primeiras décadas do século XX e trouxeram, ainda que de forma embrionária, conhecimentos importantes acerca de sincronia, mudança e uso linguístico.

Ao longo do século XIX na Europa, foram desenvolvidos trabalhos sobre o comportamento de diversas línguas segundo uma visão diatópica, ou seja, inicialmente levantando registros sobre as variações fonéticas observadas em distintos países, a Dialetoлогия ganhou corpo no decorrer deste século e a produção desta área culminou com o estabelecimento de um método da Geografia Linguística no início do século XX, além de reafirmar, em parte, os estudos lançados pelos neogramáticos e contribuir para a apreensão de variáveis externas na análise sistemática do comportamento linguístico.

São consideradas obras que marcam o início da Geografia Linguística o levantamento de dados feito por Wenker no final do século XIX, referentes à realidade alemã, e o *Atlas Linguistique de la France* (ALF), de Gilliéron e Edmont (1903) (ALINEI *apud* CARDOSO, 1994). É oportuno observar que estas obras buscaram dar conta da realidade linguística de grandes extensões territoriais, de nações inteiras, o que veio a estimular, posteriormente, o caminho inverso, ou seja, o desenvolvimento de atlas e estudos em áreas menores (ALINEI *apud* CARDOSO, 1994, p. 21).

A pesquisa empreendida por Wenker recebeu muitas críticas por não observar critérios como faixa etária, diferenças culturais e ter negligenciado as especificidades das variações fonéticas, uma vez que os informantes foram

investigados através de correspondências. Embora não tenha apresentado o rigor necessário para este tipo de empreendimento, segundo Cardoso (2010, p.41), Wenker teve o mérito de obter ocorrências de diversas regiões da Alemanha, totalizando 40.736 localidades.

Paralelamente à divulgação dos dados deste levantamento, a produção acelerada do *Atlas Linguistique de La France* de Gilliéron e Edmont passou a ocupar espaço de maior destaque no cenário europeu, pois foi realizado com o apoio do Ministério Francês e contou com um único investigador, Edmont, que, pessoalmente, aplicou questionários aos informantes de 639 localidades da França (2010, p.42).

Dentre as críticas a esta obra, aponta-se o fato de apenas um informante ter sido investigado na maior parte das localidades pesquisadas, isto é, em 550 regiões a obtenção dos dados foi pouco significativa e, além disso, muitas variáveis extralinguísticas não teriam sido observadas cientificamente – uma proporção representativa de mulheres não foi entrevistada, categorias sociais não foram delimitadas e houve uma distribuição desigual por faixa etária dos informantes. Cabe ressaltar, por outro lado, conforme Cardoso (2010, p. 43), que Gilliéron e Edmont inseriram dados sobre léxico neste atlas, avançando em relação aos trabalhos do período que se limitavam ao levantamento fonético de ocorrências.

Depreende-se, portanto, que as pesquisas realizadas com enfoque dialetológico contribuíram para legitimar, mesmo que sem o necessário rigor científico, as premissas discutidas pelos neogramáticos acerca da necessidade de analisar as mudanças linguísticas em uma perspectiva sincrônica, embora as variáveis externas nesta época não fossem interpretadas como elementos causais da mudança. Wenker, Gilliéron e Edmont impulsionaram os estudos dialetológicos na Europa e, em seguida, nos Estados Unidos, o que indiretamente subsidiou a constituição da Sociolinguística.

Koerner (2002), ao argumentar em favor da ligação entre os estudos dialetológicos e o surgimento da Sociolinguística, menciona ainda o fato de Max Weinreich (1894-1969), pai de Uriel Weinreich (1926-1967) ter defendido sua tese de doutorado sob a supervisão Ferdinand Wrede (1863-1934), sucessor de Wenker na Universidade de Margurg, na Alemanha.

A partir deste resgate, é possível deduzir que antes das clássicas dicotomias saussurianas desenvolvia-se na Europa um pensamento linguístico que também se pretendia científico, atento às variações linguísticas e, em certa medida, às

variações extralinguísticas que se processavam naquele contexto. Este conhecimento heterogêneo sobre a língua, forjado no velho continente, embora tenha sido apagado da proposta estruturalista de Saussure, ressurgiu esparsamente em Antoine Meillet, discípulo de Saussure, e com mais intensidade no Círculo de Praga. Mas é somente com a Sociolinguística americana que ele se tornará central nas reflexões sobre a linguagem.

Em 1893 é publicada a obra, *A divisão do trabalho social*, de Emile Durkheim, na qual são delimitados objeto de estudo, método e conceitos próprios para a caracterização da Sociologia como ciência social. Antoine Meillet (1866-1936), ex-aluno de Saussure, foi contemporâneo de Durkheim, atuando inclusive como seu colaborador na revista *L'Année sociologique*. O pensamento sociológico de Durkheim foi amplamente discutido por Meillet, o qual compartilhava a compreensão acerca da natureza social da língua e afirmava que a mudança linguística deveria ser explicada pela mudança social (MEILLET *apud* MARRA; MILANI, 2012, p. 2).

Segundo Meillet (*apud* CALVET, 2009, p.13), os limites das línguas, na realidade, coincidiam com os limites geográficos das nações, a linguagem correspondia a um fato social, independentemente dos indivíduos que a falavam e, além disso, ela reunia as características da exterioridade e coercitividade que caracterizavam os fatos sociais, conforme propunha Durkheim.

Meillet distanciou-se de Saussure quando o mestre genebrino estabeleceu a língua como um objeto homogêneo para os estudos linguísticos, secundarizando o papel dos determinantes sociais, da variação e da diacronia. Para o discípulo de Saussure, os elementos sociais, na sua acepção, deveriam constituir o próprio sistema. Há uma franca oposição entre os dois linguistas, em termos de tratamento metodológico, emprego de dicotomias e abordagem dos fatos sociais. Segundo Calvet (2009, p. 15), “Quando Saussure opõe linguística interna e linguística externa, Meillet as associa; quando Saussure distingue abordagem sincrônica de abordagem diacrônica, Meillet busca explicar a estrutura pela história.”

Embora não tenha produzido uma teoria linguística sob uma perspectiva social, os seus ex-alunos o fizeram. Sommerfelt em 1938 desenvolveu estudos que buscavam delinear uma linguística sociológica e dedicou seu trabalho à memória de Meillet. Marcel Cohen (1956), por sua vez, analisou a língua e grupos sociais, língua da cidade, língua do campo, língua distinta, língua comum, a disseminação da língua dos conquistadores e contato linguístico, termos que remetem a uma visão

sociológica sobre a linguagem. Além destes, Joseph Vendryes (1875-1960) e André Martinet (1908-1999) também foram ex-alunos de Meillet que se notabilizaram por seus estudos sobre mudança linguística. E nessa genealogia de filiações acadêmicas, é importante salientar, por fim, que Martinet orientou as pesquisas de Uriel Weinreich, um dos maiores expoentes da Sociolinguística, tanto em seu mestrado quanto no doutorado (KOERNER, 2002).

A linguística saussuriana relativizou a importância da mudança linguística na elaboração de um modelo sistêmico para as línguas, tendo em vista que admitir a heterogeneidade nas investigações linguísticas significava o mesmo que abrir mão da noção de sistema homogêneo e estável. Sem abandonar a visão sistêmica da língua e com o intuito de aprofundar os estudos de Saussure aplicados aos fatos concretos, em 1926, reunindo linguistas de várias nacionalidades, cujos pesquisadores mais destacados foram Nicolai Trubetzkoy e Roman Jakobson, o Círculo de Praga divulga suas teses literárias e linguísticas, estas últimas compreendendo análises sobre fonologia, o uso do método estrutural aplicado aos estudos históricos da língua e o emprego da noção de funcionalidade (LUCCHESI, 2004, p. 81).

A esta perspectiva teórica, que alia o método estrutural aos estudos históricos da língua, dá-se o nome de estruturalismo diacrônico, o qual seria uma revisão da linguística sincrônica formulada por Saussure. Os estudiosos do Círculo de Praga, de alguma maneira, retomam o enfoque empírico dos neogramáticos, mas não se limitam às análises fenomenológicas empreendidas por estes mesmos gramáticos. As línguas particulares passam a ser descritas em seus usos, em oposição à descrição única do sistema que as origina e a história da língua, nessa perspectiva, constituirá a história do sistema linguístico. A análise da história da língua será, com efeito, pertinente para explicar sua funcionalidade, conceito crucial para o desenvolvimento destes trabalhos (LUCCHESI, 2004, p. 82).

É importante ressaltar que os trabalhos dos linguistas do Círculo de Praga, segundo Martelota (2003) não foram influenciados somente pelo estruturalismo saussuriano. Estes pesquisadores trouxeram para os estudos linguísticos contribuições da filosofia de Husserl e da Gestalt, mais especificamente através da obra do psicólogo alemão Karl Buller. Com o aporte teórico de Buller, o Círculo de Praga também conferiu à linguagem um aspecto funcional, reelaborando assim a

visão sistêmica da *langue* ao compreender que a língua deve ter uma finalidade, importando ainda, em suas análises, a intencionalidade comunicativa do locutor.

Ademais, as pesquisas sobre as línguas a partir do seu funcionamento procuraram explicar as mudanças observadas no sistema linguístico sob uma perspectiva diacrônica, tentando adaptar o modelo sistêmico para abarcar a heterogeneidade linguística. Nesta abordagem, assim como sucedeu com os neogramáticos, a mudança não é analisada a partir de suas causas ou relações com fatores sociais, pois estes últimos não interfeririam na variabilidade das línguas. De acordo com os estruturalistas-funcionalistas, as variações são internas ao próprio sistema linguístico e devem ser analisadas em seu funcionamento na língua. As mudanças que surgem na língua seriam, por sua vez, adaptações que o próprio sistema opera para realinhar falhas internas.

Conforme Lucchesi (2004, p. 84), ainda nesse contexto de estudos pós-estruturalistas que se convencionou denominar Funcionalismo, Martinet (1908-1999) avançou teoricamente em relação a este modelo, por não circunscrever a mudança linguística à estrutura ou à sua funcionalidade. Suas explicações para as mudanças fônicas, por exemplo, buscam as causas no próprio aparelho fonador do falante, ou seja, os modos de articulação e emissão de sons seriam aspectos fisiológicos responsáveis pelas variações e consequentes mudanças linguísticas fonético-fonológicas. Entretanto, como argumenta o próprio Lucchesi (2004, p. 85),

[...] apesar de ter o mérito de transpor os limites da lógica interna do sistema, o esquema de Martinet não consegue resolver os problemas já enfrentados pelo esquema teleológico, com o agravante de tentar explicar os processos de mudança através de fatores fisiológicos, o que entra claramente em contradição com o caráter dos fatos na dimensão sócio-histórica do fenômeno linguístico.

O estruturalismo diacrônico e funcionalista, ainda que relativamente preso à concepção sistêmica da língua e refratário às variações extralinguísticas, desenvolveu um sofisticado sistema fonológico da língua (Trubetzkoy, Martinet) e inaugurou os estudos sobre as funções da linguagem (Roman Jakobson). A tentativa de incluir a mudança no modelo estruturalista não se mostrou eficaz, porque revelou a antinomia entre a heterogeneidade advinda da mudança e o recorte homogêneo que sustenta a linguística estrutural (LUCCHESI, 2004).

Se por um lado o polo funcionalista europeu estabeleceu relações mais próximas com o estruturalismo e correntes filosóficas, psicológicas em circulação

nas primeiras décadas do século XX, do outro lado do continente, na América do Norte, os linguistas que ali desenvolviam suas pesquisas em comunidades ameríndias incorporaram os pressupostos da Antropologia às investigações e deram outras feições ao funcionalismo. Considerado um dos pioneiros da linguística norte-americana de tradição estruturalista-diacrônica, Edward Sapir propôs uma explicação universal para as mudanças linguísticas, conhecida como deriva secular, cujo entendimento é importante, inclusive, para apreender as bases teóricas sobre as quais os trabalhos sobre concordância nominal de Scherre (1988) e Naro e Scherre (2007) se assentam.

1.2 A hipótese de Sapir – a deriva secular

Antes de tratar mais diretamente da obra de Sapir e sua contribuição para a explicação da mudança linguística, é preciso compreender, em linhas gerais, as filiações intelectuais deste autor na linguística norte-americana e o quadro teórico que se desenhou entre o final do século XIX e início do século XX nos Estados Unidos.

As ideias sobre as relações entre pensamento, língua e cultura, que seriam fundamentais para desenvolver o chamado relativismo linguístico norte-americano, foram discutidas inicialmente pelo filósofo alemão Wilhelm Von Humboldt (1767-1835), o qual postulava, em um contexto tomado pelo ideário romântico, que a diversidade linguística na realidade expressava diferentes visões de mundo (GONÇALVES, 2008). O fato de Franz Boas e Edward Sapir também possuírem ascendência alemã certamente aproximou suas visões e contribuiu para uma reconfiguração do paradigma filológico europeu no continente americano.

Segundo Newmeyer (2010), durante séculos na Europa os estudos do latim e do grego deram a tônica nas investigações sobre as línguas, consolidando uma longa tradição filológica que viria fortemente influenciar o surgimento da Linguística. Na América do Norte, por outro lado, o desenvolvimento das pesquisas linguísticas ganhou novos contornos. Dada a necessidade de descrição de línguas ameríndias, as quais não possuíam nenhum registro anterior à vinda de missionários europeus, a linguística norte-americana se valeu predominantemente da sincronia e dos conhecimentos antropológicos para firmar seu campo de estudos, ao contrário do caráter diacrônico que assumira a linguística europeia até o início do século passado.

Conforme o referido autor, deve-se creditar aos trabalhos de Franz Boas (1859-1942), físico e antropólogo da Universidade de Columbia, as bases da linguística norte-americana. Boas conferiu autonomia aos estudos culturais na América, desvinculando-os do determinismo evolucionista que vigorava à época. Ao tratar das línguas, por sua vez, observou que estas deveriam ser analisadas a partir de suas identidades e traços característicos, o que lhe permitira também afirmar que as línguas não possuíam uma origem comum primitiva, como criam os gramáticos comparatistas na Europa.

Na realidade, segundo Boas (*apud* NEWMAYER, 2010), havia uma relação estreita entre linguagem, pensamento e cultura, cuja expressão se dava através de diversas maneiras, de acordo com os mais variados tipos de sociedades. Essas conclusões decorreram dos achados empíricos obtidos a partir de suas investigações sobre línguas indígenas na América do Norte e os dados teriam lhe revelado, ainda, que a organização dessas línguas distinguia-se completamente das línguas europeias.

Discípulo de Boas e igualmente de origem alemã, Edward Sapir (1884-1939), como antropólogo e linguista, iniciou suas pesquisas sobre línguas ameríndias no Canadá e após fixar moradia nos Estados Unidos, a partir de 1889, foi aluno de Boas na Universidade de Columbia, tornando-se anos mais tarde professor de Benjamim Lee Whorf.

Tanto Sapir quanto Whorf foram responsáveis por difundir com maior amplitude no novo continente a tese do relativismo linguístico, inicialmente encontrada nos escritos de autores como Gottfried Wilhelm Leibniz (1646-1716), Giambatista Vico (1688-1744), Johann Gottfried Herder (1744-1803) e Wilhelm Von Humboldt (1767-1835) (CASAS, 2003). A chamada hipótese de Sapir-Whorf, também ancorada na linha antropológica cultural de Boas, pretendeu no primeiro terço do século XX elucidar os esquemas conceptuais que subjazem as línguas mediante a análise de suas estruturas linguísticas, incorporando a esta investigação elementos da psicologia social e os aspectos culturais constitutivos de cada língua (2003, 117). Na realidade, segundo esta autora, as pesquisas reunidas de Sapir e Whorf teriam como propósito, em uma perspectiva interdisciplinar, compreender as intenções comunicativas dos falantes em interações linguísticas.

Retomando a produção de Sapir, em *A linguagem: introdução ao estudo de fala* (SAPIR, 1949 [1980], p.4) J. Mattoso Câmara Jr. prefacia a tradução desta obra

para a língua portuguesa afirmando que o linguista norte-americano lançou neste trabalho, datado em 1921, as premissas teóricas que serviriam como fontes das concepções estruturalistas da glossemática do Círculo de Copenhague e da fonologia do Círculo de Praga. Esse recorte de Mattoso Câmara chama atenção para uma questão importante na constituição dos estudos linguísticos pós-saussurianos: o provável pioneirismo de Sapir no desenvolvimento da teoria fonêmica, anterior, portanto, às contribuições da escola de Praga.

Ao percorrer, ainda que sucintamente, as trilhas da historiografia linguística na Europa e América do Norte percebe-se que a mera distinção entre polo funcionalista e formalista das investigações linguísticas não é suficiente para dar conta da explicação de teorias linguísticas, que frequentemente dialogaram entre si e estabeleceram interessantes pontos de convergência. A obra de Sapir, por reunir princípios estruturalistas, funcionalistas e etnográficos é significativa nesse aspecto, além de fornecer pistas para compreender, mais de duas décadas depois, o florescimento da Sociolinguística na América do Norte e não na Europa, assim como a série de estudos que se sucederam unindo, sobretudo, pressupostos do funcionalismo e da etnografia à Teoria da Variação e Mudança Linguística.

No capítulo da referida obra, intitulado “A língua como produto histórico: a deriva”, Sapir (1949 [1980], p.119) inicia suas reflexões sobre este tema diferenciando variações linguísticas individuais de variações dialetais. Segundo o autor, apesar de o falante possuir certa liberdade para inovar linguisticamente, nem todas as suas contribuições serão incorporadas pelo grupo ao qual pertence, de modo que são as variações linguísticas entre os grupos, ou seja, as alterações compartilhadas pelos membros de uma dada comunidade em seu dialeto, o fenômeno a ser destacado nos estudos das línguas.

A partir desta constatação, Sapir (1949 [1980], p.121) infere que a variabilidade linguística não se dá apenas em termos geográficos, espaciais. Esta ocorreria também ao longo do tempo, de acordo com um curso que seria próprio à linguagem, designado como deriva. Assim, conforme o autor, a dispersão espacial de grupos de indivíduos proporcionaria a multiplicação de dialetos, especialmente em comunidades não-urbanas e localizadas, de tal maneira que da fragmentação dialetal e cultural desses grupos emergiriam derivas particulares. Sapir (1949 [1980]) assinala ainda que o estabelecimento de normas linguísticas teria a função de obstacularizar a difusão da variação dialetal e, em parte, esta uniformização

cumpriria seus objetivos, no entanto a supressão de velhos dialetos daria lugar a novos dialetos, em um processo contínuo de mudanças, com rumos definidos e orientados por uma seleção inconsciente dos falantes.

Por fim, o autor busca comprovar a eficácia desta tese discutindo variantes de itens lexicais, populares e estandardizadas, utilizadas pelo inglês. Ao analisá-las, Sapir argumenta que no caso de emprego do pronome subjetivo *who* em contextos linguísticos nos quais, segundo a então norma prescritiva, é obrigatório o uso do pronome *whom* (fadado ao desaparecimento por razões históricas e lógicas segundo o linguista), as classes populares assim o faziam tendo em vista quatro fatores, que não agiriam de forma independente.

Seriam eles: 1) o pronome *whom* não satisfaria a uma condição de simetria morfológica inconsciente; 2) *whom* é variável (possui a desinência -m), quando haveria um sentimento em inglês para manter a invariabilidade de pronome ou advérbio interrogativo; 3) a posição de *whom* na sentença enquanto forma objetiva flexional antes do verbo contrariaria a aceitação geral no inglês de formas não flexionais precedendo o verbo, embora se trate de um pronome interrogativo; 4) a locução *whom did*, por exemplo, causaria um efeito prosódico desagradável, pois o encontro de uma vogal semilonga seguida de uma consoante labial em *whom* com o -d de *did* soaria hesitante e, portanto, sem ritmo (1949 [1980], p.125-128)

Acrescenta o autor que três derivas ainda atuariam no caso específico de *whom/who*. A primeira seria a tendência de nivelar as diferenças entre as formas de sujeito e objeto, equivalendo-as. Em relação à segunda, conforme a redução do sistema flexional, o arranjo das palavras na sentença passa a expressar posições delimitadas, pré ou pós-verbais, de modo a “substituir” a relação sujeito-objeto. Por fim, quanto à terceira deriva, Sapir (1949 [1980]) afirma que o inglês possui a tendência de tornar as palavras invariáveis.

Nos estudos sobre concordância do português popular atualmente falado no Brasil há duas grandes perspectivas sociolinguísticas que procuram explicar as razões de variações registradas, quais sejam: a hipótese crioulista e da deriva secular. Esta última, que retoma a tese de Sapir acima discutida é defendida por Naro e Scherre (2007) em seus trabalhos sobre concordância nominal e verbal nas últimas quatro décadas. Neles os autores buscam, a partir de evidências empíricas de ausência da marcação de plural no português popular europeu em séculos

passados, a alegação para reafirmar a validade da tese da deriva secular aplicada ao português popular brasileiro.

Dadas as dimensões e os objetivos desta pesquisa, não seria possível resgatar mais de um século de estudos sobre a linguagem com todas as nuances e detalhamento que uma abordagem histórica requer, entretanto, ao tentar articular as diferentes reflexões que exploraram a heterogeneidade linguística, buscou-se enfatizar as origens do caráter interdisciplinar que a Sociolinguística viria assumir anos mais tarde, com uma dimensão mais funcionalista, etnográfica, ainda que apoiada em determinadas premissas e categorias formais. Ao conciliar análise dos dados empíricos e fundamentação teórica, a Sociolinguística chamada Variacionista ou Quantitativa ressignificou tradições linguísticas com orientações particulares e pretendeu não ser apenas mais uma tendência nos estudos sobre a linguagem senão reformular a própria teoria linguística.

1.3 A Teoria da mudança linguística e a Sociolinguística variacionista

De acordo com Koerner (2002, p. 273), as fontes da Sociolinguística moderna poderiam ser agrupadas em três linhas investigatórias: i) a Dialetoлогия em um plano social, cujos representantes são, entre outros, Wrede (1902), Herman (1929) e Gumperz; ii) Linguística Histórica, na qual se incluiriam os estudos de Meillet (1905), Vendryes (1921), Sommerfelt (1930), Martinet (1952b, 1955) U. Weinreich (1953) e Labov (1963,1965); e os trabalhos de Bilinguismo e Multilinguismo, desenvolvidos, por exemplo, por M. Weinreich (1931), U. Weinreich (1951), Haugen (1953), Ferguson (1959) e Friedrich (1961).

Por outro lado, Shuy (1990, p.185) argumenta em favor de uma genealogia antropológica nestas pesquisas. Alguns posicionamentos, segundo o autor, chegam a afirmar, inclusive, que a Sociolinguística seria uma versão moderna da Antropologia Linguística, ou seja, o programa sociolinguístico na verdade representaria apenas um retorno destes estudos às suas origens, a Antropologia. Hymes (*apud* Shuy, 1990, p. 186) em sua obra *Horizons of Anthropology* (1964), com efeito, divisaria as relações entre Linguística e Antropologia ao longo do século passado da seguinte maneira: na primeira metade do século XX a Linguística teria buscado autonomia em relação à Antropologia, contudo, a partir de meados deste mesmo século o traço mais característico seria a integração entre as áreas, tendo

como objetivo último das análises das estruturas linguísticas, em contextos sociais, a sua função.

Feitas estas considerações, recuperando estudos dos neogramáticos, da dialetologia-geográfica e pesquisas de caráter sociológico e antropológico, no final dos anos 60 os pesquisadores Winfred P. Lehmann e Yakov Malkiel organizaram na Universidade do Texas o Simpósio “Direções para a Linguística Histórica”.

Com o intuito de promover reflexões sobre Linguística Histórica nas universidades americanas, uma vez que a linguística estruturalista hegemonizava o cenário acadêmico desde a década de 30, Weinreich, Labov e Herzog divulgam neste Simpósio o texto “Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística”, o qual conferiu um novo olhar teórico à Linguística Histórica, reunindo conclusões que os três autores chegaram após desenvolver trabalhos sobre a variação e mudança linguística em comunidades contemporâneas. Participaram ainda deste evento importantes pesquisadores, como Henry M. Hoenigswald, John Gumperz, Einar Haugen, Raven I. McDavid, Jr., Dell Hymes, John Fischer, William Samarin, Paul Friedrich e Charles Ferguson.

Labov, Herzog e Weinreich eram professores da Universidade de Columbia em Nova Iorque à época deste Simpósio. Labov e Herzog tiveram suas teses de doutorado orientadas por Weinreich. Em sua tese de doutorado, publicada em 1951, Weinreich elaborou um importante estudo sobre o bilinguismo na Suíça e supervisionou os trabalhos de Herzog sobre dialetologia no norte da Polônia (1965), assim como as pesquisas de Labov na ilha Martha's Vineyard e na cidade de Nova Iorque (1966).

Weinreich, na introdução deste texto apresentado ao Simpósio, que se tornaria a obra clássica da Sociolinguística no mundo, propõe o seguinte questionamento “Afinal, se uma língua tem de ser estruturada, a fim de funcionar eficientemente, como é que as pessoas continuam a falar enquanto a língua muda, isto é, enquanto passa por períodos de menor sistematicidade?” (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 1968 [2006], p.35).

Esta reflexão tem dois desdobramentos importantes que norteiam as discussões desenvolvidas ao longo do trabalho. Primeiro, a afirmação de que a língua muda. Ao contrário dos estruturalistas sincrônicos que atribuem pouco significado às alterações na língua causadas pelas mudanças, estes autores reafirmam categoricamente que a mudança é um fato concreto na trajetória das

línguas em uso e, segundo, que a apreensão da mudança nos estudos sobre a língua é também incompatível com a concepção sistêmica de língua defendida pelos estruturalistas-funcionalistas.

Nesta obra, os três autores abordam as produções dos neogramáticos, dos dialetólogos, de Saussure e dos funcionalistas, sintetizando suas premissas teóricas e suas limitações para a interpretação científica da mudança linguística. Sem se comprometer com a apresentação de uma teoria que seja capaz de fornecer um modelo explicativo totalizante sobre a mudança linguística, os autores apontam os elementos que seriam indispensáveis para uma visão mais rigorosa sobre este objeto de pesquisa.

Weinreich, Labov e Herzog (1968 [2006]) propõem neste trabalho a substituição do modelo estruturalista, seja ele sincrônico, diacrônico ou ainda funcional por uma teoria linguística que incorpore a heterogeneidade da língua, a mudança. Esta passa a ser o seu efetivo objeto de estudo, que deve ser analisado à luz de pressupostos teórico-metodológicos diferenciados. Nesse sentido, é preciso compreender que a mudança linguística não é fortuita ou inerente à fala, na realidade sua observação só passa a ser possível quando uma alternância em especial começa a generalizar-se em uma comunidade de fala.

A heterogeneidade linguística, igualmente, não é caótica, existiria uma ordenação em suas realizações, de modo que o falante nativo ou uma comunidade de fala dominam as regras que orientam as variações. A mudança linguística resultaria, portanto, de um processo de heterogeneidade e variação em uma língua, entretanto, o mesmo não se dá no sentido inverso, uma vez que nem sempre as variações e a heterogeneidade provocarão mudanças linguísticas (1968 [2006], p.35)

Para que a mudança se estabilize em uma língua faz-se necessário, ainda, que a covariação de mudanças esteja associada ao longo do tempo e do espaço geográfico. Acrescente-se que as variações linguísticas e extralinguísticas estão inter-relacionadas, de forma que explicar a mudança linguística concentrando-se em apenas um dos dois aspectos não trará os resultados esperados para abarcar a complexidade da análise do comportamento linguístico através de sua observação empírica.

Outrossim, os autores elencam, em seguida, cinco princípios empíricos, apresentados sob a forma de questionamentos, que norteariam a Teoria da

Mudança linguística: o problema dos fatores condicionantes, o problema da transição, o problema do encaixamento na estrutura linguística e na estrutura social, o problema da avaliação e o problema da implementação (1968 [2006], p. 121-124).

Weinreich, Herzog e Labov (1968 [2006], p. 121), em relação à questão dos fatores condicionantes, recomendam que um dos alcances da teoria da mudança deva ser a predisposição do conjunto de condições possíveis para a mudança linguística, levando em conta que são insuficientes as análises que combinem toda sorte de variáveis independentes. No tocante ao problema da transição, é interessante ressaltar, segundo os autores, que a mudança linguística pode ser observada enquanto ela é processada, mediante a apreensão de traços marcadores como arcaico/inovador em subsistemas ou variáveis.

Sobre o encaixamento (1968 [2006], p.123), este deve ocorrer na estrutura linguística conforme

(1) estratos discretos coexistentes, definidos pela co-ocorrência estrita, que são funcionalmente diferenciados e conjuntamente disponíveis a uma comunidade de fala; e (2) variáveis intrínsecas, definidas por covariação com elementos linguísticos e extralinguísticos,

de modo que a mudança, nessa visão, ocorreria em termos gradativos, com variáveis e suas variantes alterando o sistema a partir da competência linguística dos membros da comunidade de fala, ao passo que o encaixamento na estrutura social se daria através de variações sociais e geográficas que compõe a própria estrutura linguística, cabendo ao linguista investigar, sobretudo, o grau de correlação social existente e sua influência no sistema linguístico abstrato.

Quanto ao papel da avaliação na teoria da mudança linguística, afirma-se, igualmente, que as análises de uma estrutura heterogênea não devem prescindir do exame dos correlatos subjetivos dos diversos estratos e variáveis. Ao lado destes, precisar o nível de consciência social também se faz importante para compreender a mudança (1968 [2006], p. 124). Na etapa de implementação, a qual os autores se referem como um enigma, entrariam em cena tanto elementos facilitadores quanto impeditivos da sociedade e da estrutura da língua no processo integral da mudança (1968 [2006], p.124).

Desta feita, para o entendimento da implementação, o percurso da mudança linguística é assim concebido: traços característicos da variação disseminam-se em

um subgrupo da comunidade de fala, que passa a assumir esses traços e atribuir-lhes significação social, de pertencimento ao grupo. Quando a mudança linguística se encaixa na estrutura linguística ela é também assimilada pela estrutura social, de forma gradual, ou ainda pode ser interdita pela comunidade antes que o processo se conclua. Por fim, a transição da mudança para o *status* de uma constante na comunidade promove o apagamento dos significados que o traço característico da variação inicialmente apresentava quando este se torna predominante (1968 [2006], p. 124-125).

Dentre os autores desta obra fundamental para a expansão dos trabalhos sociolinguísticos, Labov notabilizou-se no meio acadêmico, sobretudo, por impulsionar ativamente as pesquisas da área nas mais diversas regiões do mundo e por empregar, com rigor metodológico, um tratamento quantitativo dos dados pesquisados. Ao investigar as variações linguísticas, através de métodos estatísticos, os estudos desenvolvidos por Labov sobre a mudança linguística ficaram conhecidos como Sociolinguística Variacionista ou Quantitativa.

Em *Padrões Sociolinguísticos* (1972 [2008]), o autor relata as pesquisas de campo realizadas na ilha Martha's Vineyard e em Nova Iorque, nas quais são elencados os grupos de fatores analisados, como faixa etária, classe social, gênero, localização geográfica e influências estilísticas, que condicionam as variações linguísticas responsáveis pelas mudanças.

Em Martha' Vineyard, município de Massachussets, foi selecionada como variável dependente a centralização dos ditongos /ay/ e /aw/. Através de entrevistas com 69 vineyardenses, distribuídos entre 40 informantes da parte alta da ilha e 29 da ilha baixa, com ocupações diferenciadas (14 na pesca, 8 na agricultura, 6 na construção, 19 no ramo de serviços, 3 profissionais liberais, 5 donas de casa e 14 estudantes) e grupos étnicos distintos (42 descendentes de ingleses, 16 de portugueses e 9 de índios), obteve-se neste estudo 3.500 ocorrências de /ay/ e 1.500 ocorrências de /aw/, constituindo a base de dados da pesquisa (1972 [2008], p.32-33).

Para explicar a mudança linguística observada, ou seja, o aumento da centralização em relação aos dados disponibilizados nos anos 30 pelo LANE (*Linguistic Atlas of New England*), Labov aferiu que, além do paralelismo estrutural de (ay) e (aw), a variação ocorre em função de estruturas e pressões sociais (os vineyardianos mais tradicionais, especialmente da zona rural, tendem a conservar a

realização mais próxima dos seus antepassados europeus e aqueles que têm maior contato com os turistas que visitam a ilha assimilam mais facilmente a elevação da centralização dos ditongos) (1972 [2008], p. 38).

Depois desta investigação, Labov refinou as técnicas utilizadas na pesquisa em Martha's Vineyard e as empregou nos estudos da estrutura sociolinguística de uma comunidade de fala na cidade de Nova Iorque, mais especificamente em *Lower East Side*. Nesta, cuja variável escolhida foi a presença ou a ausência da consoante [r] em posição pós-vocálica, depreendeu-se, a partir de entrevistas de 264 falantes, que a estratificação social das três lojas de departamento (*status* alto, *status* médio e *status* baixo) onde trabalhavam os informantes desta pesquisa influenciava os registros da consoante [r], assim como a faixa etária, estilo e classe social (1972 [2008], p. 64).

A hipercorreção das classes baixas, igualmente, emerge como um importante fenômeno analisado neste trabalho, que por sua vez se encontra relacionado à insegurança linguística destes segmentos e à busca por prestígio social que pretendem obter através de usos linguísticos mais próximos das classes altas. Estes registros de variação das classes mais baixas, que na realidade são tentativas de adequação aos usos linguísticos padronizados, segundo Labov (1972 [2008], p. 161-162) seriam, inclusive, responsáveis por mudanças linguísticas.

Feitas estas considerações sobre o campo de estudos da Sociolinguística variacionista, faz-se necessário acrescentar algumas das reflexões de Labov (1972 [2008]) sobre o Funcionalismo. Como se verá adiante, Scherre (1988) e Naro e Scherre (2007) conciliam em seus trabalhos sobre a concordância nominal do português as perspectivas da Sociolinguística variacionista e das teorias funcionalistas contemporâneas, articulando, por exemplo, metodologia de natureza quantitativa, seus axiomas e explicação dos achados empíricos com base em um quadro teórico linguístico pressuposto por intenções comunicativas.

Em um capítulo intitulado "*The Overestimation of Functionalism*"², Labov (1994) discute a variação e mudança linguística sob as abordagens do Funcionalismo e da Sociolinguística. Tratando mais especificamente dos componentes fonético e morfológico, após evidenciar os resultados de investigações sociolinguísticas, inclusive entre os dados citados estão algumas das conclusões a

² Tradução: A superestimação do Funcionalismo

que chegaram Scherre e Naro (*apud* LABOV, 1994) sobre concordância variável no português, o autor afirma que a hipótese funcionalista não dá conta necessariamente de todo tipo de variação linguística.

Em outros termos, quando um falante escolhe uma variante, por exemplo, nem sempre esta seleção é realizada em função de uma necessidade de preservação da informação, como argumentam os funcionalistas. Labov (1994) sustenta, corroborando com o ponto de vista dos neogramáticos, que a mudança linguística, ao contrário, é foneticamente determinada e mecânica. Logo, de acordo com esta concepção, a intenção comunicativa e a própria noção de significado não motivariam a variação, tampouco a mudança linguística; estas seriam governadas, na verdade, por fatores internos.

Percebe-se, enfim, que foram necessárias muitas décadas e esforços acadêmicos das mais diferentes matizes para que a heterogeneidade (variação e mudança) fosse incorporada aos domínios da linguística do século XX, intensamente marcada pelo cânone formalista. Seja no círculo europeu ou norte-americano, os modelos linguísticos desenvolvidos certamente demarcaram fronteiras, todavia estas não impediram a confluência de ideias e a apreensão do fenômeno linguístico a partir de uma dimensão mais complexa, a um só tempo universal e específica.

Em um território marcado pela miscigenação étnica como o continente americano, o entrecruzamento destas escolas linguísticas propiciou a consolidação de uma proposta fortemente ligada aos contextos locais, em que os fatores sociais e culturais não poderiam ser meramente abstraídos das investigações na área. A Sociolinguística assim forjada buscou fincar suas premissas apropriando-se de constructos das ciências naturais (técnicas estatísticas) e do próprio estruturalismo diacrônico ou funcional para voltar as atenções da comunidade científica para um fato óbvio nas mais diferentes sociedades – a variação e mudança linguística.

Mais recentemente, as críticas ao modelo da Sociolinguística variacionista têm apontado as limitações das análises quantitativas, assim como o caráter estático das categorias sociais selecionadas (sexo, faixa etária, escolaridade, nível social, localização geográfica). Em se tratando da aplicação dos pressupostos sociolinguísticos em regiões brasileiras, os estudos linguísticos sobre migração de Bortoni-Ricardo (2011) e a abrangência das análises empreendidas por Scherre (1988) e Naro e Scherre (2007) acerca da variação da concordância nominal de número são elucidativos no sentido de ampliar os horizontes da teoria e atualizar

muitos de seus conceitos, corroborados por uma consistente produção acadêmica sobre este objeto de estudo sociolinguístico. É o que se pretende analisar no capítulo que segue.

2 VARIAÇÃO, FLUXOS MIGRATÓRIOS E CONCORDÂNCIA NOMINAL DE NÚMERO NO PORTUGUÊS BRASILEIRO

Dadas as condições sócio-históricas que caracterizam a comunidade do bairro Campo de Belém do município de Caxias – MA e as similaridades que guarda com as pesquisas empreendidas por Bortoni-Ricardo (2011) em comunidades migrantes de Brasília, introduzindo este capítulo, retoma-se, em síntese, o aporte teórico-metodológico utilizado pela autora, bem como as suas conclusões, as quais congregaram reflexões antropológicas e sociolinguísticas para compreender a variação na fala daqueles que transitaram do rural para o urbano, conservando ou construindo novas redes sociais.

Em particular, serão igualmente cotejados os estudos de Scherre (1988; 2007) acerca da concordância nominal de número no português, considerando sua proposta de diálogo entre a Sociolinguística variacionista ou quantitativa e as escolas funcionalistas da linguística contemporânea.

Em relação às publicações acadêmicas que perscrutaram o mesmo objeto de pesquisa desta investigação, a variação da concordância nominal de número em sintagmas nominais, há muitos trabalhos no Brasil sobre este fenômeno que, desde as décadas de 70 e 80, vêm lançando diversos olhares para os registros linguísticos que variam entre a correspondente realização da norma prescritiva da língua portuguesa e usos que se distanciam da variedade de prestígio.

Buscar-se-á, com efeito, destacar, sucintamente, as análises que tratam deste fenômeno, com destaque para o registro das marcas informais de concordância nominal, identificando, sobretudo, os resultados estatísticos obtidos e a correlação com os pressupostos desta pesquisa, de modo que se evidenciem também as lacunas e as possíveis contribuições do estudo aqui desenvolvido.

2.1 O *continuum* rural-urbano e a análise de redes nos estudos sociolinguísticos de Bortoni-Ricardo

O viés etnográfico que caracterizou, em certa medida, os primeiros estudos labovianos, foi estendido e ampliado nas pesquisas sociolinguísticas que lhe sucederam. Nestas, sobrelevou-se a influência de outros aspectos socioculturais nos casos de variação linguística das mais diversas comunidades de fala, o que colocou em evidência a limitação das pesquisas estritamente quantitativas e baseadas em

categorias sociais tradicionais. De acordo com Camacho (2013), quando se destaca o papel do indivíduo no processamento da mudança em um grupo social, diferentemente do que propõe a Sociolinguística variacionista, os contatos interindividuais dos falantes ou suas redes sociais passam a constituir também objeto de análise das investigações linguísticas.

Levando em conta a complexidade da formação sócio-histórica brasileira e suas diferenças dialetais, Bortoni- Ricardo (2011) tratou de elementos próprios da realidade nacional em suas análises sociolinguísticas do português falado no país. A autora afirma que o fenômeno de urbanização dos dialetos rurais, como ela assim o denomina, estaria na base de todos os processos de mudança e estandarização do português no Brasil. Daí Bortoni-Ricardo levantar como uma das principais hipóteses neste trabalho o seguinte questionamento: “[...] quais são os principais fatores atuantes na manutenção de variedades rurais e/ou não padrão no Brasil?” (2011, p. 14).

Corroborando com o que Bortoni-Ricardo (2005) afirma, segundo Lucchesi (2015), a industrialização e o conseqüente êxodo rural de grandes massas da população para os centros urbanos modificou, a partir de meados do século passado, as variedades regionais do português falado no Brasil. O contato com as variedades de prestígio propiciou a assimilação de algumas de suas formas, configurando o que o autor denomina como transformação de variação diatópica em variação diastrática. Ele sustenta ainda que (2005, p. 147),

[...] a assimilação das formas linguísticas que gozam de prestígio social constitui a característica nuclear dos padrões sociolinguísticos da parcela da população brasileira composta de indivíduos de baixa renda, com pouca ou nenhuma escolaridade, que vivem na periferia das grandes cidades ou no interior do país, a que se chama aqui de norma popular.

Isto posto, antes de discutir e apresentar os resultados de suas investigações, Bortoni-Ricardo (2011) reflete, inicialmente, sobre alguns conceitos clássicos da Sociolinguística, depreendendo que a presença tanto de traços de sociedades tradicionais estratificadas e de sociedades modernas na realidade do Brasil contemporâneo dificultam sua caracterização exclusiva em uma comunidade de fala.

Em substituição a um modelo homogêneo de análise, a autora opta por descrever e interpretar as variedades do português brasileiro ao longo de um contínuo dialetal, que compreende desde vernáculos rurais isolados à variedade

urbana de maior prestígio (2011, p. 22). Entre estes polos linguísticos estariam também variedades não padrão urbanas, utilizadas pelos segmentos mais pobres da população (analfabetos e semialfabetizados). Nestas as marcas dos dialetos rurais ainda se fariam presentes, daí a autora denominá-las como variedades *rurbanas*.

Apesar de todos os grupos sociais fazerem uso de traços graduais não padrão do português no Brasil, como enfatiza a autora, a prevalência maior destes traços é observada no vernáculo da população rural isolada e não alfabetizada, ao passo que nas variedades de prestígio urbanas eles são mais residuais.

Logo, no Brasil, conforme Bortoni-Ricardo (2005), a variação linguística está ligada à estratificação social e à dicotomia rural x urbano, sendo que ambas se inter-relacionam, pois o grande contingente populacional que migra do campo para as cidades também pertence ao estrato mais pobre da pirâmide social. Estes falantes residentes em zonas urbanas utilizam variedades populares, ainda consideradas estigmatizadas, de modo que o processo integral de assimilação da variedade de prestígio nestes contextos migratórios torna-se bastante complexo, haja vista as profundas diferenças que marcam culturas com níveis socioeconômicos bastante desiguais.

Nesse sentido, de acordo com a autora, fez-se necessário de antemão delimitar os traços linguísticos que caracterizam as comunidades rurais em todo o Brasil, reunidos no que ela apresenta como dialeto caipira, para, em seguida, discutir a sua urbanização. Bortoni-Ricardo (2011) dá destaque, inicialmente, para o quadro fonológico do dialeto caipira, no qual haveria uma tendência para o uso de sílabas abertas (monotongação de ditongos decrescentes, desnalização, apagamento de consoantes finais), tendência para paroxítonas (redução dos ditongos crescentes, redução das proparoxítonas), além de processos que afetam as líquidas e outros de natureza diversa.

Embora a proposta deste trabalho verse sobre concordância nominal, as metodologias de análise empregadas por Bortoni-Ricardo (2011), que aliam uso de programas computacionais para aferição de resultados quantitativos, paradigma de redes sociais e estudo etnográfico para interpretar quatro variáveis dependentes (vocalização de /ʌ/ em posição intervocálica, redução de ditongos crescentes em finais de palavras e a regra de concordância verbal na 1ª e 3ª pessoas do plural), contribuem para reposicionar o ponto de vista sobre o fenômeno em estudo, o qual

também é certamente influenciado pelos fluxos migratórios da zona rural para a cidade maranhense de Caxias.

Em relação ao paradigma de redes, inicialmente a autora discorre sobre o processo de apropriação da cultura urbana pelo migrante do campo e seus desdobramentos linguísticos. Apoiada no conceito de migração de Gozales e Bastos (*apud* BORTONI-RICARDO, 2011), argumenta-se que a principal motivação para indivíduos se deslocarem de um espaço para outro diz respeito às questões de ordem econômica, as quais trariam, conseqüentemente, condições dignas de sobrevivência e melhorias na qualidade de vida. Alguns depoimentos de moradores migrantes da comunidade de Brazlândia, cidade de Brasília, foram relatados para demonstrar que ocorrem mudanças significativas no padrão de vida destas pessoas quando estas optam por sair da zona rural e fixar domicílio nos centros urbanos.

São ainda citados os trabalhos de Lewis (*apud* BORTONI-RICARDO, 2011) e Cândido (*apud* BORTONI-RICARDO, 2011) para sustentar que camponeses adaptam-se com bastante facilidade às condições de vida nas cidades e, no Brasil, em específico, a transição do rural para o urbano é sobretudo acelerada, porque antes mesmo de mudar-se para a cidade, o caipira já assimilou alguns traços da cultura urbana. Sobre as conseqüências linguísticas, Cândido afirma que, durante este processo, o migrante está sujeito a padrões impostos e padrões propostos pela cultura urbana, de modo que aspectos da língua padrão são impostos neste percurso e outros são assimilados, em circunstâncias propostas.

Para Bortoni-Ricardo, a questão da homogeneização da cultura urbana no Brasil produz impactos no dialeto caipira, reconfigurando-o, entretanto, segundo os estudos de Oliven (*apud* BORTONI-RICARDO, 2011) sobre orientações valorativas de diferentes classes sociais de Porto Alegre, as classes mais baixas buscam aproximar-se, culturalmente, das classes mais altas incorporando como modelo suas práticas educativas e posicionamentos políticos, por outro lado, aquelas preservariam orientações distintas em relação às classes mais altas quanto aos temas da família e da religião, por exemplo.

A autora, por sua vez, defende que, apesar de ser bastante influente a tendência de homogeneização e padronização dos usos linguísticos a partir de categorias como classe social, a adesão às formas linguísticas de prestígio não pode ser compreendida exclusivamente por um único fator. Há movimentos

contrários a este processo, que buscam, inclusive, manter formas não padrão como instrumento de defesa e preservação de identidades.

Como ela propõe, a questão da variação da língua é um fenômeno bastante complexo para ser medido ostensivamente através de técnicas quantitativas que, implicitamente, segmentam *a priori* os usos linguísticos em categorias prestigiadas e não prestigiadas. É preciso, nessa perspectiva, realizar estudos através do paradigma de redes para obter resultados que dêem conta da diversidade sociocultural e étnica que caracteriza as línguas.

Segundo Milroy e Gordon (2003, p. 118), introduzida pelos estudos antropológicos nas décadas de 60 e 70, a análise de redes parte do pressuposto que os indivíduos criam comunidades pessoais para resolverem situações do cotidiano, estabelecendo laços entre si. Entretanto a natureza destas ligações é diferenciada, o que traz também consequências para o estabelecimento de normas linguísticas, por isso, eles concluem que

Hence, a network analysis can help to explain why a particular community successfully supports a linguistic system that stands in opposition to a legitimized, mainstream set of norms, and why another system might be less focused or more sensitive to external influences.³

Ademais, ao tratar de focalização e difusão dialetal, conceitos desenvolvidos por Le Page (*apud* BORTONI-RICARDO, 2011), a autora explica que o estabelecimento de um dialeto, ou seja sua focalização, leva décadas para consolidar-se, o que se pode perceber somente através da análise de falas de comunidades rurais isoladas, as quais apresentam altos índices de variáveis não padrão. No estudo da comunidade de fala de Brazlândia, Bortoni-Ricardo concluiu que, diferentemente de um caso de focalização, observa-se a ocorrência do fenômeno de difusão dialetal, uma vez que a mobilidade geográfica de seus participantes, em geral migrantes de outros estados do país, e o contato dos vernáculos rurais com a língua padrão são fatores que propiciam um decréscimo na frequência de variáveis descontínuas, quanto graduais.

De acordo com o quadro de análise proposto pela autora (2011, p.138), quanto maior for a mobilidade social do migrante, maior será sua integração em

³ Tradução da autora: Logo, uma análise de rede pode ajudar a explicar porque uma comunidade particular apóia com sucesso um sistema que se mantém em oposição a um conjunto de normas legitimado e dominante; e porque um outro sistema pode ser menos focado ou menos sensível a influências externas.

redes abertas e uniplex, assim como será mais imediata sua adesão à ideologia de prestígio, configurando desse modo uma situação de difusão dialetal, com a progressiva assimilação de aspectos da língua padrão e abandono de formas estigmatizadas do vernáculo rural focalizado.

Ao contrário, quanto menor a mobilidade social, este migrante se integrará cada vez mais às redes fechadas e multiplex e a focalização dialetal será mantida. Esta associação foi constada por Bortoni-Ricardo (2011) na pesquisa em Brazlândia, na qual os sujeitos da pesquisa, ao comentar sobre temas como a situação econômica nacional, religião ou sobre a realidade vivida pelos índios revelaram-se ideologicamente sintonizados com os grupos dominantes do país.

Por sua vez, esta passagem do migrante do campo para a cidade seria marcada, como ela reflete, pela necessidade de convivência com a estrutura urbana (uso de transporte público e habilidades para requerer, burocraticamente, serviços públicos como a seguridade social), pelo poder dos canais institucionais para integrar os cidadãos a uma rede urbana tomada como referência e também por uma disposição motivacional dos migrantes para internalizar estes novos valores.

Na seção que trata de redes isoladas e integradas (2011, p. 132), a pesquisadora identificou, em Brazlândia, que as redes sociais nesta localidade são fortemente influenciadas pelas características de comunidades *rurbanas* de baixo *status* social, as quais, em geral, valorizam sobremaneira as relações de parentesco e os vínculos estabelecidos com a vizinhança. Por outro lado, observou-se que esta generalização não é suficiente para dar conta de distinções internas que foram identificadas nestas estruturas.

A transição rural-urbana vivenciada pelos migrantes de Brazlândia deve ser analisada por meio de uma continuidade rural-urbana, que, conforme Banton (*apud* BORTONI-RICARDO, 2011, p. 47), pode ser alta, caso os migrantes mantenham fortemente os vínculos pré-migratórios, ou baixa, se os indivíduos começam a perder suas relações estreitas com vizinhos e pares e passam a estabelecer novas ligações com os membros do espaço urbano, adotando, com efeito, os seus referenciais sociais, culturais e econômicos.

Nesse sentido, a análise de redes, de acordo com Bortoni-Ricardo (2011), permite compreender esse processo de transição do rural para o urbano, vislumbrando, sobretudo, como se dá a integração deste migrante na cultura urbana, que, ao se apropriar de diversos papéis culturais, insere-se cada vez mais nestes

ambientes complexos, ampliando as distâncias que o separam de sua comunidade rural de origem, tradicional e hegemônica. Daí a importância da distinção entre redes isoladas e redes integradas.

As redes isoladas se caracterizariam por alto nível de continuidade rural-urbano, haja vista a grande proximidade territorial das residências dos migrantes, parentes e vizinhos, e também por baixa densidade de relações de papéis. As redes integradas, por sua vez, seriam menos compactas, com vínculos mais esparsos e heterogêneos. Há, igualmente, um nível baixo de continuidade rural-urbano e um sistema de relações de papéis mais complexo.

Em termos linguísticos, as redes isoladas contribuem para a preservação da identidade e focalização do vernáculo e as redes integradas proporcionam a difusão dialetal, posto que a interação cada vez mais frequente com vários atores sociais flexibiliza as normas do código de origem, permitindo, com efeito, a assimilação de estilos e padrões lingüísticos de prestígio.

Por fim, sobre este tema, a autora observa ainda que, embora estes dois conceitos sejam importantes para auxiliar a análise deste processo gradual de transição do rural para o urbano, a distinção entre redes isoladas e redes integradas não deve ser tomada de forma dicotômica, uma vez que, por exemplo, nenhum destes conceitos se aplica rigorosamente à categoria de classe média urbana. Além disso, os conflitos entre identidade de grupo e motivações externas ao grupo são contínuos, de maneira que para apreender a complexidade desse processo estes termos devem ser tratados em um sentido relativo e não meramente absoluto.

Vale ressaltar, com efeito, que para aferir índices de integração nas redes sociais e índice de urbanização dos informantes de Brazlândia foram organizados sociogramas e sociomatrizes com os dados coletados, assim como foram empregados procedimentos de computação, disponibilizados pelo programa *Network Routine*.

Feitas estas considerações sobre o estudo de redes, é oportuno examinar, igualmente, na perspectiva variacionista, os resultados e conclusões desta pesquisa realizada em Brazlândia, entre os anos de 1980 e 1981. Sobre a amostra, foram entrevistados 118 moradores, distribuídos assim: 53 homens, 65 mulheres e duas faixas etárias, adultos e jovens, com idades que variavam dos 15 aos 64 anos. Constatou-se que em sua maioria os informantes eram migrantes do campo, com diferenças entre os períodos de residência de cada indivíduo.

Quanto à influência dos meios de comunicação, a maioria respondeu que o contato mais frequente ocorria com o rádio, seguido da televisão. Sobre os dados de ocupação, grande parte dos informantes era constituída por trabalhadores urbanos não qualificados. No que diz respeito à escolaridade, a maioria dos adultos, de ambos os sexos, era analfabeta ou com menos de quatro anos de escolarização, ao passo que entre os mais jovens predominaram os dados referentes à conclusão do ensino médio.

À época, para aplicação da regra variável foi utilizado o modelo probabilístico aditivo, com apoio da análise de variância (ANOVA) (2011, 173). As ocorrências obtidas a partir das quatro variáveis selecionadas (vocalização de /ʌ/ em posição intervocálica, redução de ditongos crescentes em finais de palavras e a regra de concordância verbal na 1ª e 3ª pessoas do plural) foram correlacionadas com fatores linguísticos e extralinguísticos. Além disso, foram estabelecidas relações entre os índices de integração, urbanização e os percentuais atribuídos às variáveis, de modo a aferir em que medida uma maior exposição às variedades de prestígio e convivência com os valores da cultura urbana influenciariam a modificação do dialeto caipira.

É interessante notar que a respeito da variável concordância verbo-nominal na 3ª pessoa do plural, os achados empíricos conduziram à seguinte afirmação (2011, p. 234),

Resumindo os diversos pontos do argumento, podemos concluir com confiança que, à medida que os migrantes rurais se envolvem mais com a cultura dominante, tendem a exibir melhor controle da regra de concordância. Tal processo gradual de recuperação de desinências verbais é condicionado por uma escala de saliência, i.e., formas verbais que apresentam oposições singular-plural mais perceptíveis são as primeiras a adquirir as flexões.

Ao relacionar estes resultados com os índices de urbanização e integração, Bortoni-Ricardo observou que há uma estreita relação entre o processo de difusão dialetal do migrante adulto do sexo masculino, com aquisição da variante-padrão, contudo, junto às mulheres, os dados foram pouco significativos quando correlacionados os índices, de modo que se constatou que as mulheres ficavam mais confinadas às relações de parentesco e vizinhança.

No mais, sem adentrar propriamente no debate contemporâneo sobre as hipóteses que explicam os aspectos constitutivos do PB, Bortoni-Ricardo (2014), ao

tratar sucintamente da possível existência de *pidgins* no Brasil, argumenta que Naro e Scherre (2007) são contrários a esta eventual presença, embora Lucchesi (2008) defenda que *pidgins* tenham surgido no país entre os séculos XVI e XVIII.

Efetivamente, a conversão dos registros linguísticos deste período para uma língua crioula não teria tido sucesso, em função da presença portuguesa cada vez mais maciça em território nacional. Por outro lado, a autora cita ainda, em favor do processo de *pidgnização* no Brasil, uma provável evidência trazida por Serafim da Silva Neto (*apud* BORTONI-RICARDO, 2014), identificada em um fragmento de português falado por índios em 1620. Tais contatos linguísticos, por sua vez, teriam, conforme a autora (2014, p. 32), influenciado principalmente os vernáculos rurais, pois a população residente no campo à época era composta majoritariamente de negros e indígenas, o que corroboraria para a utilização de variedades mais distantes das normas de prestígio do português europeu.

Assim, encerrando as considerações sobre esta proposta de investigação, cabe assinalar, não obstante, que o recorte sócio-histórico trazido por Bortoni-Ricardo em suas análises sociolinguísticas demonstra maior proximidade da autora com a corrente que atribui ao contato do português europeu com as línguas africanas e indígenas no Brasil colonial influência decisiva para a aquisição das variedades populares do atual PB, ainda que não haja refutação explícita da hipótese da deriva secular nas obras em estudo.

Em linha diversa de pesquisa, por sua vez, situam-se os trabalhos de Scherre (1988) e Naro e Scherre (2007) sobre concordância nominal de número, os quais admitem outra origem para as variedades populares em uso atualmente no país. Mais adiante, tratar-se-á destas análises voltadas especificamente para a compreensão da variante da concordância nominal não prestigiada do PB, objeto sobre o qual o interesse deste trabalho necessariamente recai.

2.2 A concordância nominal em português na perspectiva de Scherre e os “traços” da deriva secular no Português Brasileiro

Em ciência, determinados estudos ganham excelência no debate acadêmico, dada sua relevância, e recebem ao longo dos anos o *status* de obras “canônicas”. É o caso das investigações de Marta Scherre acerca da concordância nominal do português, que tiveram início ainda nos anos 70 e perfilaram as décadas seguintes, adentrando o século XXI com novas revisões e atualizações. Não há, portanto, como

tratar desta variável no âmbito da Sociolinguística brasileira sem partir das considerações da autora nestes mais de quarenta anos de produção que ela acumula.

Cabe preliminarmente esclarecer que a tese de doutorado de Scherre, intitulada como *Reanálise da Concordância Nominal em Português*, publicada em 1988, retoma o mesmo tema das pesquisas realizadas por Braga e Scherre em 1976, assim como das investigações de Braga em 1977, Scherre em 1978, Ponte em 1979, Carvalho Nina em 1980 e Guy em 1981. Os resultados destes trabalhos da autora, por sua vez, serão novamente abordados, em 2007, na obra *As origens do português brasileiro*, escrita em coautoria com Anthony Julius Naro.

Tendo como propósito último identificar as circunstâncias sociais e linguísticas em que as ocorrências de concordância nominal no português seriam mais ou menos prováveis, Scherre procurou nesta tese de doutoramento descrever e explicar a variação da concordância nominal em uma língua específica, o português, ao tempo em que apresentou novos aspectos para serem tomados como princípios universais na teoria geral da linguística. Além disso, foram discutidas as conexões entre variação e mudança linguística, assim como a consistência ou não da variação inerente.

Reunindo somente informantes radicados no Rio de Janeiro, esta pesquisa é constituída por entrevistas com 64 sujeitos. No primeiro grupo de informantes foram selecionados, entre 1982 e 1984, 48 indivíduos com idades entre 15 a 71 anos de idade, sendo que esta amostra foi retirada de um banco do Projeto Censo, organizado em parceria por universidades do Rio de Janeiro (UFRJ, UFRRJ, UFF, UFJF). Observou-se, com efeito, três variáveis sociais nesse conjunto: escolarização, faixa etária e sexo. Em relação ao nível de escolaridade, dividiu-se os informantes em três grupos: 1 a 4 anos de escolarização (antigo primário), 5 a 9 anos (antigo ginásial) e 9 a 11 anos (antigo colegial)⁴. Scherre (1988) explica ainda que os universitários não fizeram parte da amostra porque a fala deste segmento era, neste mesmo período, objeto de estudo do Projeto NURC-RJ, assim como os analfabetos, já investigados pelo Projeto Competências Básicas do Português junto ao MOBREAL (1977).

⁴ De acordo com a LDB 9.394/96 as duas primeiras etapas referidas correspondem atualmente ao que se convencionou como Ensino Fundamental e o último termo é equivalente à conclusão da Educação Básica, que inclui também a finalização do Ensino Médio.

Quanto à idade, distribuiu-se os sujeitos em três faixas etárias: a primeira contendo jovens de 15 a 29 anos, a segunda reunindo adultos entre 26 a 49 anos e a terceira envolvendo informantes com 50 anos em diante. Ademais, os 48 entrevistados foram divididos entre os sexos feminino e masculino.

O segundo momento desta pesquisa envolveu 16 falantes com idades entre 7 a 14 anos. São todos nascidos e criados no Rio de Janeiro e estudam em escolas públicas. Com os mesmos critérios extralinguísticos, os informantes foram classificados da seguinte forma: i) anos de escolarização - oito indivíduos com 01 a 04 anos (primário) e os demais com 05 a 08 anos de permanência na escola (ginásial); ii) Sexo - 8 meninos e 8 meninas; iii) Faixa etária - 16 indivíduos com idades entre 7 a 14 anos (oito crianças com 7 a 10 anos e os outros informantes com idades entre 10 a 14 anos).

É importante acrescentar que nesta investigação, assim como no trabalho de Bortoni-Ricardo (2011), foram obtidos dados relativos ao contato dos informantes com os meios de comunicação e sua frequência, com a finalidade de testar a influência das formas de prestígio nos usos dos falantes.

Ainda em relação à amostra, a autora analisou sintagmas nominais com todas as marcas formais de plural (ex. todos os dias), sintagmas nominais com algumas das marcas de plural (ex. essas estradas *nova*) e sintagmas sem nenhuma marca formal de plural explícita (ex. dois *risco verde*) (Scherre, 1988, p.32).

No total, foram levantados em 64h de entrevista 7.193 sintagmas nominais, sendo que, destes, 6.027 foram realizações de adultos e 1.166 de crianças. Em português considerado culto, segundo Bechara (2005, p.543), “a concordância consiste em adaptar a palavra determinante ao gênero, número e pessoa da palavra determinada”, e, em se tratando de concordância nominal, a relação de conformidade se dá em gênero e número entre adjetivo, pronome, artigo, numeral ou participio (determinantes) e o substantivo ou pronome (palavras determinadas).

A concordância nominal de número em português prestigiado é, conseqüentemente, redundante, ao passo que a não realização desta concordância, com ausência de marcação de plural, é tida como um caso de variação popular.

O arcabouço teórico da tese de Scherre (1988) compartilha dos pressupostos da Teoria da Variação Linguística de Labov ou Sociolinguística quantitativa e de teorias funcionalistas contemporâneas, as quais congregam em seu bojo contribuições da gramática formal, da Sociolinguística e Etnografia da comunicação.

Logo, é com os autores Du Bois (1984 *apud* Scherre, 1988, p.37) e Nichols (1984 *apud* Scherre, 1988, p. 40) que ela estabelecerá diálogo mais intenso, além de contraditar certas afirmações do Funcionalismo mais próximo do Gerativismo, representado por Kiparski e suas Condições de Distintividade (*apud* Scherre, 1988, p. 43).

Apoiando-se em Dubois (*apud* SCHERRE, 1988, p. 46), a autora compreende que o Estruturalismo autônomo e o Funcionalismo transparente (segundo o qual todos os fatos em uma língua são regidos por objetivos funcionais do indivíduo) podem ser conciliáveis em uma teoria linguística, pois tanto forças internas quanto externas atuam nas línguas. Cabe à Linguística, pois, elucidar os elementos que, de forma complexa, articulam a gramática ao discurso.

Mais especificamente, Scherre (1988) trata, no quadro do Funcionalismo, dos princípios ou motivações externas que intervêm nas línguas. Com base em Haiman, Du Bois, Naro e Votre (*apud* SCHERRE, 1988) são destacados cinco princípios ou motivações: 1) Princípio da Iconicidade ou Motivação Icônica; 2) Princípio da Economia ou Motivação Econômica; 3) Princípio do Fluxo de Informação Preferido; 4) Princípio da Topicidade; 5) Princípio da Natureza Comunicativa Periférica da Oração VS ou Princípio da Tensão Baixa. Além destes, a autora também discutirá o Princípio da Saliência Fônica, introduzido por Lemle e Naro na década de 70 e aplicado à concordância entre os elementos do sintagma nominal por Braga e Scherre em 1976.

Sobre o Princípio da Saliência Fônica, que atribui às formas de plural mais salientes maiores probabilidades de marcação, Scherre (1988, p.74), diferentemente do seu trabalho anterior, vislumbra três dimensões para a sua explicação nesta reanálise da concordância nominal, “1) processos morfofonológicos de formação do plural; 2) tonicidade da sílaba dos itens lexicais singulares; 3) número de sílabas dos itens lexicais singulares. ”

Em termos metodológicos, são adotadas as perspectivas de análise atomística (cada elemento do SN é observado separadamente) e não atomística (o SN é considerado, como um todo, a unidade de análise). No tocante à perspectiva atomística, são analisados os seguintes fatores linguísticos (1988, p.63)

- 1) Processos morfofonológicos de formação do plural;
- 2) Tonicidade dos itens lexicais singulares;
- 3) Número de sílabas dos itens lexicais singulares;
- 4) Posição linear do elemento no SN;

- 5) Classe gramatical do elemento nominal;
- 6) Marcas precedentes ao elemento nominal analisado;
- 7) Contexto fonético/fonológico seguinte ao elemento nominal sob análise;
- 8) Função sintática do SN (codificada em cada um de seus constituintes);
- 9) Animacidade dos substantivos;
- 10) Grau dos substantivos e dos adjetivos e
- 11) Formalidade dos substantivos e dos adjetivos. (1988, p.63)

Em linhas gerais, dada a amplitude do trabalho de Scherre, serão apresentadas aqui as conclusões tidas como mais relevantes para a elaboração da presente pesquisa. A autora assegura, preliminarmente, ter alcançado os objetivos aos quais se propôs nesta investigação, conseguindo descrever e explicar o conjunto de variáveis linguísticas que sistematicamente condicionam a concordância de número no SN.

No que diz respeito às contribuições teóricas, a hipótese funcionalista kiparskiana foi refutada para o exame do objeto em estudo, propondo-se em seu lugar a adoção do Princípio do Processamento com Paralelismo Formal (LEFEBVRE *apud* SCHERRE, 1988, p. 390), que, embora não seja gramatical, pode ser inclusive generalizado para a interpretação de qualquer língua. Conclui-se ainda que o fenômeno da concordância nominal de número no português se trata de uma variável estável para um subgrupo de falantes e para outro um caso de mudança em progresso. Além disso, comprovou-se que há variação inerente na concordância nominal de número dos elementos do SN.

Como se adotará nesta pesquisa a análise atomística, é relevante destacar que oito variáveis linguísticas se mostraram atuantes para as marcações de plural, sendo elas (1988, p.510)

- 1) Marcas precedentes e posição;
- 2) Saliência fônica: dimensões processos e tonicidade;
- 3) Relação dos elementos não nucleares em função do núcleo e posição dos elementos nucleares no SN;
- 4) Formalidade dos substantivos e adjetivos;
- 5) Grau dos substantivos e adjetivos;
- 6) Animacidade dos substantivos;
- 7) Contexto fonético/fonológico seguinte e
- 8) Função resumitiva.

Nesta perspectiva de análise, marcas precedentes e posição levaram a autora a aferir que “marcas conduzem a marcas e zeros conduzem a zeros” (1988, p. 511), sendo que a unidade sintagmática composta por elementos nominais regulares e

paroxítonos tende a ser menos pluralizada. Ao lado disso, quanto maior a diferenciação fônica entre as formas singular/plural, maior a probabilidade de marcação, especialmente quando sobre a sílaba tônica recair acento.

Os itens não nucleares em posição anterior ao núcleo do SN recebem mais marcação de plural, ao contrário dos itens pospostos, de modo que os núcleos de primeira posição apresentaram os resultados mais significativos quanto à formalização de plural.

Scherre (1988) admite também que a concordância nominal é um componente de natureza morfossintática, devendo ser explicado, fundamentalmente, por motivações exteriores às línguas. Diante disto, os Princípios da Saliência, da Iconicidade e do Processamento com Paralelismo, não gramaticais, são cruciais para o entendimento da concordância nominal e os maiores responsáveis pelas escolhas dos falantes por formas pluralizadas ou não. Nesse sentido, segundo a autora, fica, portanto, excluído o Princípio da Economia/ Condições de Distintividade como força externa capaz de dar conta do objeto investigado.

Ao tecer considerações sobre variação e mudança, Scherre (1988) depreendeu que as variáveis Sexo e Escolaridade foram as mais decisivas para realização dos usos observados. Logo, mulheres e pessoas mais escolarizadas fazem maior uso de formas prestigiadas, revelando-se ainda que ocorre variação sociolinguística estável, de acordo com faixas etárias, para falantes de ambiente não humilde e concordância prestigiada e processo de mudança linguística para grupos de ambiente humilde e concordância não prestigiada.

Ademais, a autora conclui que diante das evidências encontradas não foi possível comprovar a hipótese da descrioulização, uma vez que se averiguou que as marcas de plural não ocorrem somente em posição inicial do SN e sim em qualquer outra posição, desvalidando, dessa maneira, o que seria um dos argumentos mais importantes da hipótese crioulística.

2.2.1 A concordância nominal variável no Português Brasileiro segundo a hipótese de nativização

Como preconiza Ataliba de Castilho (*apud* NARO; SCHERRE, 2007, p. 13), as pesquisas linguísticas no Brasil, há mais de cem anos, orbitam em torno de três teses. A primeira é chamada de tese da ancianidade da língua portuguesa, sob a qual se reúnem os estudos que concebem o PB como uma extensão do português

arcaico, apresentando pequenas diferenças em relação a este último. Denominada como tese da emergência de uma nova gramática do português, a segunda tese investiga a constituição de uma nova gramática do PB a partir do século XIX. Já a terceira tese, conhecida como tese crioulista, sustenta que o Português Brasileiro traz influências de falares crioulos ou semicrioulos de origem africana, sendo que estes teriam sido bastante recorrentes no período colonial.

Na obra *Origens do português brasileiro*, Naro e Scherre (2007) filiam-se à tese da ancianidade e refutam a tese crioulista como aporte teórico capaz de elucidar, satisfatoriamente, o processo de aquisição do português brasileiro. Como os próprios autores defendem (2007, p. 17),

O conteúdo deste livro tem uma linha mestra clara: apresentar evidências de que características morfossintáticas e fonológicas do português brasileiro, atualmente envoltas em estigma e preconceito social, são heranças românicas e portuguesas arcaicas e clássicas, e não modificações mais recentes advindas das línguas africanas, que vieram para o Brasil com seus povos escravizados e subjugados, ou das línguas dos povos ameríndios, que aqui já se encontravam quando vieram os colonizadores europeus.

Com base nas pesquisas dos próprios autores, que remetem a mais de cinco décadas de investigação sobre o PB, uma série de fenômenos morfofonológicos e sintáticos em uso no Brasil foram comparados com amostras do português europeu, evidenciando-se que tanto o português medieval escrito quanto o português falado contemporaneamente em Portugal apresentam ocorrências de concordância variável, o que leva Naro e Scherre (2007) a afirmarem, inclusive, que, atualmente, a regra de concordância no português europeu não seria tão categórica quanto os estudiosos portugueses asseguram.

Tomando como premissa a noção da deriva secular proposta por Sapir (1949 [1980]), discutida anteriormente, os autores argumentam que seja no campo fonológico ou morfossintático as variações populares do PB já estariam previstas há séculos atrás no português falado em continente europeu. Para resgatar estas formas variantes do português arcaico, Scherre e Naro (2007) recorreram ao estudo de oito textos pré-clássicos e nestes foram catalogadas, por exemplo, 200 ocorrências de concordância verbal não padrão.

No que diz respeito à concordância nominal, utilizou-se fontes da dialetologia portuguesa do século XX, contemplando dados de várias regiões de Portugal. Além destes foram obtidas informações importantes da tese de doutorado de Varejão

(2006). Observou-se, com efeito, que a variante zero de plural nos sintagmas nominais do português europeu ocorria em contextos semelhantes aos identificados no PB.

As mesmas conclusões que Scherre (1988) obteve em relação às variáveis linguísticas que governam o português em uso no Brasil e desfavorecem a marcação de plural, “elemento nominal não nuclear à direita do núcleo do sintagma nominal, oposição singular/plural menos saliente, grau diminutivo e marca precedente zero plural” (NARO; SCHERRE, 2007, p. 104), aplicaram-se ao português europeu em análise.

Por exemplo, em uma comunidade de pescadores da região de Ericeira, sudoeste de Portugal, foram extraídos usos que são ilustrativos para confirmar como o plural é também substituído pelo singular no português europeu popular “ << Foi há **muito ano**>>, << ande por **munto sito**>>, << tenho cinquenta ê um **ano**>>” (ALVES *apud* NARO; SCHERRE, 2007, p. 104).

Por fim, em relação aos achados de concordância variável no PB e no português europeu, os autores (NARO e SCHERRE, 2007) reafirmam que o português moderno do Brasil é resultante da deriva secular advinda de Portugal, ampliada pelo contato de adultos com diversas línguas faladas no país durante a colonização, assim como é também consequência da nativização desta língua pelos falantes da época. Como o próprio Naro (2007, p. 179) sintetiza, “o português do Brasil sempre foi o português.”

2.3 Estudos recentes sobre a concordância nominal de número e migração rural-urbana nas pesquisas sociolinguísticas do Português Brasileiro

Como foi dito anteriormente, uma extensa produção acadêmica sobre concordância nominal variável de número no Brasil vem lançando luzes contínuas acerca deste fenômeno, na tentativa de consolidar, a partir de bases empíricas, os condicionantes gerais, linguísticos e extralinguísticos, que descrevem e explicam de forma mais abrangente possível sua natureza e funcionamento.

São muitos os trabalhos nesta seara, contudo, foram levantadas publicações relevantes e que tratam mais recentemente do tema, além, é claro, de guardarem similaridades com as premissas e metodologia aqui desenvolvidas. É um breve panorama do que tem sido incorporado às análises pioneiras sobre concordância

nominal de número, com o intuito também de evidenciar alguns aspectos não discutidos suficientemente pelas teorias com caráter sociolinguístico.

Assim sendo, reportar-se-á, introdutoriamente, aos resultados e conclusões obtidos por Laís Lopes (2014), cuja dissertação de mestrado, orientada por Marta Scherre, teve como objeto de estudo a concordância nominal de número no português falado por moradores da zona rural do município de Santa Leopoldina - ES. Nesta pesquisa a autora, utilizando pressupostos teórico-metodológicos da Sociolinguística variacionista, realizou entrevistas com 33 informantes da zona rural do município de Santa Leopoldina, distribuídos em quatro faixas etárias, dois níveis de escolaridade e sexo (feminino/masculino).

Quanto às variáveis linguísticas, optou-se por destacar nas análises a saliência fônica, posição linear e relativa conjugada à classe gramatical, marcas precedentes, animacidade dos substantivos, grau e formalidade dos substantivos e adjetivos. No mais, Lopes (2014) estabeleceu comparações entre os achados de sua pesquisa e as investigações sobre concordância nominal das décadas de 80 e anos 2000 no Rio de Janeiro.

Semelhantemente aos trabalhos de Scherre (1988), a autora chegou às mesmas conclusões sobre a influência das variáveis linguísticas mencionadas para a pluralização nos sintagmas nominais. Os dados do Rio de Janeiro e estes colhidos no interior do Espírito Santo demonstraram, segundo Lopes (2014), que em ambos os casos, são as mesmas variáveis linguísticas que participam deste fenômeno nos dois espaços, havendo diferenças quantitativas apenas em relação aos graus de influência dos fatores linguísticos observados.

Ainda que tangencialmente, pois não há muitos dados para aferir de forma consistente as questões apontadas sobre a continuidade rural-urbana nos usos linguísticos de Santa Leopoldina, Lopes (2014, p. 75) se apóia em Bortoni-Ricardo (2005) para afirmar que, embora os falantes da zona rural deste município tenham acesso às formas de prestígio urbanas, a não marcação de plural se fez presente independentemente dos fatores como escolaridade, sexo ou faixa etária, o que permitiria afirmar que o traço de descontinuidade, estigmatizado predomina nesta comunidade.

Seguindo a mesma linha da vertente variacionista, Gomes da Silva (2014) analisou a concordância nominal de número na fala de alagoanos que residiam em São Paulo – SP. Com entrevistas de 24 paulistanos (estas foram coletadas através

do GESOL - Grupo de Estudos Sociolinguísticos da USP) e 24 alagoanos, todos moradores da capital paulista, de acordo com os critérios de escolaridade, faixa etária e sexo (masculino/feminino), o autor identificou que os dados referentes a não realização de concordância nominal entre alagoanos e paulistanos eram praticamente os mesmos.

Gomes da Silva (2014) depreendeu ainda que nos dois grupos de falantes, paulistanos e alagoanos, a marcação de plural é quantitativamente superior a não realização de pluralização, enfatizando, também, que nas duas amostras os fatores linguísticos desfavorecedores da marcação de plural são os mesmos. Houve diferenças mais expressivas em relação aos grupos de fatores sociais, já que para os paulistanos a escolaridade se mostrou mais relevante enquanto para os alagoanos a faixa etária teve maior significância.

Algumas hipóteses, não confirmadas, foram levantadas pelo autor. Tendo em vista os limites da pesquisa, os resultados não puderam aferir especificamente a percepção dos falantes paulistanos, objeto que à época encontrava-se em fase de estudos e posteriormente viria a fazer parte da tese de Oushiro (2015). Gomes da Silva (2014) cogitou que a convivência de alagoanos com paulistanos poderia influenciar as realizações de concordância nominal, uma vez que os dados obtidos nos dois grupos apresentaram poucas diferenças. Apontou ainda que, diante de muitas semelhanças em relação a este fenômeno, alagoanos e paulistanos poderiam constituir uma mesma comunidade de fala, embora isto dependa de mais estudos futuros.

Em artigo intitulado *Dois pastel e um chopes: a concordância nominal e identidade (s) paulistana(s)*, Oushiro (2015), em um universo de 118 entrevistas sociolinguísticas, procurou estabelecer relações entre os achados referentes à marca zero de plural e traços idiossincráticos de comunidades de bairro paulistanos. Além disso, foi observado que a variável sexo, masculino, favorece a variante popular, não marcada, o que seria, conforme a autora, um índice de identidade desses falantes.

Ao concluir que as generalizações recorrentes sobre as variáveis linguísticas que atuam sobre a concordância nominal são satisfatórias para compreensão deste objeto, Oushiro (2015), por outro lado, argumenta que, segundo os resultados obtidos, o nível de escolaridade, como um dos grupos de fatores, na verdade seria

um indicador relacionado à classe social e às redes sociais dos falantes e não propriamente uma variável independente.

Em Vitória da Conquista – BA, na zona urbana, Viana Sousa *et al.* (2015) investigaram, a partir de uma amostra com 12 informantes do português prestigiado e 12 informantes do português popular, a variação da concordância nominal de número com base nos estudos labovianos. Eles verificaram que a variante não marcada ocorre tanto no segmento mais escolarizado, culto, quanto no segmento menos escolarizado, popular, embora haja uma frequência mais expressiva de marcação de plural na concordância nominal entre os falantes com maior nível de escolaridade. Os autores destacaram ainda que os mais jovens, entre os informantes do português popular, encontram-se em processo de aquisição das marcas de plural.

Em se tratando de comunidades negras e rurais, Salgado (2010) desenvolveu sua pesquisa focalizando a concordância nominal de número (sujeito e predicativo do sujeito) realizada por moradores do povoado quilombola Muquém, localizado no município de União dos Palmares – AL. Com um *corpus* formado por entrevistas com 12 informantes, tal investigação não trouxe resultados diferenciados em relação à influência dos condicionantes linguísticos já discutidos, entretanto a autora inferiu que nesta comunidade é possível detectar um *continuum* entre o português popular e o português tido como culto, haja vista que o grau de variação não marcada de plural entre seus falantes alcançou 33%. Ela atribui aos meios de comunicação de massa, citando Lucchesi (2008), o fator responsável pelo processo de aquisição das marcas de plural, ainda que sejam nítidos nesta fala os traços característicos do passado afro-descendente da comunidade.

Em uma linha investigatória oposta ao que propugnam Naro e Scherre (2007) acerca da hipótese de nativização do português, Lucchesi (2009) tratou da variação da concordância de número no português afro-brasileiro, originado, segundo o autor, nesta obra, a partir de uma transmissão linguística irregular do tipo leve. Ao pesquisar a fala dos moradores de Helvécia, distrito da zona rural do município de Nova Viçosa – BA, por exemplo, obteve-se que apenas 10% da população realizavam a concordância nominal prestigiada. No estudo realizado, além de Helvécia, foram incluídas as comunidades de Cinzento, Barra e Bananal, também localizadas em municípios baianos e caracterizadas como remanescentes de quilombos.

A partir de 36 entrevistas, distribuídas em três faixas etárias, e com base no quadro teórico-metodológico da Sociolinguística variacionista e paramétrica, privilegiou-se como objeto a realização da concordância nominal de número em estruturas passivas e de predicativo do sujeito. A posição do constituinte em relação ao núcleo do SN mostrou-se determinante para a marcação do plural, tendo em vista que os resultados apontaram que no português rural afro-brasileiro a pluralização de formas à direita do núcleo seria quase inexistente, ao passo que sua realização marcada na primeira posição à esquerda do núcleo seria numericamente expressiva, tanto em estruturas passivas quanto no predicativo do sujeito (2009, p. 277).

Em comparação com outras variedades do português brasileiro, Lucchesi (2009) observou, igualmente, que a frequência de concordância entre estes termos, sujeito e predicativo/ sujeito e estruturas passivas, é relativamente alta entre os falantes da norma urbana semiculta (ao redor de 50%), entretanto ela se mostrou praticamente inexistente nas comunidades rurais afro-brasileiras isoladas. Por fim, o autor reconhece que o contato dessas comunidades com as formas de prestígio urbanas estaria modificando os usos linguísticos destes falantes em favor da norma culta, processo este liderado essencialmente por homens, jovens e que viveram certo período fora de suas localidades.

Ao propor o conceito de relexificação para discutir a hipótese da presença do substrato africano no Português Brasileiro, Lucchesi (2014), por seu turno, reviu, em certa medida, conclusões sobre a influência das línguas africanas quanto ao surgimento das variedades populares do PB, no que diz respeito às estruturas morfossintáticas, chegando a afirmar que

[...] eventuais processos de transferência de substrato seriam particulares e laterais, ou seja, não seria provável encontrar transferências de substrato em estruturas e mecanismos nucleares da gramática das variedades populares do português brasileiro (2014, p. 234).

Em outra análise, com o propósito de descrever a concordância nominal de número e a concordância verbal na fala de comunidades urbanas do Brasil, Portugal e de São Tomé, sob a perspectiva variacionista, Brandão e Vieira (2012) buscaram também realizar um estudo comparativo entre o português destes três países, verificando em que medida os fatores condicionantes da variação atuariam de forma comum nos três casos.

Foram selecionados 53 informantes, 18 por cada variedade, agrupados de acordo com sexo, três faixas etárias e três níveis de escolaridade (fundamental, médio e superior). Dentre as variáveis linguísticas da concordância nominal, observou-se posição do núcleo no SN, posição linear e relativa dos constituintes no SN, tonicidade, número de sílabas do item singular, animacidade do núcleo, saliência fônica, marcas precedentes e contexto fonológico subsequente.

Averiguou-se, com efeito, que 91,1% dos falantes do PB realizavam a marcação de plural na concordância nominal, cerca de 93,4% dos informantes do português de São Tomé, doravante PST, também o faziam e 99,9% dos informantes do português europeu, ou quase sua totalidade, marcavam o plural em sintagmas nominais. Nas três variedades admite-se que a tendência à pluralização é consideravelmente superior em relação à sua não realização. Ademais, as autoras afirmam que no português europeu a regra de concordância nominal é categórica, ao passo que no PB e PST ela é variável.

Em relação ao PB e PST, os resultados aferiram ainda que as variáveis do nível sintático (posição linear e relativa dos constituintes do SN), do nível semântico (animacidade) e fonético (saliência fônica) influenciaram a realização da variante não padrão, assim como o fator escolaridade, algo que não se configurou no português europeu. Sobre esta última afirmação, cabe destacar que as autoras tratam destas variáveis sob o ponto de vista gramatical, incluindo-as nos níveis fonético, sintático e semântico, ao contrário do proposto por Scherre (1988), que as relacionou a princípios funcionalistas e não gramaticais.

Assim sendo, para finalizar a discussão sobre o levantamento de pesquisas realizadas sobre o objeto concordância nominal de número no PB, tentou-se reunir aqui os trabalhos mais recentes e de diversas regiões do país, apoiados em orientações distintas sobre as hipóteses que originam o PB. Foi possível evidenciar, com efeito, que embora o conceito de redes sociais tenha sido mencionado, em nenhuma das investigações acima houve apropriação desse paradigma na concepção destes estudos. O fator migração rural/ urbano igualmente, quando tratado, recebeu poucas análises sobre sua influência.

Espera-se, nesse sentido que, ao focalizar o fenômeno da concordância nominal de número em uma região fortemente marcada por estes traços (rural/ urbano e popular), a presente descrição sociolinguística do PB possa contribuir para

perceber as nuances que as múltiplas realidades no país impõem às formulações linguísticas da área.

3 METODOLOGIA

Sabe-se que a linguística estruturalista construiu seu quadro teórico sob o axioma da categoricidade (CHAMBERS *apud* CAMACHO, 2013), o qual postula a existência de um sistema linguístico estável, refratário às mudanças e regulado por normas próprias, internas. Diferentemente, a Sociolinguística variacionista adota como premissa básica de suas investigações a noção de heterogeneidade linguística, que é seguida, a partir das contribuições de Labov (1972 [2008]), por outros cinco axiomas incorporados à sua metodologia.

Cabe registrar, preliminarmente, que o linguista norte-americano afirmava preocupar-se, sobretudo, com a formulação de uma metodologia consistente dos estudos sociolinguísticos, baseada no uso de testes, eliciações, intuições e observações do vernáculo, a qual fosse capaz de construir o caminho mais apropriado para a elaboração de uma teoria linguística (LABOV, 1972).

Ao alternar estilos, segundo Labov, obtém-se que todo falante intercala variantes, de acordo com as mudanças de contexto e tópico (1972 [2008], p. 243). Trata-se do primeiro axioma metodológico elencado. Em seguida, sobre o segundo axioma, o autor discorre sobre a atenção que é dispensada à fala, cuja tradução mais importante é o automonitoramento, ocorrendo em maior grau nas situações de excitação da fala e menor grau em ambientes mais casuais.

O terceiro axioma, com efeito, corresponde à importância de o pesquisador captar o estilo menos monitorado do falante e, portanto, mais livre de hipercorreção, denominado como vernáculo, o qual proporcionaria dados mais sistemáticos para os estudos sobre variação e mudança linguística. O quarto e o quinto axioma, outrossim, discutem a questão da formalidade, inerente em situações de entrevista inicial nas quais o falante não se sente à vontade para usar o vernáculo, e a necessidade de se obter bons dados em quantidade suficiente, disponibilizados somente através de entrevista individual gravada.

Em síntese, após esta descrição básica dos axiomas propostos por Labov, é preciso delimitar mais claramente alguns dos conceitos que deles se originaram. Explicitando-os, o termo comunidade de fala, exemplarmente, compreende, segundo o autor (LABOV, 1972) um conjunto de normas e atitudes compartilhadas referentes a uma língua ou variedade linguística, configurando-se como o objeto de estudos sobre o qual a Sociolinguística deve se deter. Da mesma maneira, é a partir de uma

determinada comunidade de fala que o investigador recolhe os dados para constituir um *corpus* e iniciar suas investigações.

Outra noção crucial nos trabalhos de Labov (1972 [2008]) é o conceito de regra variável. Ao postular que toda variação é condicionada, ele a define em função de uma frequência significativa de usos linguísticos regidos por grupos de fatores (linguísticos e sociais). Às formas linguísticas alternantes dá-se o nome de variantes, que por sua vez farão parte de um fenômeno conhecido como variável dependente, caso haja a preservação do significado deste uso e possibilidade de ocorrência no mesmo contexto (1972 [2008]).

Com efeito, a tarefa do sociolinguista, nessa ótica, tem como objetivo descrever estatisticamente as realizações de variantes específicas em uma comunidade de fala, circunscritas ao fenômeno variável observado, e analisá-las de acordo com um grupo de fatores. Importa, ainda, estabelecer relações entre os achados obtidos em um tempo real, sincrônico e seu possível encaixe em um processo de mudança linguística que ocorre historicamente, sob um ponto de vista diacrônico.

Assim sendo, antes de explicitar mais detidamente os procedimentos metodológicos e os recursos utilizados para aferir quantitativamente e qualitativamente os dados do *corpus* deste trabalho, será necessário, em um primeiro momento, situar historicamente o município de Caxias, no qual se encontra inserido o bairro Campo de Belém, incorporando a este recorte os aspectos socioeconômicos mais relevantes dessa comunidade na época presente.

Em seguida, far-se-á uma descrição dos critérios adotados para a constituição da amostra e delimitação do *corpus*. Serão discutidos ainda os grupos de fatores selecionados para a análise da variável dependente concordância de número no sintagma nominal, em uma perspectiva atomística. Identificadas as ocorrências da variante não prestigiada nas entrevistas com os informantes, o agrupamento dos dados será disposto segundo as especificações do programa Goldvarb X e diretrizes da pesquisa sociolinguística.

Além disso, pretende-se tecer considerações sobre a movimentação dos pesquisados entre os espaços rural/urbano, relacionando os elementos levantados sobre hábitos de religião e contato com os meios de comunicação de massa aos propósitos da investigação do objeto deste estudo, a variação popular da concordância nominal de número.

3.1 Contexto sócio-histórico de Caxias

A ocupação do município de Caxias remonta ao período colonial no Brasil. No século XVII, a ocupação francesa no litoral maranhense buscou ampliar sua ação realizando expedições pelo interior do estado, com o objetivo de garantir o domínio sobre estas terras. Onde hoje se localiza o município de Caxias viviam neste período índios das tribos Timbiras e Gamelas, que mantinham um contato pacífico com os franceses (IBGE/ Cidades, 2010). Com a vitória dos colonizadores portugueses sobre os franceses no Maranhão, em 1615, os índios da região foram escravizados e suas aldeias foram desfeitas.

Por ser um território inicialmente povoado por extensas aldeias indígenas, as primeiras denominações do município foram influenciadas por esta característica étnica e demográfica. Os índios a batizaram originalmente como Guanaré. Em seguida, ficou conhecida como São José das Aldeias Altas, depois Freguesia das Aldeias Altas e sucessivamente como Arraial das Aldeias Altas, Vila de Caxias e somente Caxias em 1836, data de sua fundação.

Esta denominação é atribuída a uma antiga Quinta de propriedade do Marquês de Pombal, Cachias, localizada nas imediações de Oeiras em Portugal. Além disso, o lugar, no país português, é conhecido por abrigar um balneário de águas termais, o que se assemelha à região onde se situa Caxias, na qual predominam riachos e balneários de águas minerais.

Até a segunda metade do século XVIII as missões religiosas detinham grande influência nesta localidade. Em 1741, o Padre Antônio Dias, da Companhia de Jesus, fundou, inclusive, uma escola de ensino primário voltada para os índios e filhos de colonos. Contudo, a visão mercantilista da coroa portuguesa representada por Marquês de Pombal introduziu no Maranhão, a partir da segunda metade do século XVIII, o modelo agroexportador baseado na monocultura e mão de obra escrava (COUTINHO, 2005).

O que antes constituía um simples povoamento de índios, missionários e poucos colonos passou a representar na economia maranhense, após a fundação da Companhia Geral do Comércio do Grão-Pará e Maranhão (1756), um dos principais polos brasileiros de geração de riquezas para a Coroa portuguesa. O algodão produzido em Caxias entre os séculos XVIII e XIX alteraria profundamente seu *status* social e político, além de liderar no país à época uma nova frente

econômica, responsável por sustentar a empresa colonial ao longo de mais um século.

A entrada maciça de africanos escravizados no Maranhão para o cultivo das plantações de algodão, por sua vez, contribuiu para modificar radicalmente o perfil demográfico do estado, pois, segundo Gaioso (*apud* CUNHA, 2015), em 1783 tem-se o registro da importação de 1546 escravos, sendo que, já no ano de 1822, dos 152.893 habitantes do Maranhão 77.914 eram constituídos por escravos (LIMA *apud* CUNHA, 2015). Como bem profetizou Prado Jr. (2006), “o algodão, apesar de branco, tornará preto o Maranhão”.

A independência das colônias americanas no século XVIII e a guerra de Secessão dos Estados Unidos no século XIX interromperam temporariamente a exportação de algodão para a Europa, gerando certa crise de abastecimento nas indústrias têxteis inglesas, o que, por outro lado foi um elemento decisivo para alavancar a produção algodoeira no Brasil. Só no Maranhão o algodão chegou a representar 70% de toda sua exportação (VIVEIROS *apud* CUNHA, 2015) e Caxias, no vale do Rio Itapecuru, respondia por mais da metade desta produção no período (PRADO JR, 2006).

A Companhia Geral do Comércio do Grão-Pará e Maranhão instalada em São Luís, capital maranhense, abriu as fronteiras agrícolas para a produção algodoeira no estado ao longo dos vales dos rios Itapecuru, Munim, Mearim e Pindaré, por onde também o algodão era escoado e trafegava até chegar ao porto marítimo de São Luís, com destino à Europa. Caxias localizava-se, portanto, em uma posição estratégica no curso do rio Itapecuru, reunindo condições climáticas favoráveis, além de ser conhecida à época como a “capital sertaneja”, por articular o comércio entre São Luís e Piauí e facilitar a aquisição de gado e mão de obra vindos de Pastos Bons, região próxima da cidade (IAMASHITA, 2010).

Com efeito, instalou-se no município, nesse interregno entre os séculos XVIII e XIX, à semelhança de São Luís, uma sociedade formada, principalmente, por ricos comerciantes de origem portuguesa, minoritários, e uma ampla massa de trabalhadores escravizados, de ascendência africana. É sintomático perceber, do mesmo modo, que a estreita relação do município e de todo o norte algodoeiro com a Corte portuguesa foi crucial para sufocar movimentos revoltosos na região, retardando a adesão do Maranhão à Independência do Brasil, ocorrida em 1822.

No período regencial, entre 1831 e 1840, a deposição de Pedro I trouxe muita instabilidade política para o Brasil. Movimentos separatistas ressurgiram e os protestos contra as classes dominantes deram a tônica destas manifestações, nas quais o envolvimento de amplos segmentos das camadas populares foi absolutamente expressivo. A Balaiada, ocorrida no Maranhão entre os anos de 1838 e 1841, teve em Caxias um dos principais palcos desse conflito.

Neste período, mais de 75% da população que residia em Caxias era composta por escravos africanos e estes já se organizavam em quilombos (IAMASHITA, 2010). A pequena parcela de índios que compunha a população, juntamente com os escravos e comerciantes liberais insatisfeitos com o monopólio dos interesses portugueses na região, lideraram o movimento insurgente que ficaria conhecido como Balaiada (Manuel Francisco dos Anjos Ferreira, um de seus principais líderes, confeccionava balaios e daí a referência à revolta popular).

As tropas do Império comandadas por Luís Alves Lima derrotaram os revoltosos em Caxias e graças a este “feito”, decisivo para o fim do movimento, o chefe militar dessa expedição recebeu o ilustre título de “Duque de Caxias”, condecoração que lhe granjeou fama e notoriedade nacional. Em lado oposto, um dos principais líderes populares, Negro Cosme, auto-intitulado como “Tutor das Liberdades Individuais”, apesar de ter ficado à margem da historiografia oficial, também desempenhou um papel de destaque neste conflito em Caxias, arregimentando contingentes expressivos de cativos africanos e quilombolas (IAMASHITA, 2010).

A partir do último quartel do século XIX, com o declínio mundial do comércio de escravos e diminuição das exportações de algodão, o investimento em indústrias têxteis representou a alternativa econômica mais viável para os produtores da decadente lavoura algodoeira da região. Assim, de forma pioneira, Caxias iniciou o processo de implantação da indústria têxtil no Maranhão e somente entre os anos de 1883 e 1892 foram criadas quatro fábricas no município (TEIXEIRA, 2003).

O parque tecelão de Caxias viria a funcionar até a década de 60 do século passado, porém em ritmo decrescente de produção. As flutuações do mercado internacional, crises econômicas e a diminuição progressiva dos investimentos em tecnologia levaram as fábricas a fecharem suas portas e, desse modo, encerrar o ciclo algodoeiro no município.

No curso do século XX, principalmente entre as décadas de 20 e 80, outro produto agrícola ocupa o lugar da pauta de exportações do Maranhão. O extrativismo do coco babaçu assume essa posição, mobilizando em Caxias, igualmente, a geração de indústrias de óleo do coco babaçu, especialmente depois da 2ª Guerra Mundial.

Nas décadas de 70 e 80, por outro lado, em decorrência das exigências do modelo agroexportador, o Estado maranhense passa a ofertar maiores subsídios para o cultivo da soja, transferindo os investimentos antes direcionados quase que exclusivamente para o extrativismo e beneficiamento do coco babaçu. Além disso, através de incentivos financeiros estatais, a Lei de Terras do Maranhão, promulgada em 1969, atraiu grandes projetos agrícolas que aprofundaram a concentração de terras e o êxodo rural em todo o estado (MESQUITA, 1998).

O município de Caxias também foi afetado por essa política e é neste contexto que migrantes rurais passam a ocupar maciçamente o espaço urbano, formando comunidades periféricas, a exemplo do bairro Campo de Belém. São os ex-escravos que ao longo do século XX permanecerão na zona rural de Caxias e formarão uma grande massa de trabalhadores, a qual, alijada da política estatal de concessão de terras e recursos para os grandes grupos financeiros, se verá compelida a habitar a cidade, em busca de melhores condições de vida (BATISTA LIMA, 2007).

Nesse sentido, pode-se igualmente afirmar que, acompanhando o processo nacional de urbanização, bastante acentuado no país entre meados do século XX e início do século XXI (IBGE/Estatísticas, 2010), houve uma crescente ocupação urbana da população caxiense neste mesmo período, alterando substancialmente o seu perfil até então predominantemente agrário. Os indicadores sociais e econômicos mais recentes, como se verá adiante, revelam as mudanças no perfil do município e do próprio bairro Campo de Belém.

3.2 Dados sociodemográficos sobre o município e o bairro Campo de Belém

O município de Caxias localiza-se na região do Leste maranhense (ver mapas em Anexo A), a 360 quilômetros de distância da capital do estado, São Luís. De acordo com a divisão por territórios de desenvolvimento (MDA, 2010), o município pertence ao Território dos Cocais, tendo em vista a predominância da vegetação de cerrado e babaçuais. Atualmente, dos 155.202 habitantes de Caxias, segundo dados

do Censo do IBGE de 2010, 118.559 vivem na zona urbana e 36.643 na zona rural, o que significa dizer que um pouco mais de 75% da população municipal é cidadina. Ainda conforme o IBGE, é importante observar que na década de 40 do século XX a população caxiense era de 77.874 habitantes, ao passo que nos anos 90 ela praticamente duplica e alcança o número 145.725 pessoas.

Considerando os Censos de 2000 e 2010, a taxa de crescimento populacional é pequena, cerca de 1,05% ao ano. Na faixa etária dos 15 aos 59 anos houve maior crescimento, sendo que, em 2010, este segmento representa 59,7% dos habitantes de Caxias. Em relação aos indicadores educacionais, o município apresenta 23,8% de taxa de analfabetismo (no meio urbano esta taxa corresponde a 18,2%, e na zona rural este número é bastante superior, chegando a 42,5% da população). No que diz respeito ao nível de pobreza, com base na referência dos dados de 2010, 21,3% vivem na faixa de extrema pobreza e, dentre estes, 47,7% são da zona rural e 13,1% residem no meio urbano.

Segundo informações do Cadastro Único do Ministério do Desenvolvimento Social (MDS, 2016), até o mês de maio de 2016, 37.801 famílias do município estavam cadastradas no programa Bolsa Família, embora tenham sido beneficiadas somente 22.008 famílias do total. Estes números revelam que mais de 60.000 habitantes de Caxias são beneficiários do Bolsa Família, o que representa praticamente 40% da população.

Em termos econômicos, o setor de serviços é preponderante em Caxias, representando 104,4% do PIB municipal em 2012, seguido da indústria, cuja participação foi de 12,4%. Imposto líquido respondeu por 9,1% e a agropecuária com 5,6%. Quanto aos postos de trabalho, o CAGED (2016) informa que, no final do ano de 2014, o número de empregos formais era de 15.217 colocações. Dentre os segmentos com maior nível de ocupação estão, em ordem decrescente, a administração pública, comércio e serviços, indústria, construção civil e agropecuária.

Sobre a oferta educacional nos níveis médio e superior, vale destacar que, em 2015, a quantidade de matrículas no ensino médio foi de 6.974 alunos e em 2012, 13 cursos de graduação foram disponibilizados em Caxias, distribuídos por 8 áreas do conhecimento, com o total de 2.142 matrículas (INEP, 2016). Conforme os dados do Censo Escolar (INEP, 2016), em 2015 foram matriculados 1.415 alunos

em creches, 3.975 alunos na pré-escola, 13.510 no ensino fundamental e 6.560 no ensino médio.

Considerando ainda os números do Censo do IBGE de 2010, no que diz respeito aos fluxos migratórios da população de Caxias, registrou-se que 7.348 pessoas, com 5 ou mais anos de idade, não residiam no município em 31 de julho de 2005. Ademais, os dados mostram que 6.684 pessoas, com 5 ou mais anos de idade e que não residiam em Caxias na data de 31.07.2005, são urbanas e 664, reunindo estas mesmas características, são rurais. Isso revela como o volume de pessoas migrando do campo para a cidade tem diminuído significativamente.

As informações sociodemográficas sobre o bairro Campo de Belém do município de Caxias (ver mapas em Anexo B) são relativamente escassas. Os trabalhos acadêmicos, em geral, focalizam aspectos geográficos, biológicos e outros referentes à saúde pública. O riacho do Ponte e o balneário Maria do Rosário, ligados ao bairro, são objeto de preocupação constante das investigações realizadas pelo Centro de Estudos Superiores de Caxias - Universidade Estadual do Maranhão, que analisam, principalmente, os impactos causados pela degradação do meio ambiente. Do mesmo modo, a única maternidade da região, “Carmosina Coutinho”, localiza-se neste bairro e os dados sobre atendimento médico desta unidade de saúde são frequentemente avaliados em pesquisas da área.

Segundo depoimento dos moradores mais antigos, esta localidade surge no final dos anos 70 a partir de um projeto habitacional que contou com a parceria entre a Igreja Católica do município, inicialmente proprietária de todo o perímetro em que se situa atualmente o bairro, e a Prefeitura Municipal de Caxias, tendo como propósito assegurar moradia às pessoas de baixa renda vindas, sobretudo, da zona rural do município. Além disso, é preciso ressaltar que muitos desses habitantes vindos do campo são descendentes de comunidades quilombolas, especialmente do 3º Distrito, e também trazem para o espaço urbano seus valores e hábitos culturais (CORNÉLIO, 2009; PROJETO NOVA CARTOGRAFIA, 2006).

A capela da localidade, denominada como Igreja Nossa Senhora D' Oropa, originou-se a partir de missões de padres italianos que se estabeleceram na comunidade e escolheram a imagem da Santa de cor negra, bastante cultuada na Itália, para ser a padroeira do templo católico (NOSSA SENHORA D' OROPA, 2016). É importante destacar que esta Igreja realiza um trabalho muito intenso na

comunidade, desde a formação do bairro, e atua, principalmente, prestando assistência aos mais pobres.

Através de uma busca pelos mapas interativos do site do IBGE (2010), foram identificadas a avenida e principais ruas que entrecruzam o bairro, assim como a população residente nestes setores. Os topônimos das vias mais importantes, de certa maneira, retratam o contexto histórico do bairro e valores da cultura ali forjada. São exemplos deles: Rua da Mariinha, Rua da Glória, Rua São Francisco, Rua Paulo VI, Rua Monte Carmelo, Rua Castelo Branco, Rua Ernesto Geisel, Rua Monte Claro, Rua Jerusalém, Rua José Sarney, Rua Maria do Rosário e Avenida Dr. Walter Brito. As estimativas sobre população dão conta de que residem entre 8.000 a 10.000 moradores no bairro.

No bairro estão situadas quatro unidades de ensino. São duas escolas de ensino fundamental (U.E Leôncio Alves de Araújo e Unidade Integrada Municipal Paulo Freire), uma escola de ensino médio (Centro de Ensino Médio Cezar Marques) e uma escola de educação infantil (Centro de Educação Infantil Rosina). Além disso, em suas adjacências, foi construída em 2007 a Cidade Judiciária, que abriga os prédios da Justiça Federal, Eleitoral, Estadual e do Trabalho. Com esta obra, o bairro passou a ser mais frequentado e pequenos empreendimentos, ligados aos serviços prestados pelo Poder Judiciário do município, foram inaugurados, movimentando a economia local.

Apesar de ser considerado um bairro periférico, tendo em vista o perfil socioeconômico da população que nele habita, sua localização em relação ao centro da cidade é relativamente próxima, cerca de 3 km de distância. Não há, com efeito, nenhuma indústria nesta localidade e a influência do campo ainda é bastante presente, pois muitos de seus moradores mantêm pequenas propriedades ou lotes na zona rural, o que de certa maneira contribui para a sustentação econômica de familiares na cidade.

Estes foram alguns dos aspectos do bairro que aqui se reuniu para tentar fornecer um retrato mais geral e atualizado da comunidade em estudo. Em um capítulo posterior, após a análise das entrevistas com os informantes, serão discutidos outros elementos relacionados aos valores culturais, como hábitos religiosos, assim como o contato dos moradores com diversos meios de comunicação de massa.

3.3 Constituição da amostra

Toda investigação de natureza quantitativa deve contar com uma fase inicial de coleta de dados, uma segunda de redução e apresentação de dados e uma terceira etapa de interpretação e explicação de dados (GUY; ZILLES, 2007, p.20). No caso de pesquisas sociolinguísticas, segundo os autores, é preciso observar os seguintes aspectos no processo de obtenção dos dados: representatividade, significância e confiabilidade da amostra.

As limitações de tempo para a realização desta pesquisa de certo modo influenciaram o tamanho da amostra, ainda que o universo de informantes selecionado esteja em consonância com o mesmo número que é adotado em vários estudos da área. Foram escolhidos 20 participantes para este trabalho, distribuídos de forma aleatória pelo bairro, a fim de garantir, de acordo com padrões aceitáveis, uma amostra probabilisticamente representativa e significativa.

Quanto à confiabilidade, optou-se por utilizar os mesmos procedimentos aplicados em estudos mais recentes sobre o mesmo objeto, com atenção para a credibilidade das informações e rigor na obtenção dos dados, no sentido de evitar, principalmente, inconsistências e disparidades.

Assim sendo, em relação à variável Sexo, dos 20 informantes, 11 são mulheres e os outros 9 são homens. Decidiu-se também estabelecer apenas duas faixas etárias para as análises. O primeiro segmento, que se convencionará chamar de Faixa I, compreende os falantes que possuem entre 18 a 34 anos, representando o grupo de jovens adultos da pesquisa. No segundo segmento, Faixa II, foram incluídos os participantes que têm entre 35 a 50 anos de idade, identificados como adultos maduros.

Em relação à escolarização, agrupou-se os sujeitos da pesquisa em dois níveis, assim denominados: Nível I de escolaridade, formado por aqueles que possuem o ensino médio completo ou estão em fase de conclusão e Nível II de escolaridade, constituído por indivíduos com ensino superior completo ou graduandos. Os três grupos de fatores, sexo, faixa etária e escolarização farão parte das análises estatísticas do programa Goldvarb X.

É necessário esclarecer que não foram inseridos nesta investigação, como é frequente na área, informantes idosos, adolescentes, analfabetos ou aqueles com apenas o ensino fundamental completo. Isto se deve às pretensões deste trabalho,

que visa, sobretudo, averiguar o grau de influência da do grupo de fator escolarização (ensino médio e superior) na aquisição da variante de prestígio. Cabe destacar que a ampliação da oferta dos cursos de nível superior é bastante recente no município, ocorrendo com maior intensidade na última década.

Como o bairro é de origem popular e tem, em média, quarenta anos de fundação, os primeiros habitantes, majoritariamente, vindos do campo, representam a sua população idosa, entretanto, pouquíssimos, dentre estes, corresponderiam aos critérios de escolarização aqui adotados. Nesse sentido, excluiu-se esta faixa etária e foram priorizados os indivíduos que, hipoteticamente, teriam maior inserção no meio urbano.

Outro complicador para a seleção dos informantes diz respeito à naturalidade. Caxias tem como vizinhos muito próximos os municípios de Codó, Aldeias Altas, Coelho Neto, Gonçalves Dias, Senador Alexandre Costa e Timon. Logo o fluxo entre estas localidades é bastante intenso, especialmente porque Caxias é o município economicamente mais importante da região. Em consequência disto, em bairros de passado recente, como o Campo de Belém, é muito recorrente encontrar moradores que vieram de comunidades rurais destes municípios e de outros do Maranhão, em uma escala menor.

Com efeito, para depreender as ocorrências de variação motivadas pelos fatores idade, escolaridade e sexo, foram admitidos como informantes moradores naturais de Caxias ou que tenham nascido em outros municípios e vieram a residir no bairro Campo de Belém até os 5 anos de idade. Incluiu-se também participantes da zona rural de Caxias, desde que tenham fixado moradia por pelo menos 2/3 de suas vidas no bairro. São João do Sóter foi emancipado de Caxias em 1996, de modo que informantes nascidos nesta localidade antes desta data e que vieram a residir no bairro ainda crianças também foram tratados como habitantes naturais de Caxias.

As informações relativas à ocupação foram acrescentadas aos Quadros 01 e 02, logo abaixo, nos quais podem ser vislumbrados, além das características sociais dos informantes do sexo masculino e feminino, os perfis sociolinguísticos constituídos para esta investigação:

Quadro 01 - Características sociais dos informantes do Sexo Masculino

Identificação	Escolaridade	Idade	Profissão	Perfil Sociolinguístico
JLC	Ensino médio	26	Açougueiro	mjs
MCP	Ensino médio	26	Segurança	mjs
CSF	Especialização	27	Analista de finanças	mjt
DCC	Graduando	31	Estudante	mjt
FTS	Graduado	31	Comerciário	mjt
GSA	Ensino médio	37	Motorista	mas
AAS	Ensino médio	42	Vendedor autônomo	mas
ISR	Especialização	38	Diretor de Escola	mat
FCM	Especialização	45	Professor	mat

Fonte: Elaboração da autora

Quadro 02 - Características sociais das informantes do Sexo Feminino

Identificação	Escolaridade	Idade	Profissão	Perfil Sociolinguístico
NSS	Ensino médio	18	Estudante	fjs
PCL	Ensino médio	31	Dona de casa	fjs
LAP	Graduanda	18	Estudante	fjt
MCS	Especialização	26	Professora	fjt
MMR	Especialização	27	Professora	fjt
MAD	Ensino médio	35	Dona de casa	faz
ERS	Ensino médio	40	Dona de casa	faz
MRF	Ensino médio	44	Dona de casa	faz
BCL	Graduada	38	Auxiliar de escritório	fat
MFS	Especialização	39	Pedagoga	fat
MCS	Especialização	38	Dona de casa	fat

Fonte: Elaboração da autora

A alocação de mais entrevistados nos perfis mulher, jovem e adulto, com nível de escolarização médio e superior, por sua vez, deve-se ao fato que informantes com estas características foram mais acessíveis e propensas a conceder entrevistas gravadas.

3.4 Entrevista

Procurou-se, inicialmente, minimizar os efeitos negativos que uma entrevista gravada pode causar na coleta de dados linguísticos. Assim, como Labov (2008) orienta, estipulou-se um período de 50 a 60 min. de gravação para cada informante, e para evitar um rigoroso automonitoramento na fala dos informantes, foi elaborado um roteiro com questões que tratavam de temas descontraídos, em que os entrevistados pudessem falar com espontaneidade.

Nesse sentido, empregou-se a entrevista do tipo semi-estruturada, na qual as perguntas previamente organizadas não devem, necessariamente, ser seguidas à risca, pois o mais importante nas pesquisas sociolinguísticas, nestes casos, é capturar o vernáculo, a fala espontânea. Evidentemente, para obter dados pessoais e compreender a dinâmica das relações sociais dos informantes, alguns destes questionamentos foram igualmente respondidos por todos.

Como propõe Labov (*apud* TARALLO, 1986), perguntas que motivem narrativas pessoais dos informantes, em geral, são as que mais rendem dados para a investigação sociolinguística. Nesse sentido, procurou-se instigar, ao longo de toda a gravação, relatos sobre a infância, experiências escolares, percepções sobre a vida no bairro, viagens realizadas, família e trabalho.

3.5 Variável dependente e variáveis independentes

Em um primeiro momento, faz-se necessário alguns esclarecimentos sobre as nomenclaturas que são atribuídas aos tipos de variantes nos trabalhos sociolinguísticos do país. Conforme Tarallo (1986) os binômios variante padrão/variante não padrão, variante conservadora/ variante inovadora e variante de prestígio/variante estigmatizada são frequentemente utilizados, mas há diferenças entre eles.

Prosseguindo, ele argumenta que a variante padrão é tida também como a mais prestigiada socialmente e igualmente conservadora. No Brasil, por exemplo, os casos de não marcação de plural são considerados tipos de variante não padrão, inovadora e estigmatizada. Por outro lado, há situações observadas por Labov (2008) em Nova Iorque e Marthas's Vineyard, em que a variante padrão pode ser classificada como inovadora e prestigiada.

Como o foco da pesquisa realizada é uma variável bastante estigmatizada no Brasil e por haver divergências entre os linguistas do que de fato seria a norma padrão da língua portuguesa em uso no país (FARACO, 2008), com base em Camacho (2013) adota-se nesta investigação a terminologia variante prestigiada/não prestigiada ou desprestigiada para referir-se aos usos linguísticos identificados na amostra.

Como dito anteriormente, a variável dependente analisada é a realização da concordância nominal de número em sintagmas nominais. Como só são possíveis duas formas alternantes, ausência parcial/total ou marcação de plural, para aferir as

probabilidades de maior ocorrência de não marcação de plural em pelo menos um constituinte, a variante não prestigiada, faz-se necessário o levantamento de todos os sintagmas nominais presentes nas falas dos informantes, seja em posição de sujeito, estrutura passiva ou funcionando como predicativos do sujeito.

Em relação às variáveis independentes, mais especificamente em se tratando das variáveis sociais, optou-se por trabalhar com três variáveis que permitem estabelecer relações com outras pesquisas da área, além de fornecerem informações importantes sobre os estratos que compõem a sociedade nas suas mais diversas divisões geográficas.

Assim, a variável Sexo, embora não seja considerada crucial para as realizações das variantes prestigiada e não prestigiada, é investigada na medida em que os estudos de Bortoni-Ricardo (2011) apontaram que os homens lideraram à época, nos anos 80, o processo de aquisição das formas de prestígio, ao contrário das mulheres, as quais, restritas ao ambiente doméstico, eram menos expostas a estas formas e desse modo não as adquiriam. Com as mudanças do mercado de trabalho, que ampliaram a participação feminina em vários segmentos profissionais e garantiram maior presença das mulheres nas escolas e universidades, é comumente analisado em trabalhos sociolinguísticos que o movimento seja inverso na atualidade, ou seja, as mulheres hoje monitoram mais a fala e buscam aproximar-se cada vez mais das variantes de prestígio.

A variável Idade, por sua vez, permite avaliar, em um horizonte sincrônico, se a variação é característica nos subgrupos escolhidos ou se ela está circunscrita entre os mais jovens ou adultos. Nas duas faixas etárias, I e II, é possível depreender se os adultos, há mais tempo residindo no bairro e, portanto, mais ligados aos processos migratórios, ainda preservam as variedades rurais ou se são os mais jovens os que apresentam, com maior frequência, a marca prestigiada da concordância nominal de número.

Em relação à variável Escolaridade, não há como analisar formas não prestigiadas sem recorrer a este elemento. Como Oushiro (2015) afirmou, esta variável está estritamente ligada ao nível socioeconômico dos falantes, de maneira que aferi-la significa, inclusive, observar uma provável ascensão social dos indivíduos. No mais, os resultados desta variável são importantes para avaliar a participação escolar enquanto espaço para aquisição da norma prestigiada e sua influência sobre os usos linguísticos que seriam marcas de uma identidade rural.

As variáveis linguísticas, desde os estudos pioneiros de Scherre (1988) sobre concordância nominal de número, constituem grupos de fatores recorrentes nas investigações sociolinguísticas do PB. Segundo os princípios funcionalistas já discutidos, elementos fonéticos influenciam a pluralização dos itens lexicais e a disposição dos constituintes ao longo da sentença também interfere no processo de concordância entre os termos.

Desse modo, foram elencadas como variáveis linguísticas neste estudo a posição relativa e linear dos elementos gramaticais (analisa-se os constituintes antepostos ou pospostos aos núcleos do sintagma, sua posição linear e classe gramatical), assim como a saliência fônica (tonicidade das sílabas) do núcleo do sintagma nominal.

3.6 Processamento estatístico

O programa Goldvarb X (SANKOFF; TAGLIAMONTE; SMITH, 2005) é uma versão atualizada do Goldvarb 2.0 para ambientes *Macintosh* e *Windows*. Ele foi desenvolvido principalmente para analisar, em termos estatísticos, dados de variação sociolinguística. Através dele é possível cruzar os números levantados sobre grupos de fatores sociais dos informantes, como escolarização, faixa etária e idade, dentre outros, e dados referentes às variáveis linguísticas, de natureza lexical, funcional ou fonológica, por exemplo (TAGLIAMONTE, 2006).

Com o seu auxílio, as hipóteses inicialmente apresentadas podem ser confirmadas ou não após a análise dos resultados que este programa é capaz de gerar. Testando a influência dos grupos de fatores, é possível que depois de codificados os dados e apresentadas as probabilidades estimadas pelo Goldvarb X, determinado grupo de fatores seja percebido como não significativo para as realizações de uma variável dependente. A utilização deste programa permite, com efeito, discutir tendências, em relação à amostra analisada, sobre o peso que exercem as variáveis independentes em contextos localizados, confirmando ou refutando generalizações frequentes sobre a atuação de grupos de fatores.

Em *Analysing sociolinguistic variation* (2006), a autora explica o percurso de uma pesquisa sociolinguística de orientação laboviana e descreve cada etapa do processo, que inclui teoria e prática. Nos capítulos 7 e 8 da obra, mais especificamente, Tagliamonte (2006) discute a execução do programa Goldvarb X e

os seus níveis de análises estatísticas, assim como o preparo dos arquivos, problemas que podem ser encontrados (*knockouts*) e a interpretação dos resultados.

Para o estudo da variável dependente selecionada, empregar-se-á a análise atomística, na qual cada constituinte do SN é observado e as realizações da variante prestigiada/não prestigiada são contabilizadas separadamente. De acordo com Tarallo (1986), as células em que os informantes são agrupados, para manuseio em programas computacionais, devem contemplar os grupos de fatores estudados em conjunto e, para que os resultados sejam significativos, cada célula deve conter entre 4 a 5 participantes. Guy e Zilles (2007), por outro lado, afirmam que uma célula pode conter 2 informantes, por exemplo, embora este número não permita que o investigador faça generalizações categóricas sobre os resultados do fenômeno pesquisado.

Nesse sentido, optou-se por incluir 2 participantes em cada célula, pois com um universo de 20 indivíduos, caso fossem trabalhados 4 ou 5 informantes por célula, apenas dois grupos de fatores sociais poderiam ser correlacionados e não se teria um cruzamento das três variáveis sociais escolhidas. Esta distribuição habilitou, portanto, a construção de 8 células, nas quais há o acréscimo de um terceiro informante em 4 células para totalizar o conjunto de 20 indivíduos, conforme se observa no Quadro 3 a seguir:

Quadro 3 - Número de informantes por perfil sociolinguístico

PERFIL	N.º INFORMANTES	PERFIL	N.º INFORMANTES
mjs	2	fjs	2
mjt	3	fjt	3
mas	2	fas	3
mat	2	fat	3

Fonte: Elaboração da autora

Com base nestes perfis, foram levantadas as ocorrências prestigiadas e não prestigiadas de concordância nominal de número, em termos numéricos e percentuais, assim como foram analisados os pesos relativos das variáveis sociais e

linguísticas, com destaque aos resultados que se mostraram mais significativos para a realização de ocorrências não prestigiadas.

3.7 Fatores relevantes para a caracterização do *continuum* rural/urbano

Em se tratando de uma comunidade *rurbana*, como propõe Bortoni-Ricardo (2011), seria necessário também identificar nesta pesquisa a natureza das redes sociais dos informantes selecionados. Embora a metodologia deste trabalho esteja fundamentada nos pressupostos da Sociolinguística variacionista, através das entrevistas foi possível obter dados relativos à origem/ naturalidade dos informantes (nascimento ou parentesco com moradores da zona rural do município, região ou estado), contato com os meios de comunicação de massa (televisão, Internet, revistas e jornais impressos) e hábitos religiosos.

A proximidade do bairro com a zona rural do 3º Distrito do município de Caxias se reflete na composição demográfica da comunidade. Assim sendo, as informações coletadas têm o propósito de evidenciar as ligações familiares que os habitantes do bairro possuem com o campo e sua influência nos usos linguísticos investigados. Quanto ao contato com os meios de comunicação, os resultados obtidos permitem avaliar um dos aspectos mais importantes no processo de urbanização dos entrevistados, tendo em vista que o acesso à Internet, por exemplo, indica a participação da comunidade na cultura digital e a assimilação ou não das formas linguísticas mais prestigiadas, as quais também podem ser adquiridas através dos hábitos de leitura de revistas e jornais impressos ou ainda por intermédio dos programas televisivos.

Como dito anteriormente, a comunidade em questão tem um forte acento católico, que remonta à sua formação histórica. A inclusão de perguntas sobre hábitos religiosos buscou verificar a relação dos informantes com as práticas religiosas presentes na sociedade brasileira e maranhense, tanto quanto considerar a sua inserção em outras redes sociais, além do núcleo familiar, o que, em princípio, possibilitaria a assimilação de aspectos linguísticos de uma variedade socialmente valorizada.

4 ANÁLISE DOS RESULTADOS

Foram identificadas, ao todo, 2.274 ocorrências de concordância nominal de número, doravante CNN, no português falado da comunidade do bairro Campo de Belém. Destas, 1.415 são ocorrências da variante não prestigiada da CNN e 859 são ocorrências da sua variante prestigiada. É necessário destacar que praticamente 90% da amostra é constituída de sintagmas nominais simples (dois constituintes).

Estes resultados são analisados inicialmente em termos percentuais e, em seguida, de acordo com os pesos relativos atribuídos pelo programa Goldvarb X. Na sequência, os dados sobre os grupos de fatores sociais (Sexo, Faixa Etária e Nível de Escolarização) foram contabilizados separadamente e ao final cruzados entre si.

Em relação aos fatores linguísticos, todas as rodadas mostraram-se estatisticamente significantes, de modo que os resultados numéricos e percentuais são igualmente apresentados preliminarmente, seguidos dos valores dos seus pesos relativos. Logo após, são discutidos os fatores sociais e linguísticos tidos como mais significativos quanto ao uso da variante desprestigiada e a disposição dos dados sobre origem/naturalidade dos informantes, contato com os meios de comunicação e hábitos religiosos.

4.1 Grupos de fatores sociais

a) Sexo

Com uma distribuição de informantes superior para um dos fatores sociais em discussão, 11 participantes do sexo feminino e 9 entrevistados do sexo masculino, os dados na Tabela 1 a seguir, revelaram os seguintes números:

Tabela 1 - Distribuição das ocorrências da variante prestigiada e não prestigiada por Sexo

Grupo de Fatores Sexo	Quantidade/ Percentual	Variante não prestigiada	Variante prestigiada	Total	%
Feminino	Número	610	363	973	42,8
	%	62,7	37,3		
Masculino	Número	805	496	1.301	57,2
	%	61,9	38,1		
Total	Número	1.415	859	2.274	
	%	62,2	37,8		

Fonte: Elaboração da autora.

Em termos quantitativos, os dados proporcionalmente superiores em relação aos informantes do sexo masculino, 1.301 ocorrências representando 57,2% do total de sintagmas nominais identificados, evidenciam que, apesar de o grupo de participantes do sexo masculino ser numericamente inferior, ao longo das entrevistas, estes informantes foram mais expansivos nos relatos de experiências pessoais, assim como nos depoimentos sobre as avaliações do contexto socioeconômico no qual estão inseridos. As informantes do sexo feminino mostraram-se mais reticentes ao expor suas percepções sobre temas sociais e geralmente acentuavam os cuidados com os familiares, projetos pessoais relacionados ao estudo e/ou profissão, de maneira breve.

O percentual de ocorrências da variante não prestigiada mostrou-se bastante elevado nos dois grupos de informantes. Em ambos, os registros de não concordância formal apresentaram percentuais bastante semelhantes, 62,7% entre informantes do sexo feminino e 61,9% no sexo masculino. Com efeito, os percentuais menores de concordância nominal segundo a variante prestigiada, 37,3% no grupo de participantes do sexo feminino e 38,1% entre os entrevistados do sexo masculino, denotam que a baixa representatividade da variante formal entre os dois segmentos é independente do fator sexo na comunidade em discussão.

Nos excertos a seguir, as ocorrências da variante prestigiada e não prestigiada estão presentes nas falas dos informantes, seja do sexo masculino ou

feminino, que por vezes realizam alternância entre a variante formal do mesmo sintagma (sublinhado) e sua variante não formal (em itálico):

Exemplo 01:

E - Você pensa em fazer algum curso profissionalizante, uma faculdade?

Inf - [...] Na hora que os meninos dorme quer logo já deitar com os *menino*.

(fjs, 31 anos)

E - São quantos irmãos na sua família, entre homens e mulheres?

Inf - *Treis home*, treis mulheres.

(fat, 38 anos)

E- Há quanto tempo você mora nesse bairro?

Inf - Eu moro nesse bairro há vinte e treis anos.

E - Como foi sua adolescência?

Inf - Cheguei muito tarde da noite, duas *hora*, *treis hora* da manhã, aos catorze, quinze *ano*.

(mjs, 31 anos)

E - Como você vê as mudanças no bairro desde a infância até os dias de hoje?

Inf - Como em qualquer bairro em desenvolvimento, qualquer cidade, tem seus *problema*, a infraestrutura não é legal, as ruas, a falta de água e tal...

[...] As *rua* não era asfaltada, era de piçarra mesmo.

(mjs, 26 anos)

Os trechos apontam que os informantes de ambos os fatores sociais, feminino e masculino, revelam em determinados momentos o conhecimento das regras gramaticais prestigiadas que normatizam as formas de concordância nominal de número da língua portuguesa, porém estas não são observadas com certa recorrência.

b) Faixa etária

O grupo de fatores Faixa Etária nesta pesquisa compreendeu dois fatores apenas: Faixa I (informantes definidos como jovens, com idades entre 18 a 34 anos) e o segundo fator, Faixa II (adultos, com idades correspondentes entre 35 a 50 anos). No primeiro segmento, os participantes da pesquisa, embora em sua maioria já estejam inseridos no mercado de trabalho, receberam educação formal em um passado mais recente e pertencem a uma geração populacional que teria maiores vínculos com o espaço urbano.

Já o segundo segmento, constituído por informantes adultos, representa uma parcela de moradores do bairro que têm mais vivência na comunidade, haja vista que se estabeleceram profissionalmente e/ou em termos familiares há pelo menos vinte anos, em média, e estariam no limiar, em uma região fronteira entre a conservação de certos valores da zona rural e a transição/ incorporação dos hábitos da cidade. Na Tabela 2 são apresentados os números de ocorrências segundo a Faixa Etária dos participantes:

Tabela 2 - Distribuição das ocorrências da variante prestigiada e não prestigiada por Faixa Etária

Grupo de Fatores Faixa etária	Quantidade/ Percentual	Variante não prestigiada	Variante prestigiada	Total	%
Faixa etária I (Jovens) 18 a 34 anos	Número	671	492	1.111	48,9
	%	57,7	42,3		
Faixa etária II (Adultos) 35 a 50 anos	Número	744	367	1.163	51,1
	%	67	33		
Total	Número	1415	859	2.274	
	%	62,2	37,8		

Fonte: Elaboração da autora

A distribuição das ocorrências de sintagmas nominais entre as duas faixas mostrou-se relativamente equilibrada, com uma pequena preponderância no segmento de adultos, correspondente a 51,1%. A diferença mais significativa entre

as duas faixas se dá, em termos numéricos, nos percentuais de ocorrências da variante não prestigiada. Entre os mais jovens, em 57,7% dos registros não houve a realização da concordância nominal de número formal e, no conjunto de entrevistados adultos, 67% dos registros são ocorrências da variante não prestigiada.

Assim como foi possível observar em relação ao grupo de fator Sexo, de modo equivalente, 62,2% do total de ocorrências correspondem aos usos da variante não prestigiada e apenas 37,8% aos usos da variante prestigiada. Este resultado informa que entre os jovens há um emprego maior da forma prestigiada, cerca de 10% a mais que os informantes adultos, por outro lado esta pequena diferença pode ser pouco significativa quando traduzida em peso relativo. A seguir, os excertos extraídos das falas dos informantes da Faixa I e II indicam os usos da variante não prestigiada da concordância nominal de número:

Exemplo 2:

E - Você tem contato com seus irmãos que moram em outro estado?

Inf - Meus *irmão* tenho sim. Minha mãe tá *cum* meus dois *irmão* mais *velho* em São Paulo.

(mjs, 26 anos)

E - Como foi a sua infância?

Inf - A gente tinha que trabalhar pra ajudar a criar os *otro*.

(mas, 42 anos)

E - Você vai à missa com frequência?

Inf - Antes eu ia todos os *domingo*, agora é que eu *maneirei* mais.

(fjs, 18 anos)

E - Como foi sua adolescência?

Inf - [...] As *coisa* foram melhorando, terminei o ensino médio, o profissionalizante do magistério...

(fat, 39 anos)

A variante não prestigiada, que no caso seria a variante inovadora, conforme os percentuais apresentados, não é liderada pelos mais jovens, os quais se mostram mais propensos a conservar os usos da variante prestigiada. Os adultos, por outro lado, tendem a realizar mais a concordância nominal de número não formal, o que evidencia certo desuso da variante inovadora no grupo dos mais jovens.

c) Nível de Escolarização

A escolarização dos informantes, em muitas pesquisas, é avaliada quanto à quantidade de anos frequentados em instituições de ensino. A escolha por dois níveis de escolarização, ensino médio e ensino superior, busca também compreender a influência da formação superior na aquisição de formas prestigiadas ou sua conservação. Nesta investigação, em particular, dos 11 participantes com nível de escolarização superior, 10 têm formação na área de Licenciatura e 7 possuem pós-graduação lato sensu.

Na Tabela 03, os valores referentes às ocorrências de sintagmas nominais em contextos de concordância nominal foram condensados e mostraram os seguintes resultados:

Tabela 3 - Distribuição das ocorrências da variante prestigiada e não prestigiada por Nível de Escolarização

Grupo de Fatores Nível de escolarização	Quantidade/ Percentual	Variante não prestigiada	Variante prestigiada	Total	%
Ensino médio	Número	581	175	756	33,2
	%	76,9	23,1		
Ensino Superior	Número	834	684	1.518	66,8
	%	54,9	45,1		
Total	Número	1415	859	2.274	
	%	62,2	37,8		

Fonte: Elaboração da autora

O total de ocorrências registradas entre os informantes de nível superior, 1.518, representa o dobro das ocorrências dos informantes de nível médio,

correspondente a 756. A maior proporção de ocorrências entre os informantes de nível de escolarização superior certamente está relacionada ao repertório destes participantes. A inserção no meio acadêmico, o próprio trabalho ligado ao magistério e as maiores chances de acesso aos bens culturais socialmente valorizados influenciam a fala e trazem referências diversificadas nos relatos.

As diferenças também são bastante significativas em relação aos percentuais de usos nos dois níveis. Os participantes com ensino médio realizaram a variante não prestigiada em 76,9% das ocorrências, já os participantes com nível superior fizeram uso da variante não prestigiada em 54,9% das ocorrências. Há uma diferença percentual importante entre estes dois segmentos, revelando que os anos de formação superior proporcionam o uso mais frequente da variante prestigiada, em comparação com os moradores do bairro que possuem somente a formação básica.

Os trechos das falas dos informantes adiante ilustram essas ocorrências não prestigiadas:

Exemplo 03:

E - Como foi sua infância? Você brincou bastante?

Inf - Só quando chegava em casa e ia brincar com minhas *prima*...ficava brincando de professor.

(fjt, 27 anos)

E - Você costuma ler revistas, jornais?

Inf - Eu procuro ler questões *relacionada* à gestão escolar... é... metodologia de ensino.

(mat, 38 anos)

E - Você já teve vontade de fazer curso profissionalizante?

Inf - [...] Nem terminei porque *tava* tendo uns *problema* aí, minha cabeça *tava* virada pro alto.

(faz, 44 anos)

E - Seus familiares vivem no interior ainda?

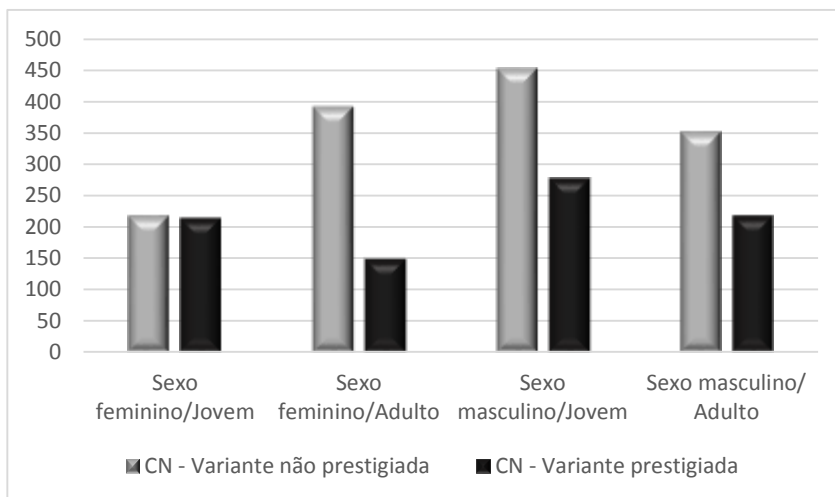
Inf - [...] Ela (a irmã) vende os *tomate*, essas *coisa*, cheiro verde, essas *coisa* entendeu?

(mjs, 26 anos)

A não pluralização de sintagmas nominais simples é recorrente nos dois níveis de escolarização. A porcentagem total de usos prestigiados é inferior até mesmo no grupo de informantes com formação superior, correspondendo a 45,1%, o que vale dizer que é preponderante na comunidade do bairro os usos não prestigiados, independentemente dos níveis de escolarização, ainda que esse percentual seja mais elevado entre os informantes com formação básica.

Para compreender melhor os resultados das variáveis sociais, os dados dos três grupos de fatores, Sexo, Faixa Etária e Nível de Escolarização, foram cruzados entre si, de modo que, segundo a Figura 1, mais abaixo, pode-se visualizar os números referentes às ocorrências de variantes prestigiadas e não prestigiadas, inicialmente, nos grupos e fatores Sexo e Faixa Etária:

Figura 1 - Cruzamento das variáveis sociais Sexo e Faixa Etária



Fonte: Elaboração da autora.

De antemão, os resultados apontam que informantes do sexo feminino/jovens fazem uso das variantes prestigiada e não prestigiada de forma praticamente análoga - são 218 ocorrências de concordância não formal e 214 ocorrências de concordância formal, representando cada uma das variantes 50% das ocorrências. Já entre as participantes do sexo feminino/adultas os números são divergentes. São 392 ocorrências de variante não prestigiada, 72% do total, e 149 ocorrências da

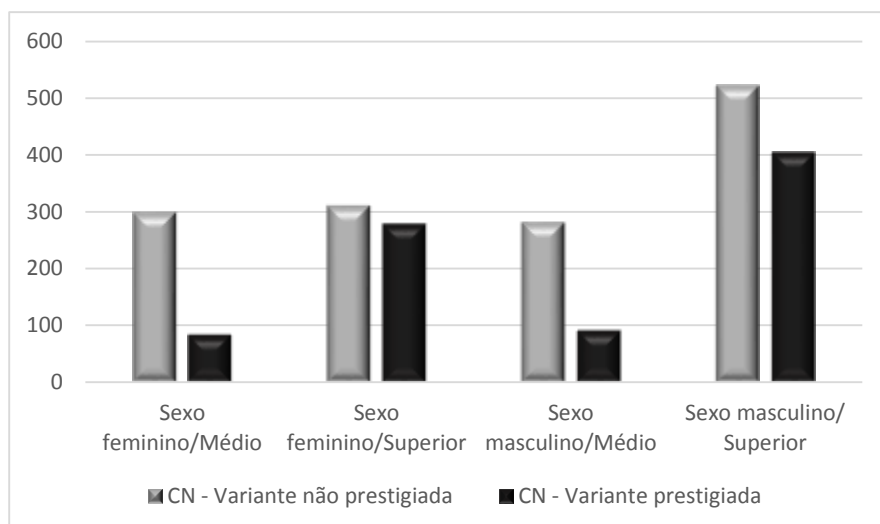
variante prestigiada, correspondendo a 28% de todas as realizações das participantes do sexo feminino/adultas.

Os entrevistados do sexo masculino/jovens, por sua vez, também registraram números discordantes. Destes, 453 ocorrências são da variante desprestigiada, equivalente a 62% dos registros e 278 ocorrências referem-se à variante prestigiada, o mesmo que 38% do conjunto dos registros. Da mesma forma, o universo de participantes do sexo masculino/ adulto apresentou resultados proporcionalmente idênticos ao segmento sexo masculino/ jovens. Foram identificadas 352 ocorrências de concordância não formal, 62% de todos os sintagmas nominais e 218 ocorrências de concordância formal, representando 38% do total.

É possível depreender, a partir deste cruzamento, que informantes do sexo feminino e mais jovens lideram as ocorrências da variante prestigiada na comunidade em estudo e os informantes do sexo masculino, sejam eles jovens ou adultos, apresentam proporcionalmente o maior número de ocorrências da variante desprestigiada.

Ao relacionar os resultados das ocorrências dos grupos de fatores Sexo e Nível de Escolarização, conforme se verifica no gráfico da Figura 02, foram obtidas as seguintes informações:

Figura 2 - Cruzamento das variáveis sociais Sexo e Nível de Escolarização



Fonte: Elaboração da autora

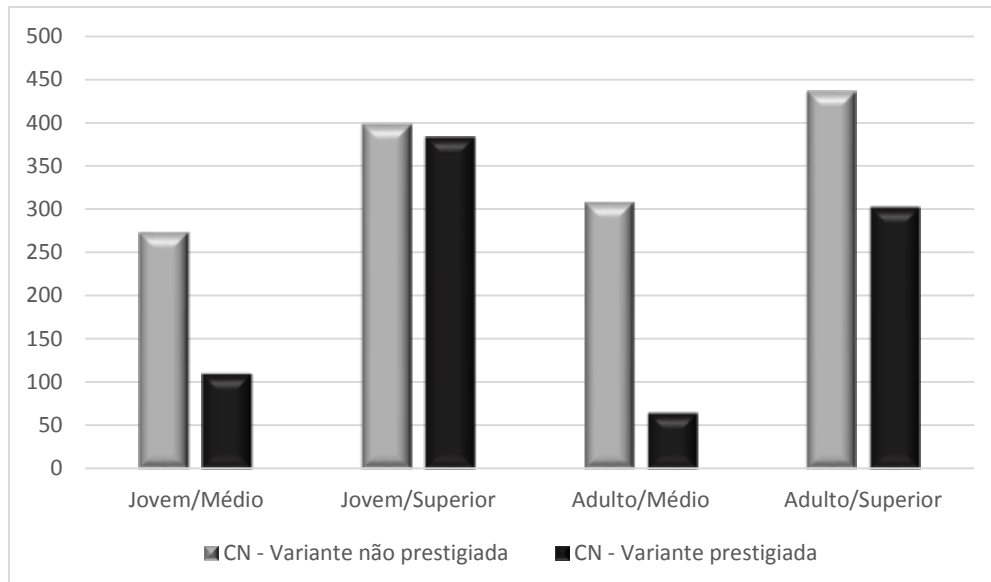
O cotejo dos resultados entre informantes do sexo feminino/ ensino médio aponta que apenas 84 ocorrências são realizações da variante prestigiada, ou 22% dos registros, ao passo que 299 ocorrências foram classificadas como realizações da variante não prestigiada, configurando 78% do total. Este recorte é bastante diferenciado quando se associam informantes do sexo feminino/ ensino superior. Foram descritas 279 ocorrências de concordância formal, representando 47% do conjunto, e 311 ocorrências de concordância não formal, o que significa 53% das realizações.

Os números de ocorrências e respectivos percentuais entre sexo masculino/ ensino médio e sexo masculino/ ensino superior são também semelhantes aos resultados das informantes do sexo feminino nesses níveis de escolarização. Somente 91 ocorrências são realizações da variante de prestígio, correspondendo a 24% dos sintagmas selecionados, e 282 ocorrências constituem realização da variante desprestigiada, o mesmo que 76% dos resultados totalizados. Entre informantes do sexo masculino/ ensino superior os dados dão conta que 405 ocorrências foram estimadas como usos da variante prestigiada, 44% dos sintagmas nominais, e 523 referem-se às ocorrências identificadas como variante não prestigiada, ou seja, 56% da soma dos resultados apurados.

Os dados neste cruzamento sinalizam que os informantes do grupo de fator Nível de Escolarização/ ensino médio são mais propensos a empregar a forma não prestigiada da concordância, em termos percentuais significativos, e os participantes com nível de formação superior empregam de maneira aproximada as duas formas de concordância nominal de número, independentemente do grupo de fator Sexo.

O gráfico a seguir, compreendido na Figura 3, apresenta informações acerca do cruzamento entre os grupos de fator Faixa Etária e Nível de Escolaridade, de maneira a aferir o grau de influência que estas duas variáveis exercem nos usos registrados:

Figura 3 - Cruzamento das variáveis sociais Faixa Etária e Nível de Escolarização



Fonte: Elaboração da autora

O gráfico mostra que informantes jovens/ ensino médio realizaram 273 ocorrências da variante não prestigiada, isto é, 71% das ocorrências de sintagma nominal levantadas e 110 ocorrências da variante prestigiada, perfazendo o total de 29% destes registros. Os jovens/ ensino superior, por outro lado, tiveram um desempenho similar nas duas variantes, de modo que foi utilizada a concordância não formal em 398 ocorrências, equivalente a 51% dos sintagmas nominais, e empregou-se a concordância formal em 382 ocorrências, representando 49% da soma de todos os sintagmas nominais.

Em relação ao grupo de fatores Faixa Etária, os adultos/ensino médio apresentam um emprego maior da variante desprestigiada que os jovens com a mesma escolaridade - são 308 realizações da concordância não formal, o que corresponde a 83% dos sintagmas nominais utilizados por este agrupamento, e apenas 65 ocorrências da variante prestigiada, 17% do total. No segmento adultos/ensino superior o resultado é numericamente um pouco inferior ao apresentado por jovens/ ensino superior. Foram registradas 436 ocorrências da variante não prestigiada, 59% dos sintagmas nominais, e 302 ocorrências da

variante prestigiada, ou seja, 41% de todas as realizações neste recorte de fatores sociais.

Feitas estas prévias análises dos grupos de fatores sociais, em termos absoluto e relativo, para avaliar a efetiva significância das variáveis sociais na amostra selecionada, estão dispostos na Tabela 4, adiante, os valores dos pesos relativos atribuídos aos fatores já discutidos, no que se refere à variante não prestigiada:

Tabela 4 - Análise dos grupos de fatores sociais - variante não prestigiada

GRUPO DE FATORES	FATORES	TOTAL	%	PESO RELATIVO
SEXO	f	610/973	62,7	0.505
	m	805/1301	61,9	0.496
<i>Significance 0.694</i>				
FAIXA ETÁRIA	a	744/1111	67	0.550
	j	671/1163	57,7	0.452
<i>Significance 0.000</i>				
ESCOLARIDADE	s	581/756	76,9	0.661
	t	834/1518	54,9	0.418
<i>Significance 0.000</i>				

Fonte: Elaboração da autora

As porcentagens da variante não prestigiada por grupo de fator, já mencionadas anteriormente, em certa medida, são confirmadas pelos dados

probabilísticos. No grupo de fator Sexo, os valores de pesos relativos para informantes do sexo feminino e masculino são praticamente equivalentes. Ao contrário do que identificou Lucchesi (2009), neste estudo os homens não lideram em termos significativos as ocorrências prestigiadas, haja vista que embora sejam falantes que receberam influência direta ou indireta dos hábitos linguísticos rurais, os segmentos selecionados são escolarizados e ambos, mulheres e homens, residem no meio urbano.

Em relação à Faixa Etária, os pesos calculados também estão próximos, 0.550 para informantes adultos e 0.452 para informantes jovens, contudo a diferença é um pouco mais relevante no caso de informantes adultos, os quais foram responsáveis pela maior quantidade de ocorrências da variante não prestigiada neste grupo de fatores.

Os pesos relativos mais expressivos encontram-se no grupo de fatores Nível de Escolarização. Indiscutivelmente, o segmento de informantes com formação básica, cujo peso é de 0.661, figura com o fator social que mais influencia a realização da variante não prestigiada, em oposição ao fator que compreende informantes com formação superior. Contudo os resultados do usos da variante prestigiada estão bem aquém daqueles encontrados por Brandão e Vieira (2012) em relação ao PB.

4.2 Variáveis linguísticas

a) Saliência fônica - Tonicidade do Item Singular

Em princípio, para investigar a influência da variável linguística Saliência fônica, como ocorre com frequência em trabalhos dessa natureza, foram analisados os usos linguísticos verificando se as formas mais salientes de plural são mais marcadas do que as menos salientes. Há dois eixos para o estudo dessa variável: grau de diferenciação material fônica na relação singular/plural e tonicidade da sílaba (SCHERRE, 1988).

Ocorre que, após a codificação da amostra, majoritariamente os núcleos dos sintagmas levantados apresentavam pluralização regular (a pessoa/ as pessoas) e poucos eram os casos de plurais irregulares (o mês/ os meses, a oração/ as orações) ou ainda metafônicos (o posto/os postos). Nesse sentido, considerando que preliminarmente este fator linguístico teria influência limitada, os núcleos do

sintagma foram analisados sob o ponto de vista da tonicidade das sílabas, examinado o acento deste item constituinte em sua forma singular. Assim sendo, a Tabela 05 traz um levantamento de todos os sintagmas levantados, segundo a tonicidade dos núcleos (sílabas oxítonas, paroxítonas e proparoxítonas), como pode ser visualizado a seguir:

Tabela 5 - Distribuição das ocorrências da variante prestigiada e não prestigiada por Tonicidade do Item Singular - Núcleo do Sintagma Nominal

Grupo de Fatores Saliência Fônica Tonicidade do Item Singular	Quantidade/ Percentual	Variante não prestigiada	Variante prestigiada	Total	%
Oxítonas	Número	284	191	475	20,9
	%	59,8	40,2		
Paroxítonas	Número	1.107	661	1.768	77,1
	%	62,6	37,4		
Proparoxítonas	Número	24	7	31	1,4
	%	77,4	22,6		
Total	Número	1.415	859	2.274	
	%	62,2	37,8		

Fonte: Elaboração da autora

Prevalecem entre os sintagmas nominais aqueles que possuem núcleos cujas sílabas tônicas são paroxítonas. Representam 77,1% das ocorrências, seguidos dos núcleos formados por oxítonas, 20,9% do total, e pelos núcleos constituídos por proparoxítonas, correspondendo a apenas 1,4% do somatório das ocorrências.

Dos 1.768 núcleos formados por paroxítonas, 1.107 estavam inscritos em ocorrências da variante não prestigiada, perfazendo 62,6% dos núcleos com paroxítonas. Ou seja, o fato de a sílaba tônica do núcleo ser classificada como

paroxítona não influencia, segundo estes resultados, a realização da concordância nominal formal.

Da mesma maneira acontece nos núcleos formados por oxítonas. Embora numericamente inferior aos núcleos os com paroxítonas, entre 475 núcleos com sílabas oxítonas, 284 são ocorrências da variante não prestigiada, representado 59,8% destes núcleos. Vale dizer que as sílabas oxítonas também não foram atuantes para a realização da concordância formal nestes sintagmas nominais.

Por último, mesmo constituindo um número bastante reduzido de ocorrências, os núcleos com proparoxítonas, 31 ao todo, tiveram um resultado bastante superior em relação às oxítonas e paroxítonas. Foram obtidos 24 núcleos com proparoxítonas em ocorrências não prestigiadas, equivalendo a 77,4% dos núcleos com esta classificação de tonicidade. A alta porcentagem apresentada pelos núcleos com proparoxítonas indica que haveria uma conexão estreita entre este fator e a realização da variante não prestigiada.

Os trechos selecionados nas falas a seguir, com substantivos como núcleo, trazem exemplos de sílabas oxítonas, paroxítonas e proparoxítonas utilizadas pelos informantes:

Exemplo 04

E - Como é a questão da segurança no bairro?

Inf - Antigamente num era tanto (perigoso), a gente ficava aqui nas *porta* até três *hora* da manhã, todo mundo assim na vizinhança.

(fjt, 18 anos)

E - Qual é seu tipo de leitura?

Inf - [...] Tem essas *questão* de concurso, essas *coisa*.

(mjt, 31 anos)

E - [Questionado sobre sua família, o informante neste trecho resolve discorrer sobre o processo de adoção de crianças].

Inf - Certo que a criança não tem culpa mas ela vai adquirir as qualidades ali, as *característica* do gênio daquela pessoa, né?

(mat, 38 anos)

Como foi demonstrado no exemplo acima, nenhum dos tipos de núcleos examinados quanto à sua tonicidade favoreceram a realização da concordância formal, o que pode ser detalhadamente analisado à luz dos resultados estatísticos, descritos na Tabela 6:

Tabela 6 - Saliência fônica - tonicidade do núcleo singular/ variante não prestigiada

GRUPO DE FATORES	FATORES	TOTAL	%	PESO RELATIVO
Saliência fônica Tonicidade do Item Singular	Oxítona	284/475	59,8	0.474
	Paroxítona	1107/1768	62,6	0.504
	Proparoxítona	24/31	77,4	0.675
				<i>Significance 0.101</i>

Fonte: Elaboração da autora

Os núcleos com sílabas oxítonas foram os que menos influenciaram a realização da variante não prestigiada. As sílabas paroxítonas apresentam um peso pouco significativo e as proparoxítonas são determinantes, nessa amostra, para a não realização da variante prestigiada. Como afirma Scherre (1988), ao contrário de oxítonas e proparoxítonas, as palavras paroxítonas são menos salientes e, portanto, o plural destas é menos marcado.

b) Posição linear dos itens constituintes

Não se pode considerar isoladamente a posição linear dos itens constituintes para inferir a atuação de fatores linguísticos na realização da concordância nominal de número. É necessário relacioná-la a outros fatores como, classe gramatical dos itens constituintes. Embora, como já foi afirmado, os sintagmas nominais nesta amostra sejam preponderantemente simples, com os itens ocupando as 1ª e 2ª posições nas ocorrências, a inclusão deste fator contribui para verificar a significância das 3ª e 4ª posições nestes usos. Vale dizer que a 5ª posição foi

excluída por figurar como *knockout* na primeira rodagem. Seguem os resultados do levantamento dos sintagmas nominais, sob a análise deste fator:

Tabela 7 - Distribuição das ocorrências de variante prestigiada e não prestigiada por Posição Linear dos constituintes

Grupo de Fatores Posição Linear	Quantidade/ Percentual	Variante não prestigiada	Variante prestigiada	Total	%
1ª Posição Ex.: <u>os posto/datas</u> comemorativas (fas, 35 anos)	Número	1.193	47	1.240	54,5
	%	96,2	3,8		
2ª Posição Ex.: <u>pras casa alheia/</u> duas <u>horas</u> (fjs, 18 anos)	Número	180	691	871	38,3
	%	20,7	79,3		
3ª Posição Ex.: nos pequenos <u>comércio/</u> uns seis <u>anos</u> (mas, 37 anos)	Número	35	91	126	5,5
	%	27,8	72,2		
4ª Posição Ex.: as minhas duas <u>vizinha/</u> a maioria das <u>festas</u> (fjt, 18 anos)	Número	7	30	37	1,6
	%	18,9	81,1		
Total	Número	1415	859	2.274	
	%	62,2	37,8		

Fonte: Elaboração da autora

O maior número de ocorrências concentra-se nas 1ª e 2ª posições. Perfazendo 54,5% das ocorrências, os itens que ocupam a 1ª posição são de forma hegemônica pluralizados nos casos de concordância nominal da língua portuguesa. Logo, foram identificadas 1193 ocorrências nas quais o item que ocupa esta posição

é pluralizado mas não há concordância com o termo seguinte. Isto ocorre em 96,2% dos casos de ocorrências não prestigiadas.

Destacando a pluralização dos itens que ocupam a 2ª posição, em 180 ocorrências não houve a marcação de plural, ao passo que nas demais 691 ocorrências foi registrada a presença da variante prestigiada. Nas 3ª e 4ª posições os registros foram menores, mas é interessante assinalar que em ambas, respectivamente, os valores de 72, 2% e 81,1% referem-se às ocorrências da variante prestigiada, indicando que nestas posições há maior possibilidade de realização da concordância formal.

Os próximos resultados do grupo de fator posição linear, distribuídos por pesos relativos na Tabela 08, revelam com maior especificidade a atuação de cada posição nas realizações não formais da concordância nominal:

Tabela 08 - Posição linear dos constituintes/ variante não prestigiada

GRUPO DE FATORES	FATORES	TOTAL	%	PESO RELATIVO
Posição linear dos constituintes	1ª Posição	1193/1240	96,2	0.887
	2ª Posição	180/871	20,7	0,075
	3ª Posição	35/126	27,8	0.107
	4ª Posição	7/37	18,9	0.068
<i>Significance 0.000</i>				

Fonte: Elaboração da autora.

Os valores probabilísticos atribuídos às 2ª, 3ª e 4ª posição foram muito baixos e isto permite afirmar que estes fatores linguísticos não são significantes, nesta investigação, para a realização da variante desprestigiada. Ao contrário, o item constituinte que ocupa a 1ª posição no sintagma nominal é recorrentemente pluralizado, mas as ocorrências nas quais ele foi observado não é frequente a concordância formal, de modo que o peso correspondente a 0.887 é bastante

consistente para admitir a importância deste fator nos usos da variante não prestigiada.

c) Classe Morfológica do item plural/pluralizável pré-nuclear

Considerando que, nesta amostra, os núcleos dos sintagmas nominais são, predominantemente, pertencentes à classe morfológica dos substantivos, foram definidos como itens para a investigação deste fator linguístico somente os itens que precediam imediatamente o núcleo dos sintagmas. Apesar de a classe dos numerais não flexionar nos casos de concordância observados, ela foi incluída, como item pluralizável, por remeter à ideia de quantidade, de elementos variados, similar, portanto, ao conteúdo do item plural.

Assim, elencadas as classes principais que formam itens constituintes dos sintagmas nominais, a Tabela 09 apresenta os números e porcentagens das ocorrências identificadas:

Tabela 09 - Distribuição das ocorrências da variante prestigiada e não prestigiada por Classe morfológica do item plural/pluralizável pré-nuclear

Grupo de Fatores Classe morfológica Item plural	Quantidade/ Percentual	Variante não prestigiada	Variante prestigiada	Total	%
Numeral Ex.: vinte <i>ano</i> /vinte anos (fjt, 27 anos/ mat, 38 anos)	Número	277	240	517	23,7
	%	53,6	46,4		
Categoria Substantivada Ex.: os <i>outro</i> / os outros (fas, 35/ mjt, 27 anos)	Número	10	12	22	1
	%	45,5	54,5		
Artigo Ex.: uns <i>menino</i> / uns dias (fjs, 18 anos/ faz, 40 anos)	Número	491	219	710	32,6
	%	69,2	30,8		
Adjetivo Ex.: muitos <i>compromisso</i> grandes amigos (fat, 38 anos/ fjt, 26 anos)	Número	74	56	130	6
	%	56,9	43,1		
Pronome Ex.: meus <i>filho</i> /essas festas (fas, 38 anos/ mjs, 26 anos)	Número	310	153	463	21,3
	%	67	33		
Contração - preposição + artigo Ex.: das <i>criança</i> / das coisas boas (mjt, 31 anos/ fas, 44 anos)	Número	161	112	273	12,5
	%	59	41		
Quantificador Ex.: todas as disciplina/ todas as disciplinas (mjt, 27 anos)	Número	37	27	64	2,9
	%	57,8	42,2		
Total	Número	1360	819	2179	
	%	62,4	37,6		

Fonte: Elaboração da autora

As ocorrências em que o núcleo do sintagma aparece em 1ª posição e pertence à classe morfológica dos substantivos foram retiradas dessa rodagem.

Com efeito, os resultados mostram que a maioria destes itens faz parte da classe dos artigos, 32, 6% do total, seguidos dos numerais, correspondendo a 23, 7%, e pronomes, os quais representam 21, 3% das ocorrências. Entre os artigos, 69,2% destes foram registrados em ocorrências da variante não prestigiada. Os itens da classe dos numerais, por sua vez, representam 53,6% das realizações de concordância não formal e 67% dos pronomes estão localizados em sintagmas da variante desprestigiada.

As demais classes morfológicas apresentaram percentuais menos relevantes na investigação e os determinantes das classes dos artigos e pronomes estão entre os itens morfológicos que lideram as realizações da concordância não formal, com percentuais muito próximos.

Seguem, na Tabela 10, os dados probabilísticos de todas as classes analisadas para exame dos fatores linguísticos mais influentes no uso da variante não prestigiada:

Tabela 10 - Classe morfológica do item plural/pluralizável pré-nuclear/ variante não prestigiada

GRUPO DE FATORES	FATORES	TOTAL	%	PESO RELATIVO
Classe gramatical do item plural/ pluralizável pré-nuclear	Numeral	277/517	53,6	0.410
	Categoria substantivada	10/22	45,5	0.334
	Artigo	491/710	69,2	0.574
	Adjetivo	74/130	56,9	0.443
	Pronome	310/463	67	0.549
	Contração - preposição + artigo	161/273	59	0.464
	Quantificador	37/64	57,8	0.452

Fonte: Elaboração da autora

Os pesos atribuídos às classes morfológicas dos artigos e pronomes, 0.574 e 0.549 respectivamente, foram os únicos que se mostraram atuantes nas ocorrências da variante não prestigiada. Logo, quando estes dois itens recebem marcação de plural há maior favorecimento para a realização da variante desprestigiada da concordância nominal. É importante observar que os valores dos pesos destas duas classes apontam apenas para uma ligeira significância, acima de 0.5, o que denota que estes fatores exercem influência relativa quanto aos usos da variante da concordância não formal.

d) Posição relativa

Para efeito de melhor visualização dos resultados, foram assinaladas as posições dos itens constituintes imediatamente anterior e posterior ao núcleo dos sintagmas, denominadas respectivamente como pré-nuclear e pós-nuclear. A posição nuclear foi analisada principalmente para verificar a pluralização do próprio núcleo, mais frequente nas ocorrências da variante prestigiada, tendo em vista que os casos de não marcação de plural do item pré-nuclear em 1ª posição foram excepcionais.

Feita esta consideração, encontram-se descritos, portanto, na Tabela 11, dados relativos à distância que os itens mantêm em relação ao núcleo e o papel que sua centralidade exerce:

Tabela 11 - Distribuição das ocorrências da variante prestigiada e não prestigiada por Posição relativa

Grupo de Fatores Posição relativa	Quantidade/ Percentual	Variante prestigiada	Variante não prestigiada	Total	%
Nuclear Ex.: <u>esses grandes pregadores/meu tempos</u> (mas, 42 anos/faz, 40 anos)	Número	734	10	744	32,7
	%	98,7	1,3		
Pré-nuclear Ex.: todos <u>os</u> bairros/ aqueles <u>riacho</u> (fat, 39 anos/ faz, 35 anos)	Número	13	1237	1250	55
	%	1	99		
Pós- nuclear Ex.: <u>carros</u> pesados/umas <u>casinha</u> bonitinha (mjt, 27 anos/fat, 38 anos)	Número	168	112	280	12,3
	%	60	40		
Total	Número	1415	859	2274	
	%	62,2	37,8		

Fonte: Elaboração da autora

As posições pré-nuclear e nuclear devem ser interpretadas de forma complementar. 55% das ocorrências foram examinadas como pré-nucleares, 32% como nucleares e apenas 12,3% como pós-nucleares. Nas duas primeiras posições em que se observa a posição do constituinte à esquerda do núcleo e o item constituinte na posição nuclear, em 99% das ocorrências da posição pré-nuclear analisadas o sintagma nominal correspondia à variante não prestigiada e em apenas 13 ocorrências, ou 1% delas, os sintagmas nominais utilizados foram classificados como variante prestigiada.

Na variante prestigiada, 734 ocorrências de sintagma nominal tinham o núcleo em 2ª posição como fator de análise, com percentual de 98,7% das ocorrências e em posição pós-nuclear, com núcleo ocupando 1ª, 2ª e 3ª posições, 60% dos sintagmas, de 280 ao todo, possuíam constituintes não pluralizados à direita do núcleo. A partir da Tabela 12 é possível confirmar a atuação destes fatores quanto à realização não formal da concordância nominal de número:

Tabela 12 - Posição relativa/ variante não prestigiada

GRUPO DE FATORES	FATORES	TOTAL	%	PESO RELATIVO
Posição relativa	Nuclear	10/744	1,3	0.032
	Pré-nuclear	1237/1.250	99	0.996
	Pós-nuclear	168/280	60	0.678
TOTAL				
<i>Significance 0.000</i>				

Fonte: Elaboração da autora

Com estes resultados, fica evidente que os termos pré-nucleares, em geral, como visto mais acima, determinantes (artigos e pronomes), lideram o favorecimento das marcas pluralizadas à esquerda do núcleo em sintagmas da variante não prestigiada e o núcleo com marca de plural ocupando a 2ª posição nos sintagmas, ou posição nuclear como foi classificado este fator, emerge em sintagmas da variante prestigiada, por isso apresentando baixa influência na realização da concordância formal. Os itens constituintes que sucedem o núcleo, por sua vez, também são atuantes para os usos da variante não prestigiada, com peso relativo de 0.678. Estes achados por sua vez reiteram as análises de Lucchesi (2009) sobre a frequência desta posição nas realizações não prestigiadas.

e) Reflexões sobre convergência e interação das variáveis sociais e linguísticas

Foram processadas, com os sete grupos de fatores em estudo (Sexo, Faixa Etária, Nível de Escolaridade, Tonicidade do item singular, Posição Linear, Classe Morfológica e Posição Relativa), 49 rodadas e selecionados os grupos de fatores mais atuantes na realização da variante não prestigiada e os grupos menos influentes. Os grupos de fatores Sexo, Faixa Etária, Tonicidade do núcleo singular e Classe Morfológica foram avaliados como menos significantes para a realização da concordância não formal. Já os grupos de fatores considerados mais influentes,

Nível de Escolaridade, Posição Linear e Posição relativa, apresentaram os seguintes dados probabilísticos, dispostos na Tabela 13, logo abaixo:

Tabela 13 - Convergência entre os grupos de fatores mais influentes - variante não prestigiada

GRUPO DE FATORES	FATOR	PESO RELATIVO
Nível de Escolaridade	Nível I - Ensino médio	0.694
	Nível II - Ensino Superior	0.399
Posição Linear	1ª posição	0.696
	2ª posição	0.269
	3ª posição	0.365
	4ª posição	0.090
Posição Relativa	Pré- nuclear	0.952
	Nuclear	0.009
	Pós-nuclear	0.312
		Significance 0.000

Fonte: Elaboração da autora

O fator com maior significância é a Posição pré-nuclear do item constituinte dos sintagmas nominais. Como visto nos exemplos anteriores, a pluralização deste item, à esquerda do núcleo, desfavorece a concordância nominal formal. Igualmente, a 1ª posição ocupada por itens constituintes influencia fortemente a realização da variante não prestigiada.

Dentre os fatores sociais, os informantes que possuem o ensino médio completo são os que mais realizam a variante não prestigiada, sendo esta a variável extralinguística mais importante nos usos linguísticos observados nesta análise.

4.3 Dados relativos ao *continuum* rural-urbano

Os participantes desta investigação responderam questões relativas à sua naturalidade, relações familiares com moradores da zona rural, contato com os meios de comunicação e hábitos religiosos. A síntese destes dados teve como objetivo proporcionar subsídios para uma reflexão mais qualitativa sobre os vínculos que a comunidade mantém com a zona rural do município, tendo como cenário o processo de urbanização que vivenciam no espaço da cidade.

Na Tabela 14 foram consolidadas as informações ligadas às origens dos entrevistados, conforme estão descritas a seguir:

Tabela 14 - Procedência dos informantes - rural/urbano

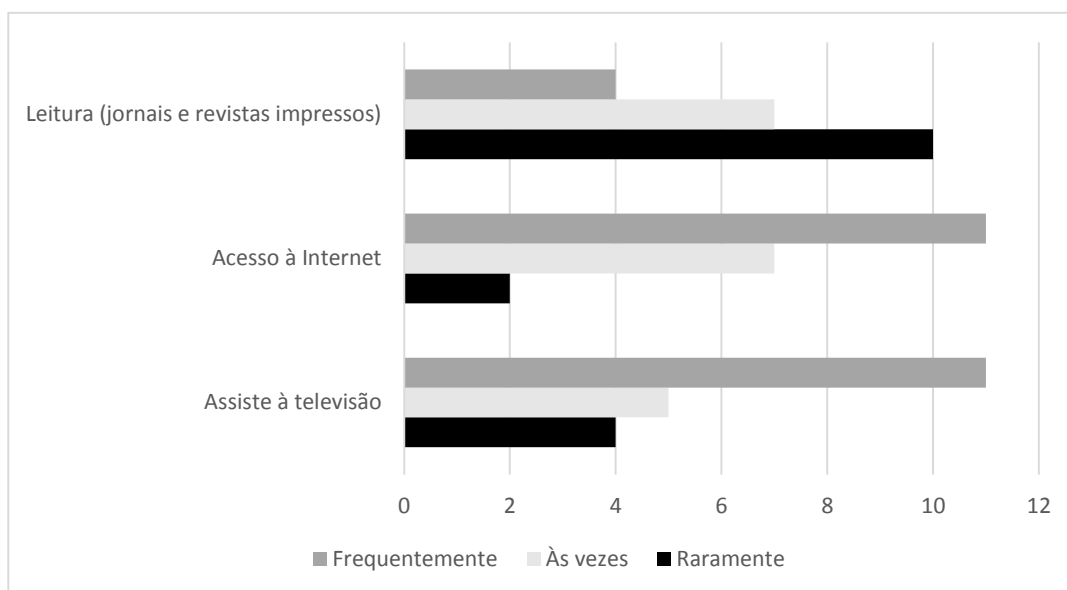
Naturalidade do informante	Número	%	Naturalidade dos familiares (pais/avós)	Número	%
Zona urbana de Caxias	9	45	Zona urbana de Caxias	1	5
Zona rural de Caxias	7	35	Zona rural de Caxias	16	80
Municípios da região	3	15	Municípios da região	3	15
Outros municípios do MA	1	5	Outros municípios	-	-
Total	20		Total	20	

Fonte: Elaboração da autora.

Os informantes quanto à naturalidade, em sua maioria, estão distribuídos entre a zona rural e urbana do município de Caxias, ou seja, 80% dos participantes. Em relação às origens dos familiares (pais, avós), 16 informantes, representando 80% dos sujeitos da pesquisa, afirmaram que seus parentes próximos nasceram e/ou ainda residem na zona rural do município.

Estes dados revelam que a comunidade vive uma transição geracional entre a região rural e urbana do município. Todos os entrevistados naturais da zona rural informaram que a migração do campo para a cidade, por exemplo, teve como grande elemento motivador a necessidade de dar prosseguimento aos estudos. É importante destacar que os proventos econômicos dos informantes, em nenhum dos casos, deriva do cultivo agrícola, porém, a expressiva maioria afirmou que costuma deslocar-se para a zona rural, seja do município de Caxias ou dos municípios vizinhos, em busca de lazer, descanso.

No gráfico adiante, Figura 4, os resultados mostram o tipo de contato que os entrevistados têm com os meios de comunicação de massa (televisão, Internet, jornais e revistas impressos):

Figura 4 - Contato com os meios de comunicação

Fonte: Elaboração da autora

Um pouco mais da metade dos informantes, 11 sujeitos, relatou que o acesso à Internet é bastante frequente. Os dados sobre contato com programas televisivos diversos (novelas, telejornais) também são equivalentes. Somando os números de contato frequente e ocasional (às vezes), em ambos os meios de comunicação, Internet e televisão, cerca de 80% dos participantes estão familiarizados com estes veículos e são, portanto, alcançados pelos meios de comunicação de massa.

Por outro lado, 50% dos entrevistados responderam que raramente leem jornais e ou/ revistas impressos, assim como outros 35% dos informantes, resultados estes que podem revelar tanto o hábito infrequente de leitura como a migração dos mesmos leitores para a Internet, que atualmente traz informativos e periódicos em plataforma digital. De qualquer maneira, pode-se afirmar que todos os pesquisados estão expostos aos meios de comunicação de massa, tendência que parece ser refletir o nível de escolarização dos sujeitos da pesquisa e a assimilação de padrões de comportamento urbanos.

Em relação aos hábitos religiosos, os entrevistados foram estimulados a discorrer sobre suas eventuais práticas religiosas, as quais evidenciarão os vínculos entre os moradores do bairro, a partir de redes sociais, ou ainda experiências de letramento promovidas por instituições religiosas. As informações obtidas estão consolidadas logo abaixo:

Tabela 15 - Hábitos religiosos

Respostas dos Informantes	Número	%
Católico praticante	10	50
Católico não praticante	7	35
Protestante	2	10
Cristão	1	5
Total	20	

Fonte: Elaboração da autora.

O grupo de pesquisados é constituído somente por adeptos de religiões cristãs. Há núcleos no bairro Campo de Belém formados por populações remanescentes das comunidades quilombolas rurais e que preservam os cultos das religiões de matrizes africanas, mas nenhum dos informantes se identificou como praticante destas religiões. A influência da Igreja Católica na edificação do bairro se faz presente nos hábitos religiosos de membros da comunidade. 85% do conjunto dos investigados são católicos, distribuídos entre católicos praticantes, representando 50% do total, e outros 35% que se declaram como não praticantes.

Com a apresentação destas evidências sobre algumas características socioculturais da comunidade em estudo, depreende-se que a população do bairro guarda relações próximas de parentesco com habitantes da zona rural do município e de localidades adjacentes. Gradualmente, ao longo dos anos, a dependência financeira das atividades agrícolas foi substituída pelo trabalho assalariado na zona urbana, de modo que o campo se tornou para estes moradores escolarizados um espaço de reencontro com familiares e recreação.

O contato regular com os meios de comunicação de massa demonstra que o grupo de moradores escolarizados do bairro convive com formas prestigiadas da língua, além do conhecimento normativo adquirido na educação básica e recorrentemente demandado pelos cursos de ensino superior. Assim como na zona

rural, a influência da Igreja Católica persiste nos hábitos religiosos dos moradores. Há que se considerar ainda que a maioria dos entrevistados faz parte, inclusive, de uma mesma rede social, que ultrapassa os vínculos estritamente familiares, mas é circunscrita pelos limites geográficos do bairro, da comunidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta investigação teve como principal objetivo, segundo os parâmetros da Sociolinguística variacionista, a descrição e análise das ocorrências de variação da concordância nominal de número em uma comunidade do bairro Campo de Belém, situada no município de Caxias - MA. Isto posto, foram levantadas, a partir das entrevistas de 20 informantes moradores do bairro, 2.274 ocorrências de concordância nominal de número, dentre as quais 1.415 são registros da variante não prestigiada, ou 62,2% dos sintagmas nominais, e 859 são realizações da variante prestigiada, o que corresponde a 37,8% do conjunto.

Em se tratando dos grupos de fatores sociais, quando são observados os resultados da variável extralinguística Sexo, foram obtidos percentuais semelhantes entre informantes do sexo feminino e masculino. 62,7% dos casos de concordância não formal são realizados por mulheres e 61,9% do total dos sintagmas nominais, entre os homens, são ocorrências da variante não prestigiada, revelando que este grupo de fatores não é decisivo nos usos da variante desprestigiada.

O peso relativo atribuído ao grupo de informantes do sexo feminino, de 0.505, não é significativo para evidenciar que mulheres favorecem o uso da concordância não formal. Contudo, acerca deste resultado, é possível inferir que de 11 informantes do sexo feminino entrevistadas, 5 são donas de casa, o que atualiza os dados identificados por Bortoni-Ricardo (2011) há mais de trinta anos - as mulheres cujas atividades cotidianas são essencialmente domésticas teriam menos contato com outras redes sociais e por isso fariam uso mais frequente, em termos percentuais, das variedades não prestigiadas.

Quanto ao grupo de fator Faixa Etária, o percentual de ocorrências de realização da variante não prestigiada é de 57,7% dos registros no segmento de informantes jovens e entre os adultos este número é ainda mais elevado, pois, do total de ocorrências, em 67% dos sintagmas nominais foi observado o uso da concordância nominal de número não formal. Em ambos os fatores a realização da variante não prestigiada é bastante elevada, entretanto, os jovens lideram as ocorrências da variante prestigiada, favorecendo-a e apresentando, inclusive, probabilidade correspondente a 0.550. As necessidades de ocupação dos postos de trabalho, qualificação profissional e a busca por ascensão econômica certamente

estão entre as principais motivações para que os jovens incorporem as marcas linguísticas de prestígio do meio urbano.

No que diz respeito ao Nível de Escolarização, entre todas as variáveis estudadas, o fator escolarização que inclui participantes com nível médio indicou o maior percentual de ocorrências da variante desprestigiada. Foram 76,9% dos registros, ao passo que no nível superior houve a compilação de 54,9% das ocorrências.

Esta diferença significativa no segmento de participantes com nível médio, confirmada pelo peso relativo de 0.661, permite considerar que o ingresso dos sujeitos da pesquisa no ensino superior proporcionou a este grupo de informantes uma espécie de segunda etapa do letramento escolar, a qual sucederia a educação básica, e seria responsável por estimular mais o uso da variante prestigiada, tendo em vista as exigências de escrita e exposição formais que a academia requer.

Os cruzamentos entre os grupos de fatores sociais apontaram desempenhos importantes. As informantes do sexo feminino e jovens realizam a variante não prestigiada em 50% das ocorrências e as mulheres adultas favorecem o uso da concordância não formal, pois 72% das ocorrências entre elas são realizações desta variante. Entre informantes do sexo masculino e jovens, 62% dos sintagmas nominais são realizações da variante desprestigiada, assim como 62% dos usos de homens e adultos também são registros de concordância não formal. Logo, mulheres e jovens são mais refratárias à variação não prestigiada da concordância nominal de número.

As participantes do sexo feminino e com ensino médio são responsáveis pelo uso da variante não prestigiada em 78% das ocorrências, sendo que entre mulheres com ensino superior este percentual cai para 53% das realizações. Em relação aos homens, são observadas proporções similares. Informantes do sexo masculino com ensino médio usam a variante desprestigiada em 76% das ocorrências de sintagmas nominais e homens com ensino superior não empregaram a concordância nominal em 56% das ocorrências. Neste cruzamento o grupo de fatores Nível de Escolarização é mais atuante que a variável Sexo dos informantes, evidenciando que a escolarização possui papel destacado na realização das ocorrências da variante prestigiada.

A interseção das variáveis sociais Faixa Etária e Nível de Escolarização mostrou que o maior número de usos da concordância não formal está entre jovens

e adultos com ensino médio. Os adultos com ensino médio favorecem as ocorrências da variante não prestigiada - em 83% dos sintagmas nominais neste segmento houve a realização da concordância não formal. Os jovens com ensino médio, por sua vez, realizaram esta variante em 71% das ocorrências.

Adultos com ensino superior, assim como jovens com ensino superior usam mais a variante prestigiada. Os informantes jovens e que têm nível superior de escolarização praticamente igualaram os percentuais de ocorrências da variável dependente, em 51% dos sintagmas nominais foi utilizada a concordância não formal e nos outros 49% a variante prestigiada.

Os resultados entre adultos com nível superior foram os seguintes: 59% dos sintagmas nominais são realizações da concordância não formal e 41% usos da variante prestigiada. Em outros termos, a geração mais jovem residente no bairro e que ingressou em cursos de nível superior tende a superar os adultos com mesmo nível de escolaridade quanto à assimilação da concordância nominal formal.

Sobre os resultados das variáveis linguísticas, a análise da Tonicidade do núcleo singular informou que sílabas oxítonas deste item não influenciam a realização da variante não prestigiada, ao contrário das sílabas paroxítonas que são ligeiramente atuantes, com peso relativo de 0.504, posto que são menos salientes que oxítonas e proparoxítonas. Apesar de constituírem um grupo menor entre os sintagmas nominais levantados, as proparoxítonas favoreceram estas realizações, com 0.675 de significância.

No grupo de fatores Posição linear, ficou demonstrado que dentre as quatro posições ocupadas, apenas a 1ª posição possui valor probabilístico significativo para a realização da variante não prestigiada, isto é, 0.887. Como prevalece entre as ocorrências os sintagmas nominais simples, em geral, o núcleo do sintagma ocupa a 2ª posição, de maneira que nos registros da variante não prestigiada a pluralização se aplica essencialmente aos itens que introduzem o sintagma nominal.

A Classe morfológica dos itens pré-nucleares foi apreciada com o objetivo de estabelecer relações entre a função gramatical deste item constituinte e sua atuação na marcação de plural dos núcleos dos sintagmas nominais. Somente artigos e pronomes revelaram ter peso significativo na realização da concordância não formal, 0.574 e 0.549, respectivamente, os quais atuam como determinantes nos sintagmas.

Ainda que o universo de sintagmas nominais complexos seja relativamente pequeno na amostra em investigação, a inclusão do grupo de fator linguístico

Posição relativa procurou aferir em que medida termos pós-nucleares, em particular, são importantes nos usos da variante não prestigiada.

Os termos nucleares quando pluralizados foram massivamente incluídos nas ocorrências da variante prestigiada. Dessa forma, os itens que se destacaram na realização da concordância nominal não formal foram os termos que ocupam a posição pré-nuclear, com valor probabilístico praticamente absoluto em favor da variante desprestigiada. Já os itens pós-nucleares representaram o peso relativo de 0.678, o que indica também a influência deste fator nas realizações não prestigiadas.

Após a avaliação de todos os grupos de fatores, prevaleceu entre os fatores efetivamente atuantes para a realização da concordância não formal o nível médio de escolarização dos informantes, a 1ª posição do item constituinte e a posição pré-nuclear dos termos nos sintagmas nominais. Classe morfológica e Tonicidade do núcleo são grupos de fatores estruturais constantemente dimensionados em pesquisas da área, no entanto, no que diz respeito à amostra em questão, os resultados destas duas variáveis linguísticas não foram decisivos nos usos da variante não prestigiada, ou seja, eles não seriam os responsáveis pela ausência de marcação de plural em constituintes do sintagma nominal.

Para compreender a dinâmica espacial na qual os sujeitos desta comunidade estão inseridos, foram obtidos dados relativos à naturalidade, origem da família, contato com os meios de comunicação e hábitos religiosos. Como inicialmente se pressupôs, 80% dos informantes tem origem ou familiares na zona rural do município de Caxias. Sobre esse aspecto, o fato de a zona urbana representar apenas 2,5% de todo o território hoje ocupado por Caxias, cerca de 133 km², explica, em grande parte, a ascendência de fluxos migratórios do campo para a cidade, pois a maior extensão do município até os dias atuais pertence à área considerada rural.

Os participantes que migraram do campo para a cidade de Caxias, assim como seus familiares, tiveram como objetivo, sobretudo, dar prosseguimento aos estudos e garantir melhores oportunidades de trabalho. Contudo, somente a escolarização de nível médio não garantiu a conquista de ocupações socialmente mais valorizadas e que requeiram o uso constante das variedades prestigiadas, de modo que os resultados significativos de ocorrências de concordância nominal não

formal neste segmento estariam diretamente associados ao nível socioeconômico dos informantes e não somente à questão da escolaridade.

Acerca do contato com os meios de comunicação, todos os participantes têm algum tipo de acesso a estes veículos, com destaque aos programas televisivos e Internet, dados que confirmam, portanto, a convivência dos sujeitos da pesquisa com as formas prestigiadas. É interessante assinalar que o espaço urbano é construído atualmente com forte participação dos meios de comunicação, que configuram valores e práticas sociais, mas sua intervenção nos usos linguísticos dos falantes deste estudo não se mostrou muito efetiva.

Sobre os hábitos religiosos, 85% dos investigados são católicos, praticantes ou não. Como a comunidade é bastante integrada à Igreja Nossa Senhora D'Oropa, ligada à paróquia Nossa Senhora de Nazaré, é possível afirmar que os moradores do bairro, adeptos dessa religião, estão conectados em uma mesma rede social. As relações cotidianas, pois, são mantidas entre si, seja na rua, na vizinhança ou nos eventos realizados pela Igreja Católica. É um fator de coesão social e, aliado aos baixos índices de violência relatados pelos informantes, provavelmente responde por uma sensação de tranquilidade descrita pelos moradores, os quais, de forma praticamente unânime, manifestaram o desejo de permanecer residindo nesta localidade, em que as pessoas "se conhecem" e os conflitos não são corriqueiros.

Trata-se de uma comunidade *rurbana*, de passado recente, e que vive os desafios da transição para uma cultura urbana. A prevalência das ocorrências da variante não prestigiada em relação ao conjunto dos informantes, lembrando que a amostra reuniu somente pesquisados com níveis mais elevados de escolarização, aponta para a influência, além dos fatores linguísticos mencionados, de traços rurais, herança de um presumido dialeto que, utilizado outrora em comunidades isoladas e com alta densidade das redes sociais, ainda subsiste mesmo no ambiente urbano e escolarizado.

Os usos da comunidade, como se pode observar, não são governados estritamente pelos grupos de fatores sociais. Embora a variável Nível de Escolarização tenha sido bastante atuante, duas variáveis linguísticas, Posição Linear e Relativa favoreceram as realizações da variante desprestigiada. Logo, com base nas reflexões teóricas discutidas, é possível estabelecer, diante desses achados, pontos de intersecção entre os estudos de Scherre (1988;2007) e Bortoni-Ricardo (2011).

A escolarização dos informantes não suprimiu os usos de uma variante não prestigiada, mesmo que haja distinções significativas entre os dois níveis. Isto significa dizer que a estandarização não foi plenamente alcançada nesta localidade. A inserção no meio urbano e o acesso aos seus recursos comunicativos não fragmentaram a vida em comunidade e suas ligações reafirmadas pela fé cristã.

Sendo assim, a inclinação de pluralizar os primeiros itens do sintagma nominal, posicionados à esquerda do núcleo, há muito verificada em pesquisas pioneiras e nas mais atuais, mantém-se em meio urbano periférico, escolarizado. A deriva antes contida pelos mecanismos de normatização linguística encontra-se, segundo a amostra pesquisada, em um limiar, tentando conjugar as realizações que pertencem às duas realidades, do campo e da cidade, em uma espécie de fluxo híbrido. Mais pesquisas futuras serão então necessárias para aferir o encaixamento desta variação e sua homogeneização nos usos desta comunidade maranhense.

REFERÊNCIAS

BATISTA LIMA, L. “**É desse lugar aqui, que a gente vive**”: sustentabilidade sociocultural, econômica e ambiental do Assentamento Caxirambu em Caxias – MA. Caxirambu em Caxias – MA. 2007. 198f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento e Meio Ambiente), Universidade Federal do Piauí, Teresina.

BECHARA, E. **Moderna Gramática Portuguesa**. 37^a ed., 14^a Reimpressão. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.

BORTONI-RICARDO, S. M. **Manual de Sociolinguística**. São Paulo: Contexto, 2014.

_____. **Do campo para a cidade**: estudo sociolinguístico de migração e redes sociais. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.

_____. **Nós chegemu na escola, e agora?** : sociolinguística e educação. São Paulo: Parábola, 2005.

BRANDÃO, S.F.; VIEIRA, S.R. **Concordância nominal e verbal**: contribuições para o debate sobre o estatuto da variação em três variedades urbanas do português. Alfa, Rev. Linguíst. (São José Rio Preto) [online]. 2012, vol.56, n.3, pp.1035-1064. ISSN 1981-5794. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1981-57942012000300013&lng=en&nrm=iso&tlng=pt>. Acesso em 01 de agosto de 2016.

CALVET, L. J. **Sociolinguística**: uma introdução crítica. São Paulo: Parábola, 2002.

CAMACHO, R.G. **Da Linguística formal à Linguística social**. São Paulo: Parábola, 2013.

CARDOSO, S. A. **Geolinguística**: tradição e modernidade. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

_____. **Geolinguística no terceiro milênio**: monodimensional ou pluridimensional? Disponível em: <www.gelne.ufc.br/revista_ano4_no2_12.pdf>. Acesso em mai.2016.

CASAS, M.X.F. **El relativismo lingüístico em la obra de Edward Sapir**. *Una revision de tópicos infundados*. Revista Internacional de filosofia. Teorema XXII/3, 2003. p. 115-129. Disponível em: <<https://dialnet.unirioja.es/revista/4274/V/22>>. Acesso em 15 de junho de 2016.

CAXIAS. **Prefeitura Municipal de Caxias**. Disponível em: <www.caxias.ma.gov.br> Acesso em 10 de maio de 2016.

CORNÉLIO, P. S. C. **Reisado Careta**: brincadeira para louvar Santo Reis. Dissertação de mestrado. 2009. 80 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade Federal do Maranhão, São Luís.

COUTINHO, M. **Caxias das Aldeias Altas**: subsídios para sua história. 2ª ed. Caxias, Prefeitura de Caxias, 2005.

CUNHA, R.C. **Ocupação e o desenvolvimento das duas formações socioespaciais no Maranhão**. Portal de periódicos da Universidade Federal do Rio Grande, 2015. Disponível em: <<https://www.seer.furg.br/cnau/article/download/5525/3432>>. Acesso em: 05 de agosto de 2016.

FARACO, C.A. **Norma culta brasileira**: desatando alguns nós. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

GOMES DA SILVA, F. **Alagoanos em São Paulo e a concordância nominal de número**. 2014. 103f. Dissertação (Mestrado em Linguística), Universidade de São Paulo, São Paulo.

GONÇALVES, R.T. **Perpétua prisão órfica ou Ênio tinha três corações**: o relativismo linguístico e o aspecto criativo da linguagem. 2008. 240f. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba.

GUY, G. R.; ZILLES, A. **Sociolinguística quantitativa** – instrumental de análise. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

IAMASHITA, L.M.C. **Modernização e rebeldia**: a dinâmica da política regencial e a revolta da Balaiada no Maranhão (1831-1841). 2010. 317f. Tese (Doutorado em História Social) Universidade de Brasília, Distrito Federal.

IBGE. **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística**. Mapas interativos. Disponível em: <http://mapas.ibge.gov.br/interativos.html>. Acesso em jul.2016.

_____. **Séries históricas e estatísticas**. Disponível em: <<http://serieestatisticas.ibge.gov.br/series.aspx?vcodigo=POP122>>. Acesso em 07 de maio de 2016.

INEP. **Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira**. Censo Escolar. Disponível em: <<http://matricula.educacenso.inep.gov.br>>. Acesso em: 12 de julho de 2016

KENEDY, E; MARTELOTTA, M. E. T. **A visão funcionalista da linguagem no século XX**. In: CUNHA, M. A. F.; OLIVEIRA, M. R. MARTELOTTA, M. E. T. (Org.). *Linguística Funcional: teoria e prática*. Rio de Janeiro: DP&A / Faperj, 2003, v., p. 17-28.

KOERNER, E.F. K. **Toward a history of American linguistics**. London: Routledge, 2002.

LABOV, W. **Padrões sociolinguísticos**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008 [1972].

_____. *The overestimation of functionalism*. In: DIRVEN, R.; FRIED, V. **Functionalism in linguistics**. Amsterdam: John Benjamins B.V, 1994. P. 311-332.

_____. **Some principles of linguistic methodology**. *Language in Society*, v.1, abril de 1972, Cambridge University Press. p. 97-120.

LDB. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/CCIVIL_03/leis/L9394.htm>. Acesso em: 11 de maio de 2016.

LOPES, L.O.J. **A concordância nominal de número no português falado na zona rural de Santa Leopoldina/ ES**. 2014. 199f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos), Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória.

LUCCHESI, D. **Língua e sociedades partidas: a polarização sociolinguística do Brasil**. São Paulo: Contexto, 2015.

_____. **A hipótese do substrato no contexto da história sociolinguística do português popular do Brasil**. Disponível em: <www.scielo.edu.uy/scielo.php?pid=S2079-312X2014000200009>. Acesso em 01 de maio de 2016.

_____. Africanos, crioulos e a língua portuguesa. In: LIMA, I. S.; CARMO, L.(Org.). **História social da língua nacional**. Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa, 2008. p.151-180.

_____. **Sistema, mudança e linguagem: um percurso na história da linguística moderna**. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

LUCCHESI, D.; BAXTER, A.; RIBEIRO, I. (orgs.) **O português afro-brasileiro**. Salvador: EDUFBA, 2009.

MARRA, D.; MILANI, S. E. **A constituição interdisciplinar da Sociolinguística**. Disponível em: <propi.ifto.edu.br/ocs/index.php/connepi/vii/paper/view/2717/1937>. Acesso em: 13 de maio de 2016.

MDA. **Ministério do Desenvolvimento Agrário**. Território Cocais – Caxias/MA. Disponível em: <sit.mda.gov.br/download/ptdrs/ptdrs_qua_territorio034.pdf>. Acesso em: 13 de agosto de 2016.

MDS. **Ministério do Desenvolvimento Social**. Cadastro Único. Disponível em: <<http://aplicacoes.mds.gov.br/sagi/Rlv3/geral/index.php>>. Acesso em: 02 de agosto de 2016.

MESQUITA, B. A. **A crise da economia do babaçu no Maranhão (1920-80)**. Trabalho apresentado em fevereiro de 1998 na XVIII *Annual Student Conference of Latin America*, da Universidade do Texas, em Austin. Disponível em: <www.revistapoliticaspublicas.ufma.br/site/download.php%3Fid_publicacao%3D40+%amp;cd=2&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br>. Acesso em 03 de julho de 2016.

MILROY, L.; GORDON, M. **Sociolinguistics: method and interpretation**. Oxford, England: Blackwell Publishing, 2003.

MTE. Ministério do Trabalho e Emprego. **Cadastro Geral de Empregados e Desempregados – CAGED**. Disponível em: <www.caged.gov.br>. Acesso em: 12 de agosto de 2016.

NARO, A.J.; SCHERRE, M. M. P. **Origens do português brasileiro**. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

NEWMAYER, F.J. **História e Filosofia da Linguística**: uma entrevista com Frederick J. Newmeyer. *ReVEL*, vol. 8, n. 14, 2010. Tradução de Gabriel de Ávila Othero e João Paulo Cyrino. Disponível em: <www.revel.inf.br>. Acesso em 05 de julho de 2016.

Nossa Senhora d' Oropa (Oropa-Piemonte-Itália) 369. Disponível em: <[http://www.mariamaedaigreja.net/textos/Nossa%20Senhora%20d'Oropa%20\(369\)%20Piemonte%20It%C3%A1lia.pdf](http://www.mariamaedaigreja.net/textos/Nossa%20Senhora%20d'Oropa%20(369)%20Piemonte%20It%C3%A1lia.pdf)>. Acesso em 20 de maio de 2016.

OUSHIRO, L. **Dois pastel e um chopos: a concordância nominal e identidade(s) paulistana(s)**. *Revista de Estudos da Linguagem da UFMG*. V. 23, n. 02, 2015. Disponível em: <<http://periodicos.letras.ufmg.br/index.php/relin/article/view/6249>>. Acesso em 14 de junho de 2016.

PAGOTTO, Emílio Gozze. **Variação e (') identidade**. Maceió: EDUFAL, 2004.

PRADO JÚNIOR, C. **História econômica do Brasil**. São Paulo: Brasiliense, 2006.

PROJETO NOVA CARTOGRAFIA SOCIAL DA AMAZÔNIA. Série: Movimentos sociais, identidade coletiva e conflitos. Fascículo 8. **Quilombolas de Caxias do Maranhão**. Caxias, 2006. Disponível em: <novacartografiasocial.com/?wpdmact=process&did...> Acesso em 03 de maio de 2016.

SALGADO, S.S. **A concordância entre sujeito e predicativo do sujeito na fala da comunidade quilombola Muquém – AL**: estudo sócio-histórico linguístico. 2010. 141f. Dissertação (Mestrado em Linguística), Universidade Federal de Alagoas, Maceió.

SANKOFF, D.; TAGLIAMONTE, S. A.; SMITH, E. **Goldvarb X: a variable rule application for Macintosh and Windows**. Department of Linguistics, University of Toronto, 2005.

SAPIR, E. **Linguagem**: uma introdução do estudo da fala. São Paulo: Editora Perspectiva, 1980[1949].

SAUSSURE, F. **Curso de Linguística Geral**. 27^a ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

SHERRE, M. M. P. **Reanálise da concordância nominal em português**. 1988. 554f. Tese (Tese de Doutorado em Linguística) – Universidade Federal de Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

SHUY, R. W. **A Brief History of American Sociolinguistics: 1949-1989**. Publicado Revista Historiografia Linguística XVII:1/ 2. Amsterdam: John Benjamins B.V., 1990. p. 183-209.

TAGLIAMONTE, S. A. **Analysing sociolinguistic variation**. New York: Cambridge University Press, 2006.

TARALLO, F. **A pesquisa sociolinguística**. São Paulo: Ed. Ática S.A, 1986.

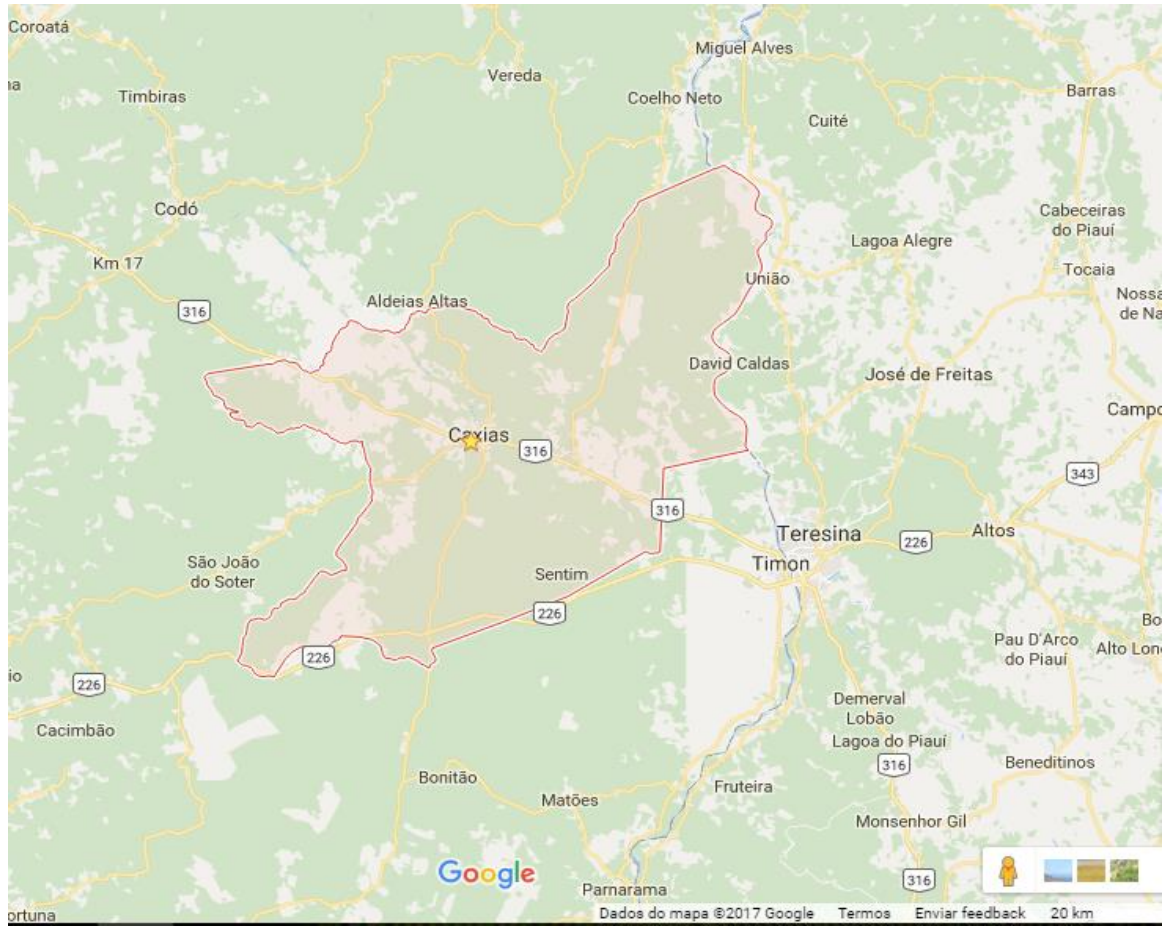
TEIXEIRA, C. M. G. **Ciclo de desenvolvimento da indústria têxtil em Caxias – MA**. 2003. 313 f. Dissertação (Mestrado em Economia) – Universidade de Campinas, São Paulo.

VAREJÃO, F.O.A. **Variação em estruturas de concordância verbal e em estratégias de relativização no português europeu popular**. 2006.187f. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa), Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

VIANA DE SOUSA, V. ALVES DA SILVA, J. A.; GUIMARÃES, M.A.S. **Variação na concordância nominal de número no português popular de Vitória da Conquista**: algumas evidências com base na sócio-história do português do Brasil. Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos. Revista Philologus, Ano 21, N° 63 – Supl.: Anais da X CNLF. Rio de Janeiro: CiFEFiL, set./dez.2015. Disponível em: <<http://www.filologia.org.br/rph/ANO21/63supl/0150.pdf>>. Acesso em 03 de julho de 2016.

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M.I. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006 [1968].

ANEXO A - Mapa de Caxias - MA



APÊNDICE A - Roteiro de entrevistas

ROTEIRO SEMIESTRUTURADO DA ENTREVISTA

* Inicialmente serão obtidos dados relativos ao perfil socioeconômico dos informantes (idade, sexo, naturalidade, escolaridade, ocupação profissional).

BAIRRO

Objetivos: descobrir o “grau de enraizamento” do informante no bairro onde vive/outros bairros; descobrir padrões de sociabilidade nos diferentes bairros; descobrir o “grau de mobilidade” da pessoa.

1. Há quanto tempo você mora no bairro Campo de Belém?
2. Você gosta de morar aqui?
3. Por que você escolheu morar neste bairro?
 - a. (Se o informante mora há bastante tempo) Como era o bairro antes/quando você se mudou pra cá? Mudou muito?
 - b. (Se o informante não mora lá há muito tempo, ou se nem sempre viveu ali) Em que outros lugares você já morou? Como era lá comparado com esse bairro aqui? Onde você preferia morar?
4. Você conhece seus vizinhos?
5. O que esse bairro tem de diferente de outros bairros na cidade?
6. Aqui costuma haver festas do bairro? Existe algum lugar no bairro em que as pessoas se reúnem?
7. As pessoas se ajudam se por aqui?
 - a. Se você precisa de ajuda, a quem você recorre? Se você ficar doente, a quem você pode pedir para tomar conta de sua família?
8. Com quais pessoas você tem mais contato?
9. Já aconteceu alguma coisa aqui que te fez pensar em se mudar?
10. Hoje, tem algum outro bairro em que você gostaria de morar?

INFÂNCIA

Objetivos: relaxar o informante (em geral, as pessoas gostam de falar de sua infância); obter informações sobre mudanças no bairro/cidade de Caxias; grau de mobilidade do informante; obter informações sobre escolaridade.

11. E como foi a sua infância? Você pode contar um pouco de como foi, o que você fazia...?

a. brincava na rua/dentro de casa? Do que vocês brincavam?

b. Como eram os seus pais? Eram rígidos...? Você tinha horário para estar em casa?

12. Você foi para a escola no mesmo bairro? Como era a escola? Você sempre estudou na mesma escola? Você gostava de ir para a escola? Tem algum professor que te marcou? Até que série você estudou? Você acha que a escola fornece aquilo que uma pessoa precisa para encontrar um emprego?

13. Enquanto ainda era criança/adolescente, você ia para outros lugares dentro da cidade de Caxias? (para onde, para fazer o quê...)

FAMÍLIA

Objetivos: obter informações sobre rede social do informante, grau de enraizamento no bairro/cidade

14. Você tem irmãos? Quantos anos eles têm?

15. Onde seus pais nasceram? (Se não são caxienses, perguntar também sobre avós, bisavós... até encontrar a primeira geração da família que veio para cá). Quantos anos eles (pais) têm? Quando seus (pais/avós/bisavós) vieram pra Caxias? Você sabe por que eles vieram?

16. E o resto da família, tios, primos, também vivem aqui em Caxias? (Se sim, em que bairros? Moram próximo? Se não, onde? Têm contato sempre?)

17. Você é casado? Você tem filhos? Quantos anos eles têm?

18. Com quem você mora?

19. Como é a vida em família hoje em Caxias?

a. (Para os mais velhos) É muito diferente de quando você era criança?

b. (Para os mais jovens) É muito diferente do que seus pais contam para você?

TRABALHO/OCUPAÇÃO

Objetivos: obter informações sobre rede social do informante; características socioeconômicas.

20. Você trabalha aqui por perto? (se não souber onde a pessoa trabalha)

21. O que você faz? Faz tempo que você trabalha nesse serviço? (se estuda, perguntar qual a instituição que frequenta e há quanto tempo)

22. Qual é a profissão dos seus sonhos?

23. Se você ganhasse na mega-sena, o que você faria?

24. As pessoas devem continuar trabalhando, mesmo se elas têm muito dinheiro?

LAZER

Objetivos: obter informações sobre rede social do informante; mobilidade na cidade; características socioeconômicas.

25. E nas horas de lazer, o que você e sua família gostam de fazer? (Se saem, vão para que lugares?) Você acha que a cidade de Caxias tem boas opções de lazer? Quais?

26. A maioria dos seus amigos mora aqui nesse bairro mesmo? (Se não, onde?)

27. Você tem alguma atividade de recreação em grupo, algum clube...?

28. Quais são seus amigos mais antigos? Você mantém contato com os amigos de colégio?

29. Você costuma viajar? Para que lugares já viajou? Que lugares gostaria de conhecer?

HÁBITOS RELIGIOSOS

30. É adepto de alguma religião, qual? (Solicitar que o informante relate sucintamente suas experiências religiosas)

31. Os familiares e amigos também são adeptos da mesma religião que a sua? Costumam ir juntos para os encontros religiosos?

MEIOS DE COMUNICAÇÃO

32. É habituado a assistir televisão? Com que frequência?

33. Tem acesso à internet? Através de qual (s) meio(s) e com que frequência?

34. Lê jornais ou revistas de grande circulação? Com que frequência?

APÊNDICE B - Modelo do Termo de Consentimento

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Título do estudo: “Variação linguística e fluxos migratórios: a concordância nominal de número na fala dos moradores do bairro Campo de Belém do município de Caxias - MA”

Pesquisador responsável: Virna Pereira Teixeira

Instituição/Departamento: Universidade Federal do Piauí, Campus Ministro Petrônio Portella/ Mestrado em Letras

Telefones da pesquisadora para contato: (099) 98844-9370

Local da coleta de dados: Residências dos moradores do bairro Campo de Belém de Caxias - MA

Prezado(a) Senhor(a):

Você está sendo convidado(a) a responder às perguntas deste questionário de forma totalmente **voluntária**. Antes de concordar em participar desta pesquisa e responder este questionário, é muito importante que você compreenda as informações e instruções contidas neste documento. Os pesquisadores deverão responder todas as suas dúvidas antes que você se decidir a participar. Você tem o direito de **desistir** de participar da pesquisa a qualquer momento, sem nenhuma penalidade e sem perder os benefícios aos quais tenha direito.

Objetivo do estudo: Descrever e analisar a variação na fala de moradores do bairro Campo de Belém de Caxias - MA.

Procedimentos. Sua participação nesta pesquisa consistirá apenas no depoimento e respostas às perguntas feitas pela pesquisadora em entrevista, questionamentos estes que versarão sobre fatos relativos aos hábitos culturais, religiosos, trabalho, família e naturalidade, entre outros temas que sejam consentidos espontaneamente pelo (a)entrevistado (a).

Benefícios. Esta pesquisa trará maior conhecimento sobre o tema abordado, sem benefício direto para você.

Riscos. Pesquisa com risco de grau mínimo, pois se trata de uma investigação que utilizará somente entrevistas com perguntas previamente elaboradas. Dentre os possíveis riscos pode-se apontar a possibilidade de constrangimento ao responder o questionário, desconforto, estresse, cansaço ao responder às perguntas e quebra de anonimato. Como forma de evitar tais riscos e preveni-los, serão adotados os seguintes procedimentos: os indivíduos receberão esclarecimento prévio sobre a pesquisa; a entrevista poderá ser interrompida a qualquer momento; leitura do TCLE, privacidade para responder o questionário; garantia de sigilo e participação voluntária.

Sigilo. As informações fornecidas por você terão sua privacidade garantida pelos pesquisadores responsáveis. Os sujeitos da pesquisa não serão identificados em nenhum momento, mesmo quando os resultados desta pesquisa forem divulgados em qualquer forma.

Declaro estar ciente e informado(a) sobre os procedimentos de realização do estudo, conforme explicitados acima e aceito participar voluntariamente da pesquisa.

Assinatura do Responsável

Assinatura do Pesquisador Responsável

Se você tiver alguma consideração ou dúvida sobre a ética da pesquisa, entre em contato: Comitê de Ética em Pesquisa – UFPI - Campus Universitário Ministro Petrônio Portella - Bairro Ininga, Centro de Convivência L09 e 10 - **CEP: 64049-550** - Teresina – PI, tel.: **(86) 3215-5734** - email: cep.ufpi@ufpi.edu.br web: www.ufpi.br/cep

